

## **RELATÓRIO 10 A**

**10ª SESSÃO:** *Silvae*, João Queiroz

6º Ano

(Grupo A)

Culturgest, 6 de Janeiro de 2011

## Índice

	Pág.
<b>RELATÓRIO DA DISCUSSÃO (Procedimentos)</b>	3
<b>Análise de relevância temática da discussão</b>	4
Leitura da obra	4
Agenda da Discussão	5
Discussão	7
T 1	8
T 2	9
T 3	10
T 4	12
T 5	14
T 6	16
Ligação entre telas	17
Destino	20
Disposição das telas	23
<b>Análise de relevância da discussão por género (Crianças-participantes e Adultos)</b>	25
Descrição da tela 1	26
Descrição da tela 2	27
Descrição da tela 3	28
Descrição da tela 4	30
Descrição da tela 5	31
Descrição da tela 6	33
Ligação entre telas	34
Qual a diferença entre o que é um objectivo e o que é um destino?	36
<b>Análise de relevância individual (Perspectiva <i>follow up</i>)</b>	39
<b>Análise etnográfica do registo de vídeo</b>	51
<b>Retratos e análise de participação por indivíduo (Crianças-participantes e Adultos)</b>	57
<b>CONCLUSÕES FINAIS</b>	62
<b>REGISTO D CONTROLO</b>	67
Análise do texto e enquadramento no espaço	68
Avaliação da sessão	69
Discussão	70
Observação participante	71
Avaliação da construção de teorias enraizadas	72
Avaliação do processo de pesquisa	73

## RELATÓRIO DA DISCUSSÃO

Os resultados apresentados no presente relatório referem-se a um grupo de 9 crianças-participantes (7 rapazes e 2 raparigas) com idades compreendidas entre os 10 e os 11 anos de idade, e 2 adultos: professor (CONV1) e investigadora (INV), que participaram numa Sessão de Filosofia que ocorreu no dia 6 de Janeiro de 2011, com a duração de 55 minutos e 56 segundos, na Culturgest (Lisboa).

O grupo supracitado pertence à turma do 6º ano de escolaridade do ano lectivo 2010/2011, e é constituída por um total de 10 crianças-participantes (8 rapazes e 2 raparigas).

### Procedimentos

A Sessão de Filosofia deste Relatório 10 A reporta-se ao que ocorreu numa das salas de exposição do pintor João Queiroz intitulada *Silvae*, e procurou manter o protocolo de Matthew Lipman assumido por esta investigação, contudo, necessitou de algumas adaptações que dessem resposta às solicitações das crianças-participantes.

Assim, tendo sido previamente seleccionada uma tela, os facilitadores viram-se confrontados com a indisposição das crianças-participantes em discutir a referida tela, pelo que, a Sessão acabou por abranger todas as telas presentes na sala de exposição (Figura 1).

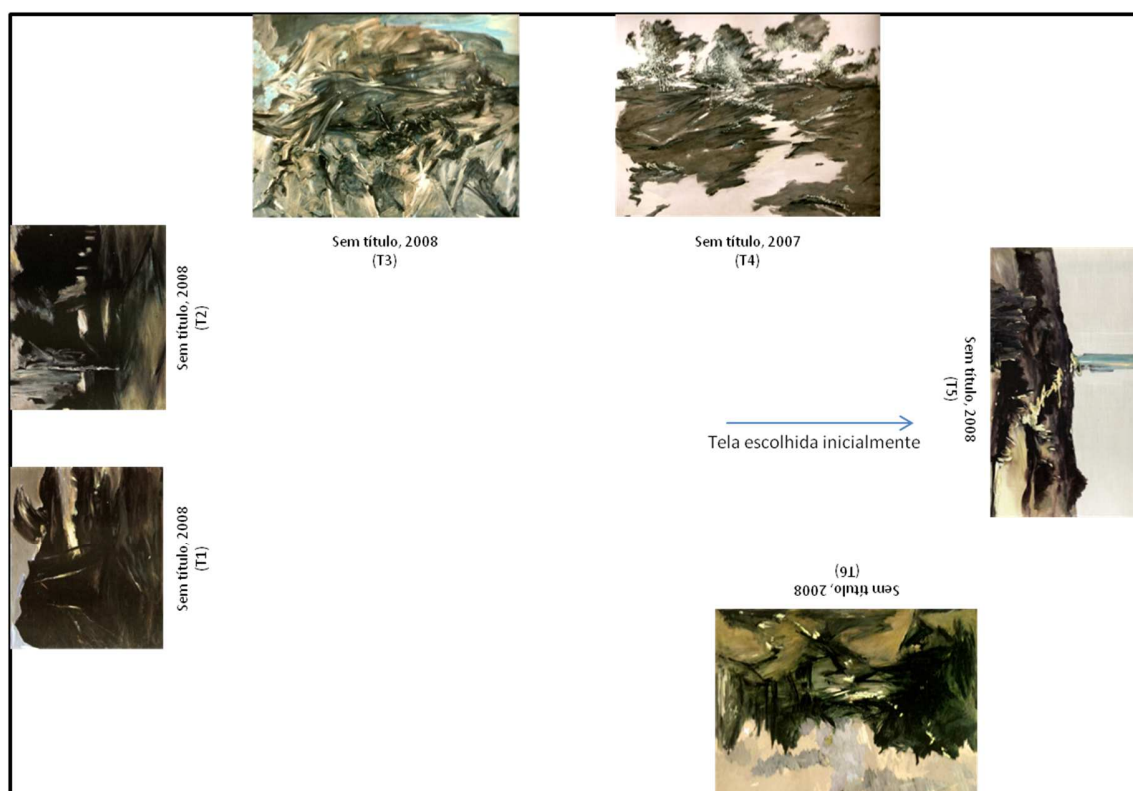


Figura 1 – Planta da sala (Esquema de colocação das telas)

## ANÁLISE POR RELEVÂNCIA TEMÁTICA

A ARTD resultou da análise da **Agenda da Discussão** (2ª Fase da Sessão) e da **Discussão** (3ª Fase da Sessão) e manteve os objectivos sinalizados no R1A: constituir uma visão de conjunto dos temas lançados na discussão pelas crianças-participantes, numa perspectiva *Grounded theory*.

Contudo, o facto de as crianças-participantes terem abrangido a totalidade das telas presentes na sala de exposição, demonstrou que se mantiveram focadas precisamente em definir cada uma das telas enquanto, simultaneamente, procuraram estabelecer possíveis ligações entre estas, através de um contexto de um teor narrativo.

Na análise do fenómeno em questão manteve-se o mesmo sistema de categorização anteriormente estabelecido: registar a organização natural da própria discussão por fases alternadas ou distintas (Categorização processual); observar a pertinência de um conteúdo-base representativo de um tópico que evidencie uma ideia, conceito ou fenómeno que circunscreva ou auxilie a teoria constituída (Categorização estrutural); investigar e registar os elementos descritivos da(s) obra(s) e que tipos de relações estabelecem entre si (Categorização descritiva); investigar e registar como é que na percepção e experimentação da Obra se relacionam estes elementos descritivos, ou seja, como é que se estabelece o fenómeno revelador da experiência estética (Categorização por valorização).

### Leitura das obras (1ª Fase)

A **Leitura das obras** teve a duração aproximada de 47 segundos.

A **Leitura das obras** iniciou-se com uma escolha individual ou em pequenos grupos da tela que se pretendia discutir. Perante a relutância das crianças-participantes em considerar para discussão apenas uma tela, foi decidido pela INV com o apoio do CONV1 que a discussão seria alargada às 6 telas presentes na sala, pelo que os participantes se posicionaram de modo a abranger o máximo de obras (Figura 2). Seguiu-se um momento de observação/reflexão individual em silêncio.

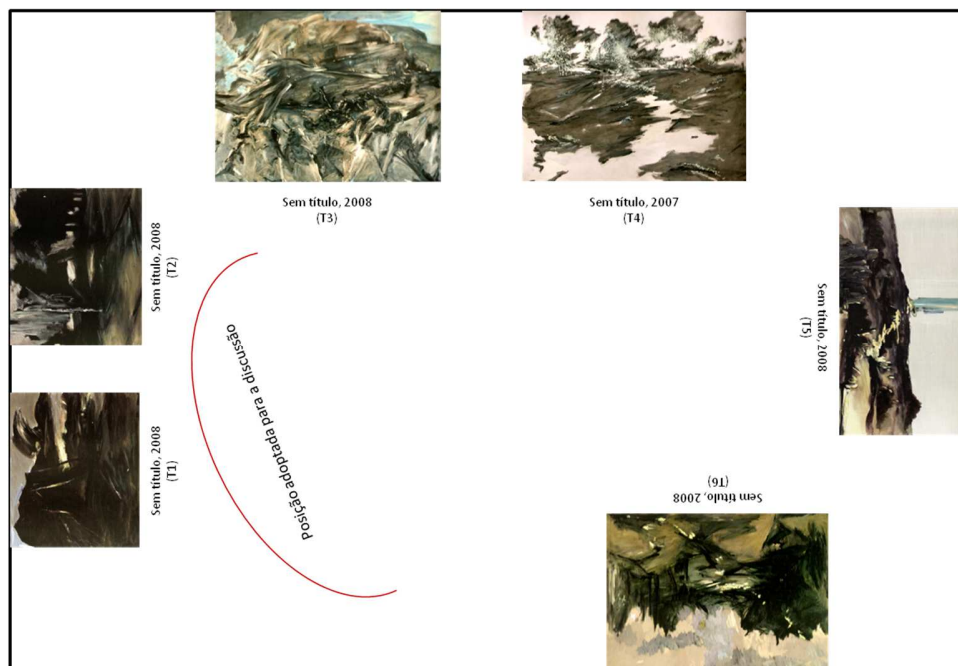


Figura 2 – Planta da sala (Esquema de colocação das telas)

## Agenda da discussão (2ª Fase)

Para a **Agenda de Discussão** foi registada uma duração aproximada de 7 minutos e 40 segundos.

Code: AGENDA DA DISCUSSÃO

Classificação: CATEGORIA PROCESSUAL (teorização activa)

Tendo em conta o contexto referido anteriormente, sobre a indisposição das crianças-participantes para discutir apenas uma tela dentro por isso sido abrangido todas as telas presentes na sala, ficou patente que a sua disposição para a **Discussão** se constituiu na própria **Agenda da Discussão**. Assim, **Agenda da Discussão**, que descreve a 2ª fase da Sessão, constituiu-se de 9 questões:

1. O que querará dizer aquela coisa de luz?	(Tela 5)	IND 9 (Masculino)
2. O que é aquilo amarelo, o caminho?	(Tela 5)	IND 5 (Masculino)
3. Porque é que isto está a acontecer numa floresta?	(Tela 5)	IND 11 (Feminino)
4. Porque é que estes quadros nesta sala estão, de alguma maneira, ligados?	(Tela 5/6)	IND 1 (Masculino)
5. Qual é que é a ligação?		IND 5 (Masculino)
6. Aquela coisa que ninguém sabe bem o que é, é o quê?	(Tela 5)	IND 8 (Masculino)
7. O que é que é aquilo, o que é que quer representar?	(Tela 3)	IND 5 (Masculino)
8. O que é que são aquelas pintinhas brancas?	(Tela 4)	IND 2 (Masculino)
9. Porque é que um lado está escuro e o outro lado está claro?	(Tela 3)	IND 11 (Feminino)

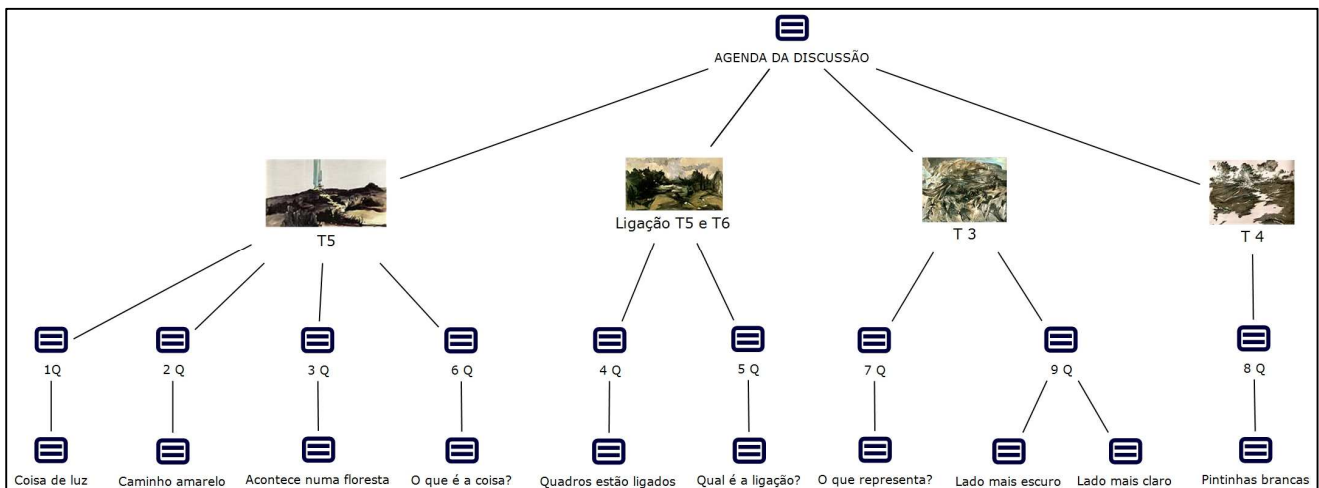


Figura 3 - Agenda da Discussão  
(Diagrama)

A categoria **Agenda da Discussão** (Figura 3) formou-se a partir de 9 questões iniciais que se associaram pela relação directa a uma ou mais telas, pela percepção dos elementos que as compõe ou, da ligação narrativa que poderá existir entre as mesmas, tendo-se optado por organizá-las em 4 grupos:

- Subcategoria **T5** (referente à tela 5), que agrega: a questão **1Q** que menciona *a coisa de luz*; a questão **2Q** que refere *um caminho amarelo*; a questão **3Q** preocupou-se em posicionar a hipotética acção numa *floresta*, e a questão **6Q** interroga directamente sobre a identificação do elemento que perturba a leitura da tela 5;

- A subcategoria **Ligação T5 e T6** (respectivamente referentes às telas 5 e 6) e que associa duas questões a **4Q** e a **5Q**, ambas referindo-se à possível *ligação* que possa haver entre estas telas;
- A subcategoria **T3** (referente à tela 3) agrega: a questão **7Q** que refere a preocupação em identificar o que é que a tela quer representar e a questão **9Q** que menciona a percepção na mesma tela de um *lado mais escuro* e outro *lado mais claro*;
- A subcategoria **T4** (referente à tela 4) diz respeito à questão **8Q** que menciona a necessidade de identificar *as pintinhas brancas* percebidas pela observação da tela.

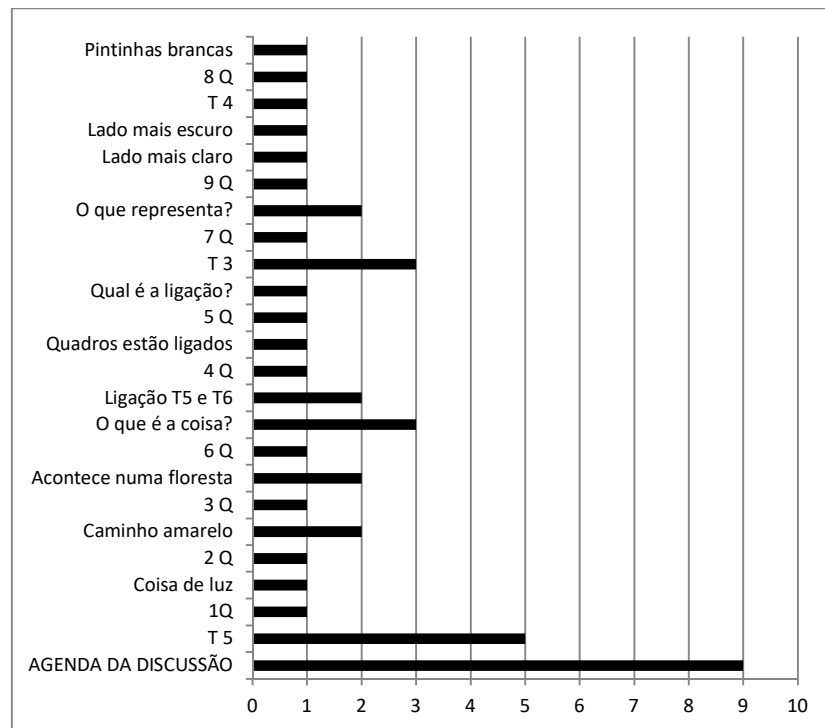


Tabela 1 - Agenda da Discussão  
(Relevância temática)

No que diz respeito à ARTD da categoria **Agenda da Discussão** (Tabela 1) constata-se:

- A subcategoria **T5** que associou questões relacionada com o interesse das crianças-participantes em compreender o significado dos elementos representados na tela, releva um grau de relevância médio, e as subcategorias a si associadas destacam-se as subcategorias **Caminho amarelo (2Q)**, **Acontece numa floresta (3Q)** e **O que é a coisa? (6Q)** com graus de relevância baixo;
- A subcategoria **Ligação T5 e T6**, que releva a necessidade de compreender que tipo de ligação associa as telas referidas, apresenta um grau de relevância baixo sendo que as restantes subcategorias a si associadas acusam graus de relevância algo diminutos;
- A subcategoria **T3** concentra as questões (7Q e 9Q) na mesma tela salientando a necessidade de compreender o que representa e se o seu lado mais escuro e o mais claro são alusivos a essa representação, sendo que releva um grau de relevância baixa; para as subcategorias a si associadas acusa graus de relevância algo diminutos;

- A subcategoria **T4**, com apenas uma questão a si associada (8Q), baseia-se na evidência de certos elementos cromáticos, pelo que revela um grau de relevância diminuto idêntico ao das subcategorias a si associadas.

### Discussão (3ª Fase)

Code: DISCUSSÃO

Classificação: CATEGORIA – Categorização processual (teorização activa)

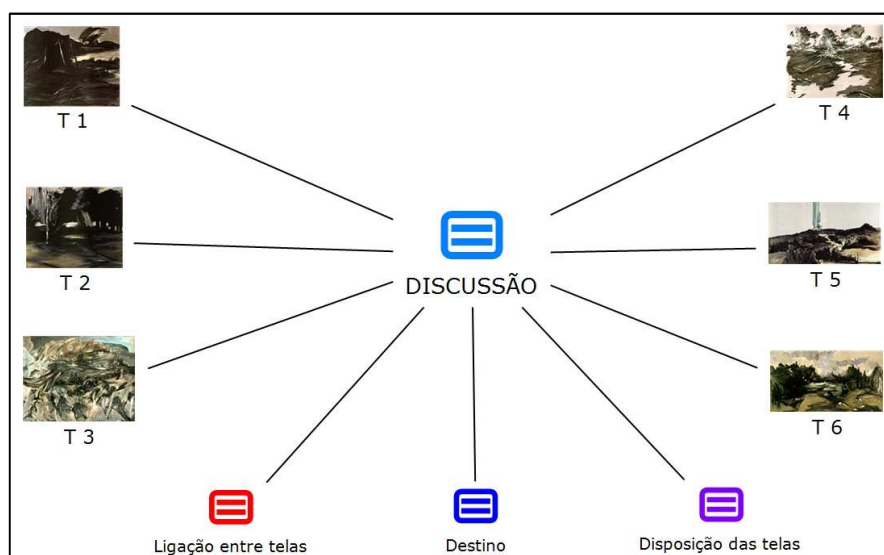


Figura 4 - DISCUSSÃO  
(Diagrama)

A categoria **Discussão** (Figura 4) caracteriza a 3ª Fase da Sessão, ou seja, a própria discussão.

Dado o carácter específico desta **Discussão** optou-se, num 1º momento, por criar categorias que ajudassem a compreender a leitura individual que as crianças-participantes fizeram das 6 telas presentes na sala, e que foram representadas pelas subcategorias **T1**, **T2**, **T3**, **T4**, **T5** e **T6**, bem como, pela relação que se estabelecem entre as mesmas através da subcategoria **Ligação entre telas**.

Assim, o 2º momento concentra-se na subcategoria **Destino** que surgiu de um modo mais decisivo após intervenção do CONV1 “Mas eu notei que quando falam dessa batalha [tela 3], vocês falam de um objectivo final, mas quando o [IND 1] falou daquele percurso falou de um destino final [tela 5]. E eu gostava então de colocar essa questão, como é que vocês equacionam a diferença entre o que é um objectivo e o que é um destino?”.

Num 3º e no último momento da sessão, perante a necessidade de as crianças-participantes se apropriarem da própria sala e reconstituírem a exposição de acordo com as suas próprias percepções e narrativas virtuais, o CONV1 questionou: “Já agora deixem-me perguntar-vos uma coisa, se vocês tivessem, cada um, que olhar para este conjunto de quadros que está nesta sala e dispô-los na sala, fariam a mesma disposição ou escolheriam uma disposição diferente?, ao que todas as crianças-participantes, sem excepção, assumiram que a disporiam de maneira diferente. Assim, foi registado a sequência com que colocariam as telas e que tipo de justificação sustentaria cada uma dessas alterações, o que deu origem a subcategoria **Disposição das telas**.

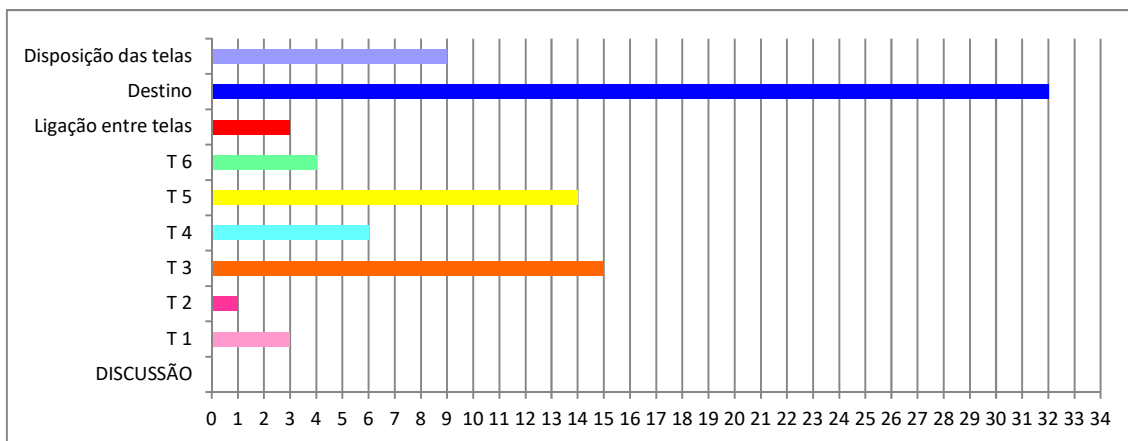


Tabela 2 – DISCUSSÃO  
(ARTD)

A ARTD da categoria **Discussão** (Tabela 2) verifica que a subcategoria **Destino** se distingue manifestamente, no que diz respeito ao seu grau de relevância, das restantes subcategorias. Assim, e uma vez que a categoria **Discussão** foi constituída de acordo com o seu carácter teórico, esta não acusa qualquer interesse de natureza directa.

## T 1

Code: DISCUSSÃO \ T 1

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização descritiva



Figura 5 – T 1  
(Diagrama)

A subcategoria **T1** (Figura 5) foi constituída apenas no final da **Discussão** no enquadramento de um retorno à **Ligação entre telas**. É necessário considerar que esta foi uma das duas telas que estiveram situadas atrás das costas das crianças-participantes, tendo em conta a formação em *meia-lua* anteriormente referida (Pág.4, Figura 2). Sendo assim, esta subcategoria não tem qualquer questão associada à da **Agenda da Discussão**. A primeira referência que lhe foi feita derivou da subcategoria **Escuridão**, como extensão do seu lado escuro da tela **T3** que se estende à “escuridão que está atrás de nós.” IND1 (Masculino), sendo que esta escuridão a que o IND1 se refere são as telas **T1** e **T2**. Posteriormente, surge a necessidade de definir o que a figura na tela representa que se assemelha a uma *tenda* ou a *apenas dois paus* presos e que assim formam um triângulo, e constituem a subcategoria **Tenda**. As intersecções externas (Figura 5) reflectem a natureza da sua

constituição enquadrada na questão que referencia o *lado escuro* desenvolvida na subcategoria **Ligação entre telas** (Pág.17-20).

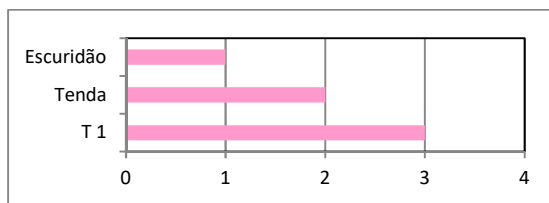


Tabela 3 – T 1  
(ARTD)

No que diz respeito à ARTD da subcategoria **T1** (Tabela 3) constata-se que a mesma, bem como as subcategorias a si associadas, salienta a importância diminuta que as crianças-participantes apresentaram nas suas intervenções. Todavia, mantém-se em referência que a tela em questão estava situada nas costas das crianças-participantes durante a discussão, e que posteriormente, no trabalho feito na sala de aula foi devidamente referida e enquadrada em diversas narrativas.

## T 2

Code: DISCUSSÃO \ T 2

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização descritiva

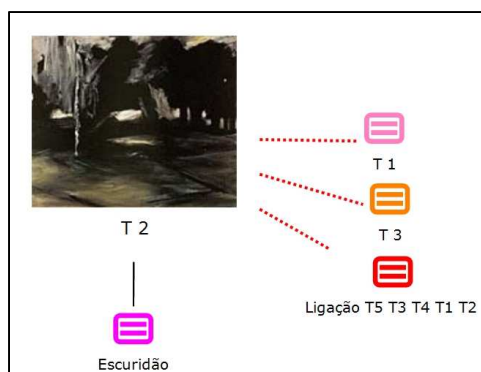


Figura 6 – T 2  
(Diagrama)

A subcategoria **T2** (Figura 6) surge no mesmo contexto da subcategoria **T1** (Figura 5), constituída apenas no final da **Discussão** num enquadramento de retorno à **Ligação entre telas**. A subcategoria **T2** apresenta uma estrutura bastante simplificada com uma única subcategoria **Escuridão** igualmente referenciada como da tela 3, do seu lado escuro que se estende à “escuridão que está atrás de nós.” IND1 (Masculino). As intersecções externas (Figura 6) que a subcategoria **T2** apresenta reflectem a natureza da sua constituição idêntica à da subcategoria **T1**, o *lado escuro*, e é enquadrada, dentro do mesmo contexto, na subcategoria **Ligação entre telas** (Pág.17-20).

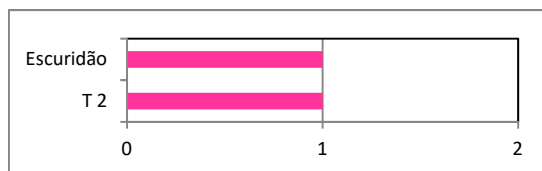


Tabela 4 – T 2  
(ARTD)

Há semelhança da ARTD da subcategoria **T1** (Tabela 3), a subcategoria **T2** (Tabela), apresenta um grau de relevância diminuto. Para esta subcategoria reporta-se, de igual modo, o facto de a tela em questão ter estado situada nas costas das crianças-participantes durante a discussão, mas que posteriormente, no trabalho feito na sala de aula foi devidamente referida e enquadrada em diversas narrativas.

### T 3

Code: DISCUSSÃO \ T 3

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização descritiva

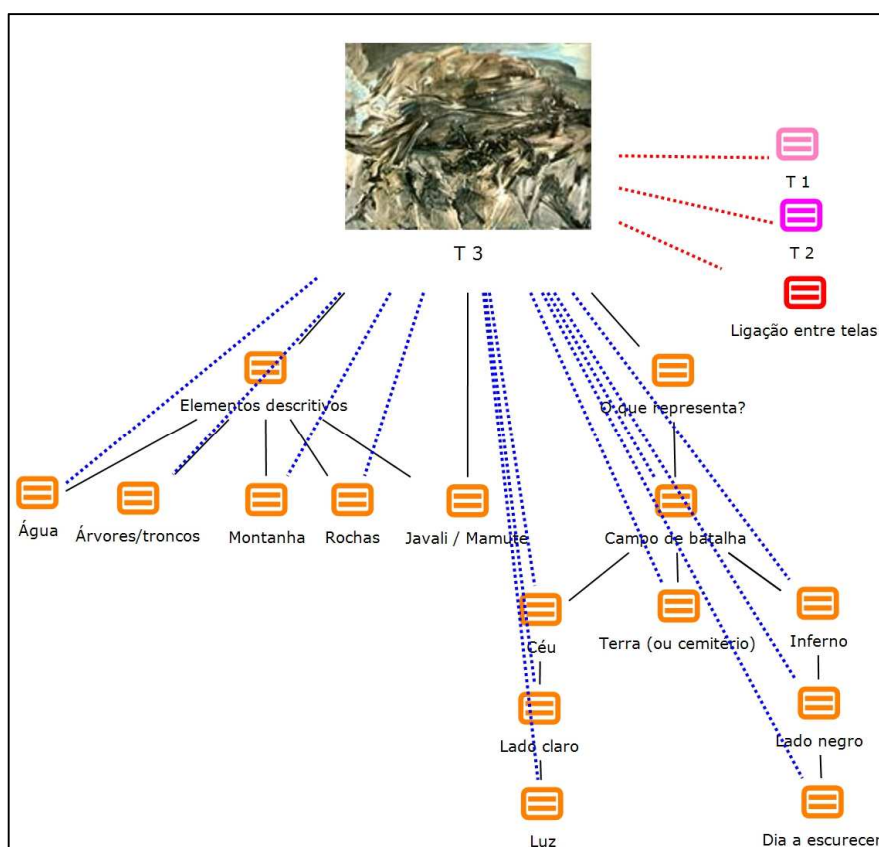


Figura 7 – T 3  
(Diagrama)

No contexto da descrição das telas discutidas, a tela que corresponde à subcategoria **T3** (Figura 7) foi a que apresentou a estrutura mais complexa e diversificada da **Discussão**.

A sua entrada na **Discussão** surge directamente de duas das questões que surgiram na **Agenda da Discussão**, questão **7Q** com a preocupação com o que representa e a questão **9Q** que se constitui da preocupação pelo contraste que a própria tela apresenta, ou seja, um lado mais escuro e outro mais claro. Assim, achou-se pertinente estruturar esta subcategoria tendo em conta as principais preocupações sugeridas pelo discurso das crianças-participantes e com estas constituir as suas subcategorias, ou seja, a subcategoria que agrega os seus **Elementos descritivos** e a subcategoria que se estabelece a partir da questão **O que representa?**.

A subcategoria **Elementos descritivos** introduz a necessidade de nomear, mesmo que hipoteticamente, os elementos que percepcionados “Um sítio com água, parece que daquela espécie de montanha lá ao fundo está a cair água, para um sítio com água, com ramos ali a flutuar, é uma espécie de lago, pântano, com água a cair, parece um sítio cheio de rochas, bocados de árvores que caíram, água a sair de vários sítios.” IND 8 (Masculino) e que, posteriormente, foi agregando nas várias intervenções outros elementos tendo-se assim, constituiu-se das seguintes subcategorias: **Água; Árvores/Troncos; Montanha; Rochas; e Javali/Mamute**.

A subcategoria **O que representa?** apresenta-se como a natural necessidade de criar um cenário narrativo hipotético, onde os elementos referidos apresentam-se como sujeitos de uma determinada acção ou constituintes de um cenário onde uma provável acção se desenrola. Neste contexto o cenário foi determinado como sendo um **Campo de batalha** entre a escuridão e a luz, ou seja entre o **Céu** ou **Lado Claro** onde se verifica a presença da **Luz** (lado direito da tela) e o **Inferno**, o **Lado negro** da tela onde se presencia a possibilidade do **Escurecer do dia** (lado esquerdo da tela considerado como o mais escuro da tela e que ganha continuidade nas telas **T1** e **T2**).

A subcategoria **Terra (ou cemitério)** surge como resposta à intervenção do CONV1 que pediu um melhor enquadramento da intervenção do IND9 “Mas o [IND 9] quando nos deu as impressões que lhe suscitaram este quadro, falou precisamente no espaço entre o céu e o inferno. Que espaço será esse que se situa entre o espaço e o inferno, entre a luz e as trevas?”.

A subcategoria **T3** apresenta intersecções externas com as subcategorias **T1** e **T2** no sentido em que estas reflectem a continuidade do seu “lado escuro”, e uma forte presença nas subcategorias que estruturam a subcategoria **Ligação entre telas** (Pág.17-20). Nesta última ligação pode-se verificar a forte importância perceptiva e narrativa que as crianças-participantes deram à tela **T3**.

Verifica-se, com igual pertinência, a forte ligação das intersecções internas (Figura 7) da tela **T3** com as suas subcategorias constituídas de termos retirados das intervenções das crianças-participantes e que lhe concederam sentido.

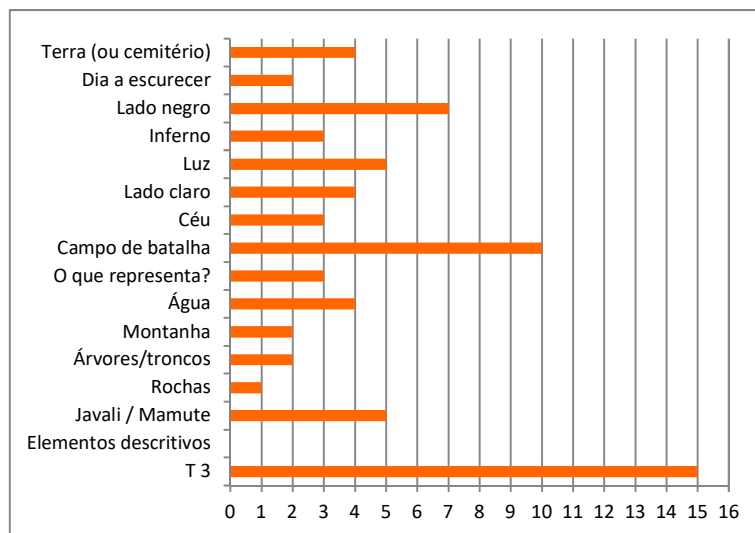


Tabela 5 – T 3  
(ARTD)

No que diz respeito à ARTD da subcategoria **T3** (Tabela 5) constata-se que a subcategoria **T3** apresenta um grau de relevância elevado. A subcategoria **Elementos descritivos** deve ser considerada de natureza teórica e apenas agregadora de sentidos pelo que não se considerou representativa de qualquer grau de relevância. Contudo, das subcategorias a si associadas, apesar do seu grau de relevância se apresentar do quase irrelevante à média-baixa, pode-se verificar que a subcategoria **Água** e **Javali/Mamute** se destacam nas intervenções que as crianças-participantes apresentaram. A subcategoria **O que representa?** com um grau de relevância média-baixa, apresenta a subcategoria **Campo de batalha** com uma relevância alta, sendo que a subcategoria **Céu** apresenta um grau de relevância baixo mas a subcategoria **Luz**, a si associada, apresenta um grau de relevância média-baixa; para a subcategoria **Inferno** com um grau de relevância igualmente baixo destaca-se a subcategoria **Lado negro**, a si associada, com uma relevância média-alta. Por último, a subcategoria **Terra (ou cemitério)** apresenta um grau de relevância média-baixa.

#### T 4

Code: DISCUSSÃO \ T 4

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização descritiva e Categorização por valorização

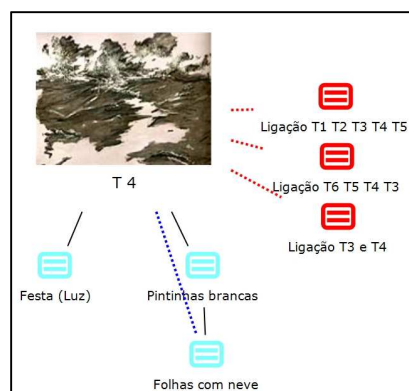


Figura 8 – T 4  
(Diagrama)

A subcategoria **T4** (Figura 8) foi constituída directamente de uma das questões que surgiram na **Agenda da Discussão**, questão **8Q** que se baseia na preocupação pela evidência de certos elementos cromáticos.

A subcategoria **T4** apresenta uma estrutura muito idêntica à subcategoria **T1**, simplificada e de pouca relevância.

A primeira referência que lhe foi feita derivou directamente da questão e da necessidade de definir o que poderia representar as **Pintinhas brancas**, pelo que ficou determinado que seria então **Folhas com neve** “Acho que são folhas com neve, porque o branco dá impressão de ser neve que caiu nos ramos das árvores e fica com as folhas (brancas).” IND 8 (Masculino).

Tendo sido estabelecida a nomeação dos elementos representados, no final da discussão, e no contexto na subcategoria **Ligação entre telas** surge a estrutura narrativa de ligação entre a tela **T3** e a **T4**, que nos oferece a leitura representação de criação de sentido através da subcategoria **Festa (Luz)** “Eu acho que este aqui [**T4**], parecem pessoas a festejar. Acho que eram pessoas que estavam ali [**T3**], acabou a guerra e eles ganharam.” IND 2 (Masculino).

As intersecções externas reflectem a natureza da narrativa associada à tela **T4**, que no contexto da Discussão ficou muito associada a uma suposta *festa após o final de uma guerra* e por isso, as várias ligações a subcategorias desenvolvida na subcategoria **Ligação entre telas** (Pág.17-20).

A única intersecção interna (Figura 8) enquadra-se na fase de estruturação dos elementos nomeados e que conferem sentido ao que está a ser percebido, ou seja, para esta tela as crianças-participantes nomearam que se tratava de uma paisagem que representa *uma floresta com neve*.

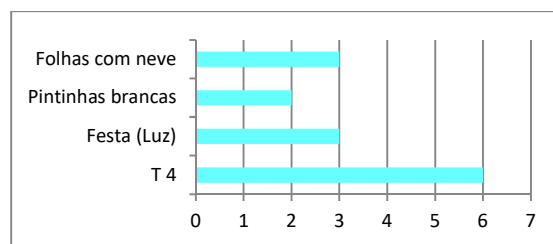


Tabela 6 – T 4  
(ARTD)

No que diz respeito à ARTD da subcategoria **T4** (Tabela 6) constata-se que a mesma apresenta um grau de relevância médio. No que diz respeito às subcategorias a si associadas: **Festa (Luz)**, **Pintinhas Brancas** e **Folhas com neve**, apresentam graus de relevância semelhantes, ou seja, baixos.

## T 5

Code: DISCUSSÃO \ T 5

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização descritiva

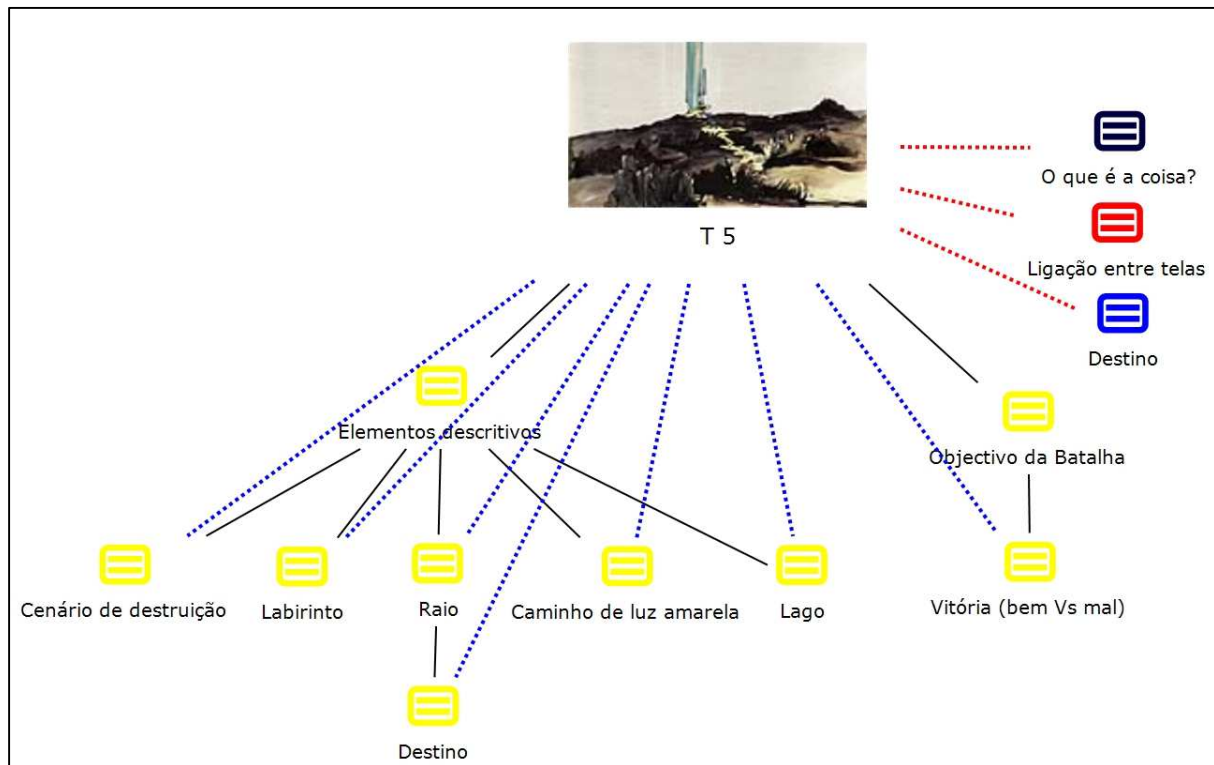


Figura 9 – T 5  
(Diagrama)

No contexto da descrição das telas discutidas, a tela **T5** (Figura 9) apresentou uma estrutura complexa e diversificada. A sua entrada na Discussão surge da convergência de 5 questões das 9 questões que surgiram na **Agenda da Discussão**: a questão **1Q** que refere a necessidade de esclarecer o que é a *coisa de luz*; a questão **2Q** refere a necessidade de definir um elemento discriminado pela cor *amarela* e designado por *caminho*; a questão **3Q** questiona a hipótese de acção ocorrer *numa floresta*; a questão **4Q** questiona a ligação entre os quadros presentes na sala e por fim, a questão **6Q** retoma o assunto da primeira questão mas, agora, focada na sua função.

Tal como foi referido para a subcategoria **T3**, a subcategoria **T5** foi igualmente estruturada tendo em conta as preocupações sugeridas pelo discurso das crianças-participantes, ou seja, constituir a subcategoria que agrega os seus **Elementos descritivos** e a subcategoria **Objectivo da batalha** que se estabelece a partir das várias intervenções interpretativas das crianças-participantes e que agregam alguns dos elementos que surgem dos discursos associados à descrição dos elementos.

A subcategoria **Elementos descritivos** distingue-se da necessidade de nomear, mesmo que hipoteticamente, os elementos que percebidos. A preocupação passa pela descrição do acontecimento que constitui em si a paisagem, ou seja, trata-se de um **Cenário de destruição**, um possível **Labirinto** “Estava a pensar sobre aquela obra que vimos no outro museu que é

o labirinto<sup>1</sup>. Eu acho que também dá para ligar essas duas que é, para mim é um caminho, o amarelo, e o raio azul é o nosso destino. Esse é o caminho certo e aquele, o que está escuro, é aquilo que nós vemos que está ali, mas que não chegamos lá.” IND1 (Masculino), ou uma muralha onde se destaca um **Raio** que poderá ser indicador do rastilho de uma explosão ou, pelo contrário, o indicador de um caminho certo que nos aponta o **Destino**, e neste caso, o **Caminho de luz amarela** é referido como o caminho certo para sair da batalha ou o rasto molhado de alguém que saiu de um **Lago**.

A subcategoria **Objectivo da Batalha** apresenta-se como a natural necessidade de desenvolver um cenário narrativo hipotético, que conjugue ou não, alguns dos elementos descritos, assim, “Sobre aquele quadro, eu acho que aquilo pode levar ao objectivo da batalha, a vitória. Aquilo ali é a muralha e eu acho que a razão da batalha é aquele envolvimento que a luz e as trevas têm: sem luz não há trevas e sem trevas não há luz.” IND1 (Masculino), ou ainda “acho que a ligação é que aquilo é como se fosse o caminho a sair desta batalha, e toda a gente quer chegar lá, que é para poder viver.” IND8 (Masculino).

Tal como se verificou na subcategoria **T3**, a subcategoria **T5** (Figura 9), apresenta uma ligação consistente com das intersecções internas o que certifica o sentido intenso do discurso das crianças-participantes acerca da mesma. No que diz respeito às intersecções externas a subcategoria **T5** apresenta ligação à subcategoria **O que é a coisa?** associada à questão **6Q** da **Agenda de Discussão**, à grande maioria das subcategorias da subcategoria **Ligação entre telas** e, talvez a mais importante das ligações, a subcategoria **Destino**, denunciando assim a forte presença da subcategoria no somatório da discussão.

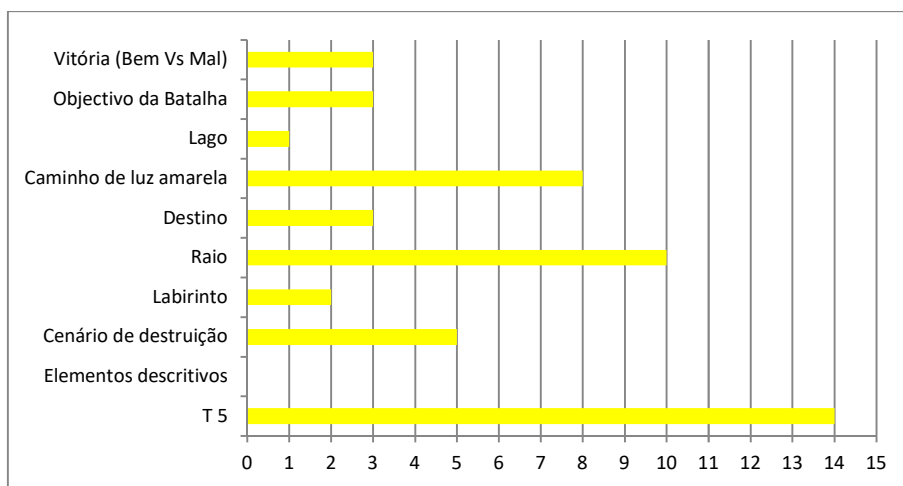


Tabela 7 – T 6  
(ARTD)

No que diz respeito à ARTD da subcategoria **T5** (Tabela 7) constata-se que a própria subcategoria **T5** apresenta um grau de relevância elevado. Tendo em conta que no início esta tela tinha sido recusada para a Discussão, não deixa de ser pertinente salientar que no interesse que revelou durante toda a Discussão. Provavelmente, seria a única das telas que naquele enquadramento causava algum mal-estar apenas descrito pelas narrativas que lhe foram associadas: cenário de destruição de uma batalha do bem contra o mal e para salvaguardar algum bem-estar, um raio e um caminho que poderão indicar o caminho para o **Destino**.

<sup>1</sup> CCB, Joana Vasconcelos, *Jardim do Éden (Labirinto)*

A subcategoria **Elementos descritivos** deve ser considerada de natureza teórica e apenas agregadora de sentidos pelo que não se considerou representativa de qualquer grau de relevância, porém, das subcategorias a si associadas, a subcategoria **Cenário de Destruição** apresenta um grau de relevância média-baixa; a subcategoria **Labirinto** apresenta um grau de relevância muito baixo; a subcategoria **Raio** destaca-se com uma relevância alta e a subcategoria a si associada **Destino** apresenta uma relevância baixa; a subcategoria **Caminho de luz amarela** apresenta um grau de relevância média-alta e por último, a subcategoria **Lago**. A subcategoria **Objectivo da Batalha** com um grau de relevância baixa, bem como a subcategoria **Vitória (Bem vs Mal)** a sai associada, poderão indicar que o assunto em si, o desfecho do entendimento da paisagem em questão, a tela **T5** manteve-se em aberto.

## T 6

Code: DISCUSSÃO\T 6

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização descritiva

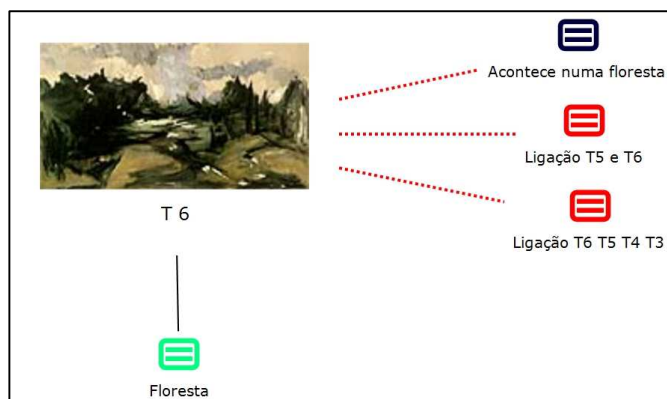


Figura 10 – T 6  
(Diagrama)

A subcategoria **T6** (Figura 10) surge no início na **Agenda da Discussão** associada à subcategoria **Ligação T5 e T6**.

A subcategoria **T6** apresenta uma estrutura bastante simplificada com uma única subcategoria **Floresta** “(...) ali [T6] é uma floresta normal, tem ar de ser simpática.” IND10 (Masculino). As intersecções externas (Figura 10) que a subcategoria **T6** apresenta reflectem a natureza da sua constituição associada à **Agenda da Discussão** através da subcategoria **Acontece numa floresta**, e é posteriormente enquadrada no mesmo contexto a subcategorias da subcategoria **Ligação entre telas** (Pág.19-22).

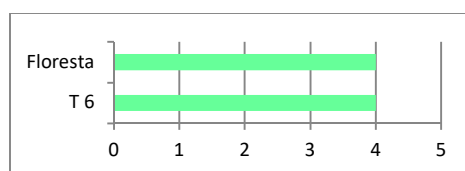


Tabela 8 – T 6  
(ARTD)

A ARTD da subcategoria **T6** (Tabela 8), tanto a subcategoria **T6** como a sua única subcategoria apresentam relevâncias semelhantes e de grau média-baixa. A relação que as crianças-participantes estabeleceram com esta tela revela a relação

que as crianças-participantes estabeleceram com esta tela, isto é, foi essencialmente uma ligação de correspondência com os vários contextos narrativos criados, não tendo isoladamente ganho grande expressividade

### Ligação entre as telas

Code: DISCUSSÃO \ Ligação entre as telas

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização descritiva e Categorização por valorização

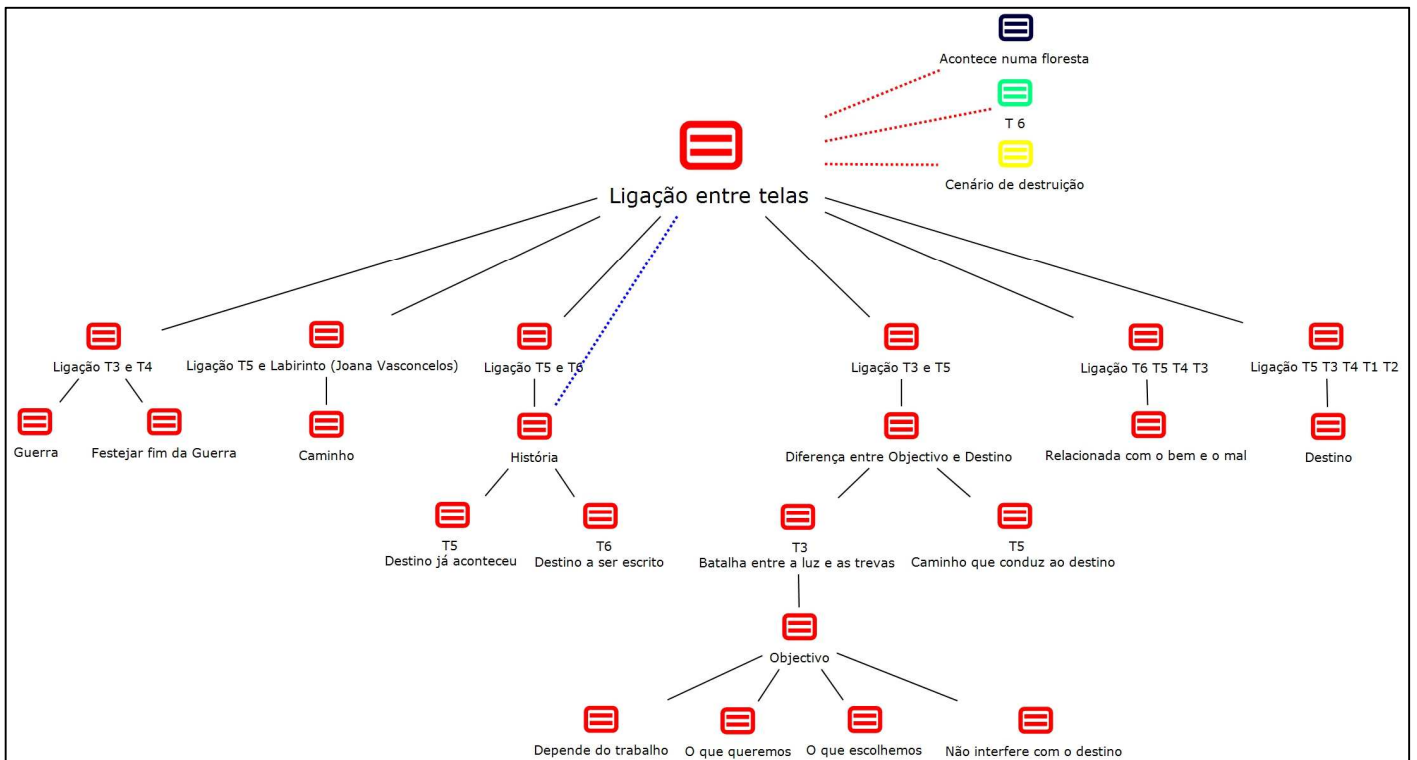


Figura 11 – Ligação entre as telas (Diagrama)

Logo no início, aquando da recusa das crianças-participantes em discutirem apenas uma tela e anunciarem o desejo de escolher outras, e na própria **Agenda de Discussão** através das questões **5Q** e **6Q**, anunciada a forte possibilidade de se passar por este enredo estruturado pela subcategoria **Ligação entre telas** (Figura 11).

Ao longo da Discussão podemos verificar que este tipo de argumentação surgiu mais como um discurso individual e com pouca ou nenhuma necessidade de contra-argumentação. Houve alguns momentos de complementaridade argumentativa, de facto, verificou-se um entendimento de o grupo que gostaria de denominar de *ordem superior*: o modo como cada um observava determinada obra, ou as possíveis ligações entre obras, tendo sido respeitado mesmo quando fora de um entendimento consensual.

A propósito desta subcategoria coloco a hipótese de a obra de arte proporcionar uma leitura e uma contextualização de tal modo individualizada que promove o respeito e a autoridade de opinião sem que esta anule ou suprima qualquer outra. Nos aspectos estruturais para Lipman: o pensamento crítico, criativo e interventivo encontrou nesta sessão, e até agora, o seu exponencial máximo. Assim, passasse à apresentação das subcategorias que emergiram:

- **Ligação T3 e T4:** abre duas subcategorias **Guerra** e **Festejar fim da guerra**, narrativa que se reviu na intervenção “Eu acho que este aqui [T4], parecem pessoas a festejar. Acho que eram pessoas que estavam ali [T3], acabou a guerra e eles ganharam. Por isso também tem ligação.” IND2 (Masculino);
- **Ligação T5 e Labirinto (Joana Vasconcelos):** momento essencial de sinalização de uma vivência de outra experiência que foi prolongada e testada num novo cenário “Estava a pensar sobre aquela obra que vimos no outro museu que é o labirinto. Eu acho que também dá para ligar essas duas [obra de Joana Vasconcelos e T5] que para mim é um caminho, o amarelo, e o raio azul é o nosso destino. Esse é o caminho certo e aquele, o que está escuro, é aquilo que nós vemos que está ali, mas que não chegamos lá.” IND1 (Masculino);
- **Ligação T5 e T6:** a ligação entre esta tela é directamente referida como uma história “A pergunta da floresta é porque primeira a floresta era [T6] e um dia podia ter acontecido qualquer coisa, tipo uma explosão e ficou naquele estado [T5]. É um pouco como as coisas ficam quando são destruídas. Acho que é essa, mais ou menos, a ligação, como numa história.” IND IND7 (Feminino), ou seja, a tela **T6** é o **Destino a ser escrito**, enquanto a tela **T5** representa um **Destino que já aconteceu**;
- **Ligação T3 e T5:** esta ligação surge directamente da intervenção do CONV1, anteriormente exposta (Pág.8), e que demarcou a entrada efectiva da subcategoria **Destino** “Mas eu notei que quando falam dessa batalha [tela 3], vocês falam de um objectivo final, mas quando o [IND 1] falou daquele percurso falou de um destino final [tela 5]. E eu gostava então de colocar essa questão, como é que vocês equacionam a diferença entre o que é um objectivo e o que é um destino?”. Assim, a subcategoria **Diferença entre objectivo e Destino** trouxe à superfície a interpretação directa daquilo que as crianças-participantes entenderam ser a tela **T3**, ou seja, a **Batalha entre a luz e as trevas** através da qual definiram o que entendem por **Objectivo**, como algo que depende do modo como desempenhamos *o nosso trabalho, do que queremos e do que escolhemos* e que *não interfere com o destino*; e a tela **T5** como o **Caminho que conduz ao destino**;
- **Ligação T6 T5 T4 T3:** primeira referência à necessidade de inverter a ordem de leitura das telas e em que a narrativa de ligação está **Relacionada com o bem e o mal** “Eu agora, como estavam a falar essas coisas entre o bem e o mal, eu notei, sem pensar, que isto aqui é mais ou menos: ali [T6] é uma floresta normal, tem ar de ser simpática. Aquilo [T5] é uma coisa já toda destruída, e tem uma coisa que não sabem muito bem o que é que é, parece ser mais o bem e o mal. Ali [T4] é uma floresta com um sítio com neve. E aqui [T3] são imensos troncos a andar na água, coisas destruídas. E acho que é o bem e o mal, o bem e o mal. E acho que é mais ou menos essa ligação, ao contrário.” IND 8 (Masculino);
- **Ligação T5 T3 T4 T1 T2:** Define através das telas uma narrativa que nos oferece o percurso sinóptico da definição de **Destino** “Eu acho que a ligação é assim, aquilo é um ponto de vista, o destino [T5]. Aquilo é um campo de batalha [T3]. Ali significa a luz [T4] que está daquele lado [extensão a T3]. Aquilo ali é a escuridão que está atrás de nós [T3 que se estende a T1 e T2].” IND1 (Masculino)

A única intersecção interna (Figura 11) reflecte a natureza da narrativa dos discursos que após terem assimilado a natureza dos elementos descritivos procuram dar-lhe o contexto e esse é de facto numa **História** que se conta. As intersecções externas revelam que a natureza de ligação entre as telas em exposição surge desde o início na **Agenda da Discussão** e agrega a generalidade daquilo que de facto se percebe através da subcategoria **Acontece numa floresta**,

ainda associada a este início a ligação inicial com a tela **T6** e o facto de o cenário ter sido identificado com uma **Floresta**, e por último, a associação a um **Cenário de destruição**. As intersecções externas demonstram como, no que diz respeito à natureza do cenário, se apresentam inseridas numa aparência generalista e simultaneamente convergente.

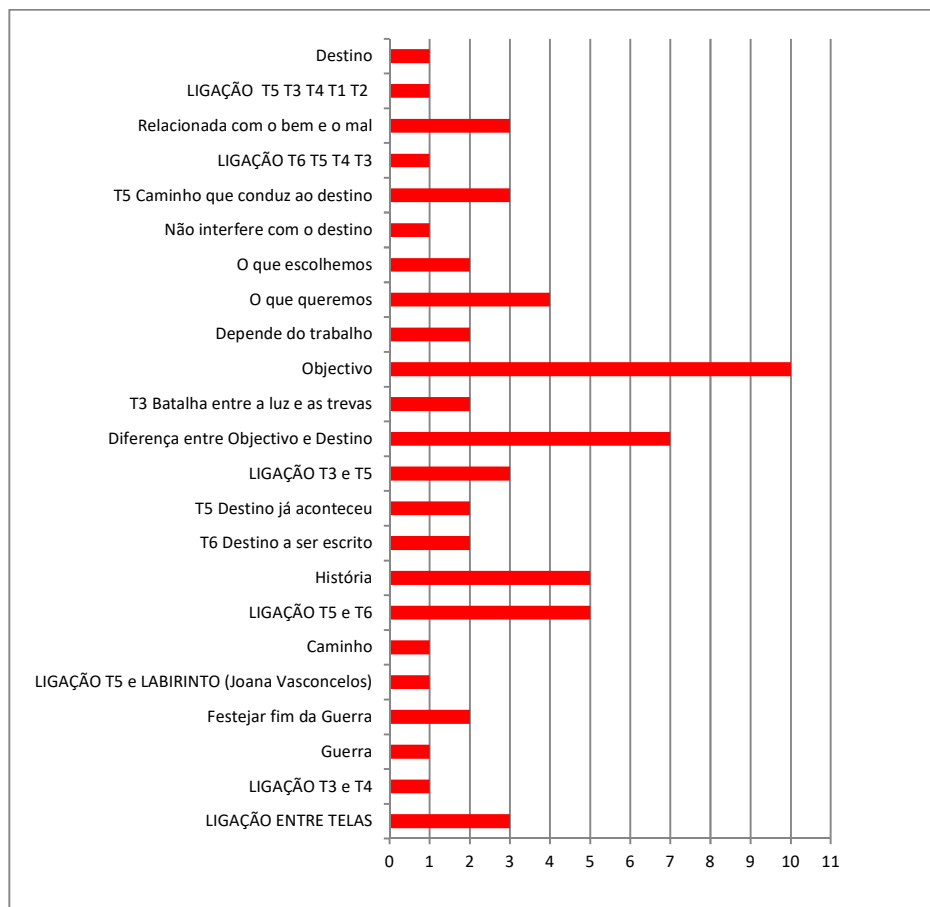


Tabela 9 - Ligação entre as telas (ARTD)

A ARTD da subcategoria **Ligação entre telas** (Tabela 9) revelou que a própria subcategoria teve uma relevância baixa.

No que diz às suas subcategorias podemos referir que:

- **Ligação T3 e T4, Guerra e Festejar fim da guerra** apresentam graus de relevância baixos;
- **Ligação T5 e Labirinto (Joana Vasconcelos) e Caminho** apresentam graus de relevância diminutos;
- **Ligação T1 T2 T3 T4 T5**, bem como a subcategoria **Destino** apresentam graus de relevância praticamente irrelevantes;
- **Ligação T5 e T6**, bem como a subcategoria **História** a si associada apresentam uma relevância média-baixa, a subcategoria **T6 Destino a ser escrito** e a subcategoria **T5 Destino que já aconteceu** apresentam, ambas, graus de relevância muito baixos;
- **Ligação T3 e T5** apresenta um grau de relevância baixo, a subcategoria a si associada **Diferença entre Objectivo e Destino** apresenta um grau de relevância médio, a subcategoria **T3 Batalha entre a luz e as trevas** apresenta um grau de relevância muito baixo mas a subcategoria para a qual se estende **Objectivo** apresenta uma de relevância média-alta, por sua vez esta última subcategoria estende-se ainda à subcategoria **Depende do trabalho** com uma

relevância muito baixa, **O que queremos** com uma relevância baixa, **O que escolhemos** com uma relevância muito baixa e ainda, **Não interfere com o destino** com uma relevância diminuta; e a tela **T5 Caminho que conduz ao destino** apresenta um grau de relevância baixo;

- **Ligação T6 T5 T4 T3** apresenta um grau de relevância irrelevante e a sua subcategoria **Relacionada com o bem e o mal** apresenta um grau de relevância baixo;
- **Ligação T5 T3 T4 T1 T2**, bem como a subcategoria a si associada **Destino** apresentam ambas um grau de relevância baixa.

Os graus de relevância apresentam-se na sua maioria baixos ou quase irrelevantes, tal facto deve-se ao fenómeno anteriormente apresentado de que verificou-se um tipo de argumentação que se assumiu como um discurso de natureza mais individual, com pouca ou nenhuma necessidade de contra-argumentação, com alguns momentos de complementaridade argumentativa, em suma, o entendimento gerado pela dinâmica de grupo quase que dispensou a necessidade de intervenção por parte dos facilitadores.

## Destino

Code: DISCUSSÃO \ Destino

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização descritiva

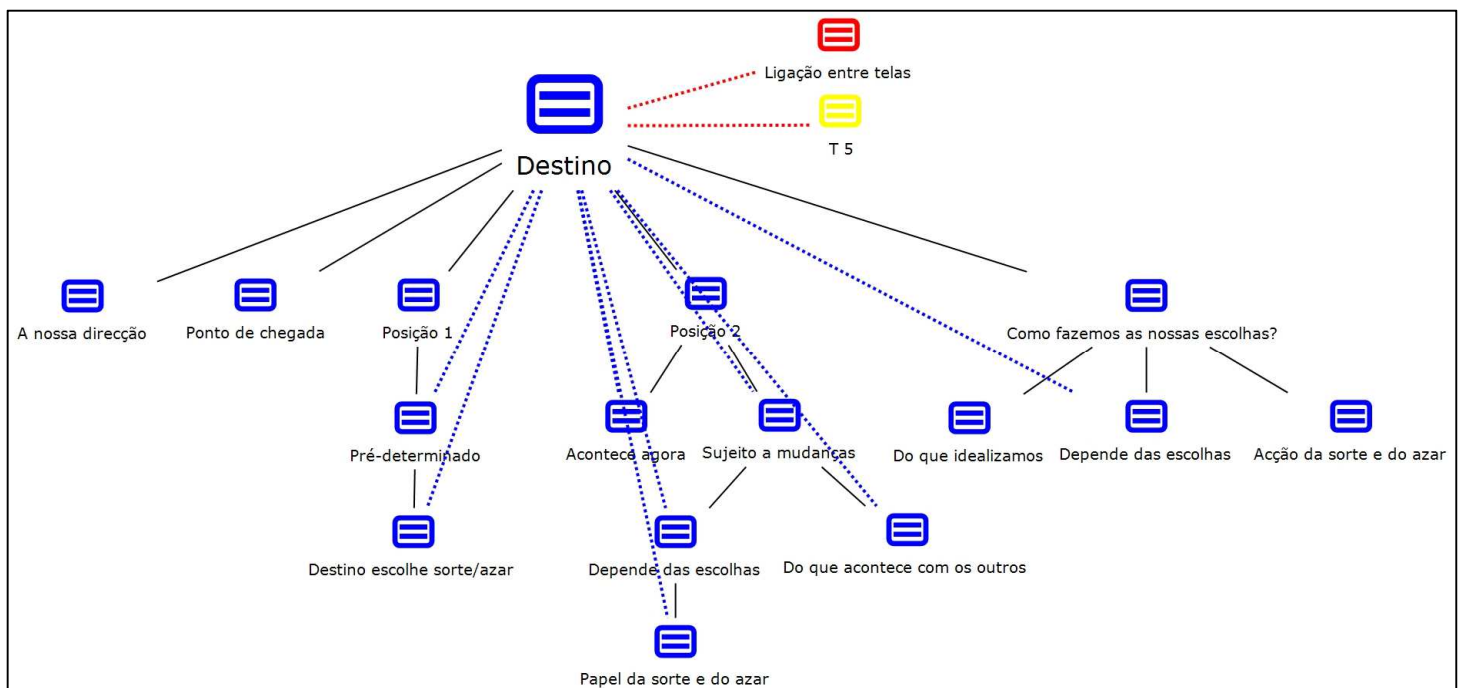


Figura 12 – Destino  
(Diagrama)

A subcategoria **Destino** (Figura 12), surge após a intervenção do CONV1 “Mas eu notei que quando falam dessa batalha [tela 3], vocês falam de um objectivo final, mas quando o [IND 1] falou daquele percurso falou de um destino final [tela 5]. E eu gostava então de colocar essa questão, como é que vocês equacionam a diferença entre o que é um objectivo e o que é um destino?”, cruzando-se, ainda na sua fase inicial, numa zona algo densa da subcategoria **Ligação entre telas**.

Assim, a subcategoria **Destino** descreve-se segundo o que as crianças-participantes definiram como sendo **A nossa direcção** ou, ainda, como **Ponto de chegada** “(...) o destino é mais uma coisa que é para onde tu vais.” IND 8 (Masculino) e que, por sua vez, apoiaram duas possíveis posições estruturadas nas seguintes subcategorias:

- **Posição 1:** projecta-se na ideia de um destino **Pré-determinado** o qual *não é escolhido pelas pessoas*, já foi definido, ou seja, *todo marcado* ou *todo escrito*; e ainda, é aquele que rege algumas leis essenciais a alguma viabilidade da felicidade, uma vez que é o **Destino que escolhe sorte/azar** “Eu acho que a sorte e o azar não escolhem quando é. Acho que é quando o destino disser que a sorte ou o azar vão aparecer.” IND9 (Masculino), ou ainda, “Se imaginássemos a nossa vida como uma espécie de labirinto, nós nunca vamos saber se vamos para uma saída ou para um beco sem saída, há sempre a sorte e o azar para nos ajudarem, não escolhem a altura em que nos ajudam ou para nos fazerem uma partida.” IND 7 (Feminino).
- **Posição 2:** decide por um destino que se altera “Não, porque vais tendo vários destinos, os destinos que vão mudando, comesças por ter um destino, depois comesças a ter outro e depois outro” IND8 (Masculino), contudo surgiu alguma dificuldade em decidir se **Acontece neste momento** e aqui as posições intercalam-se “Eu acho que é assim, não tenho bem a certeza mas, o destino também pode já estar todo marcado, nós estamos a vivê-lo não sabemos como ele é. Eu acho que é provável que ele já esteja marcado, que já esteja (decidido) o que vai acontecer, mas nós não sabemos ou então, ou é isso, ou não está nada marcado e está a acontecer neste momento. Nós não sabemos o que vai acontecer a seguir mas se calhar já está marcado.” IND8 (Masculino), porém, não houve hesitações em expor que o destino **Sujeito a mudanças** “O destino muda com quase tudo, porque o destino não há só dois, não pode acontecer isto ou só isto, há muitas coisas que podem ser o destino e que podem acontecer só no fim e tipo, tudo o que fazemos muda, quase tudo muda, o destino” IND4 (Masculino), e essa mudança **Depende das escolhas que fazemos** “Acho que depende das nossas escolhas, daquilo que escolhemos para chegar até lá.” IND1 (Masculino) e do **Papel que a sorte e o azar** desempenham na nossa vida “Não há tanta sorte como há tanto azar mas, podemos esforçarmo-nos para uma coisa e só que depois pode haver azar, e podemos esforçarmo-nos menos e temos sorte e ganhamos outras coisas” IND5 (Masculino); essas mudanças podem depender ainda **Do que acontece com os outros** “O nosso destino também não tem só a ver connosco. Se acontece alguma coisa com outra pessoa, o nosso destino também pode mudar, o nosso destino também pode mudar.” IND4 (Masculino).

Perante o que é pré-determinado ou não, o CONV1 interpela e lança a questão **Como fazemos as nossas escolhas?** “Se o destino não depende directamente das nossas escolhas, se é incerto se nos pode surpreender, mas entretanto, é um ponto de chegada. Então, com que critérios é que nós, por exemplo, podemos fazer as nossas escolhas e estabelecer os nossos objectivos?”.

As respostas das crianças-participantes foram bastante concisas, através **Do que idealizamos** “Eu acho que a base é... imagine, quando era mais novo estava sempre a dizer que o meu sonho é ter um Ferrari mas, não posso escolher ter um Ferrari e a seguir eu posso, tenho de fazer algum trabalho por ele, para o conseguir. Portanto, tenho de me esforçar para o ter. A base é os nossos pensamentos, os nossos quereres.” IND1 (Masculino) mas não é só, também **Depende das nossas escolhas** “E depois, podemos torná-lo realidade ou não, depende das escolhas que fizermos.” IND1 (Masculino), mas sempre sujeito à **Acção da sorte e do azar** “O meu pai, quando ele estava na faculdade (...) teve cancro, e ele começou a pensar para ele: - Mas por que raio me aconteceu a mim? Esforcei-me tanto para passar a faculdade, porque é que me

aconteceu a mim? Isto é azar!” IND1, “Então, mas conheces o resto da história, e como azar se transformou em sorte?” INV, “Transformou-se no apoio da família, que o apoiou. Podemos contar com o apoio dos amigos da família, isto percebe-se, ajudar os outros.” IND1, “Na esperança.” IND4, “E depois quando tens cancro podes ter sorte ou azar, podes morrer com cancro ou podes não morrer e melhoras.” IND2.<sup>2</sup>

No que diz respeito às intersecções internas apresentadas pela subcategoria **Destino** (Figura 12) destacam-se as que se relacionam com as subcategorias **Posição1** e **Posição2**. As intersecções externas estão referenciadas as subcategorias **Ligação T3 e T5** e **Ligação T5 T3 T4 T1 T2**, ambas devido às suas ligações os temas *destino* e *objectivo*; e ainda a subcategoria **T5** também devido à sua ligação temática às questões relacionadas com *destino*.

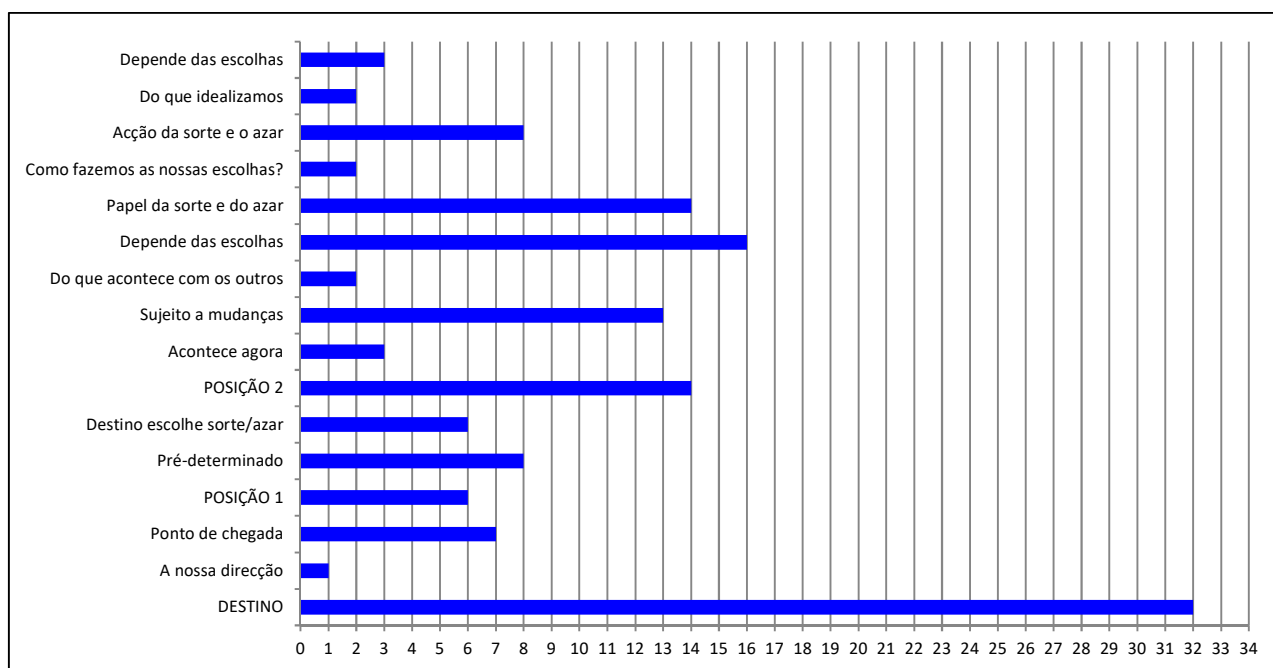


Tabela 10 - Ligação entre as telas (ARTD)

A ARTD da subcategoria **Destino** (Tabela 10) revelou que a própria subcategoria superou todas as subcategorias e subcategorias em análise apresentando um elevadíssimo grau de expressão.

No que diz às suas subcategorias podemos referir que:

- **A nossa direcção:** apresenta um grau de relevância diminuto;
- **Ponto de chegada:** apresenta um grau de relevância médio
- **Posição 1:** apresenta um grau de relevância médio mas a aproximar-se da média-baixa; a sua subcategoria **Pré-determinado** apresenta um grau de relevância médio e a subcategoria **Destino escolhe sorte/azar** apresenta um grau de relevância apresenta um grau de relevância médio mas próximo da média-baixa;
- **Posição 2:** apresenta um grau de relevância próximo do elevado, a sua subcategoria **Acontece agora** expressa um grau de relevância baixo e a subcategoria **Sujeito a mudanças** com um grau de relevância médio alto, por sua vez,

<sup>2</sup> Para exemplificar a composição da subcategoria **Ação da sorte e do azar** optou-se por extrair um alinhamento de intervenções de modo a poder exemplificar o nível abrangido pelas crianças-participantes nos momentos de complementaridade argumentativa, referidos anteriormente a propósito da categoria **Ligação entre telas** (Pág.22).

esta ultima subcategoria estende-se ainda à subcategoria **Do que acontece aos outros** que apresenta um grau de relevância muito baixo. Ainda da ramificação categorial da subcategoria **Sujeito a mudanças** defrontamos com a subcategoria **Depende das escolhas** que apresenta um grau de relevância elevado, e que por sua vez estende-se à subcategoria **Papel da sorte e do azar** com um grau de relevância próximo do elevado,

**Como fazemos as nossas escolhas?:** apresenta um grau de relevância muito baixo e que se estende ainda à subcategoria **Acção da sorte e do azar** com um grau de relevância médio, **Do que idealizamos** de relevância muito baixo, e por último, **Depende das escolhas** com um grau de relevância baixo.

### Disposição das telas

Code: DISCUSSÃO \ Disposição das telas

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização processual

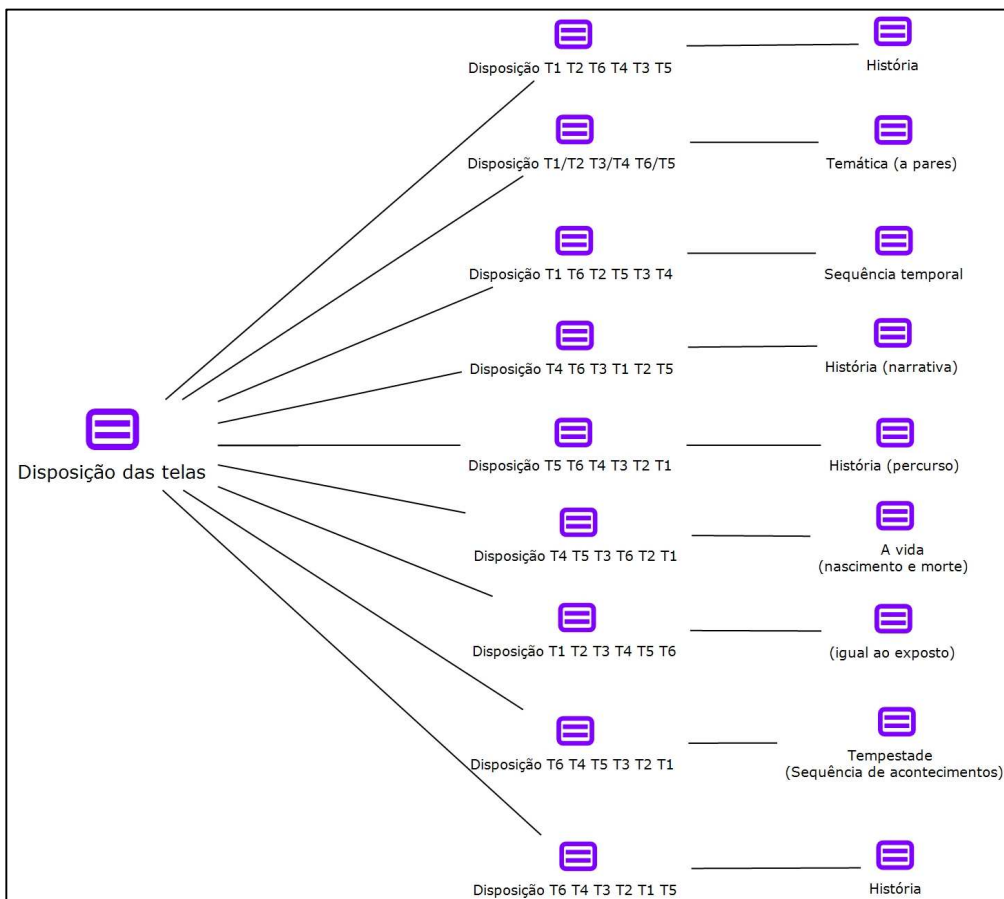


Figura 13 – Disposição das telas (Diagrama)

Esta sessão abriu um novo paradigma metodológico pois, ao adaptar-se às solicitações das crianças-participantes alterou a leitura e a relação unidireccional com a obra de arte, tornando-a pluridireccional, que se consubstanciou numa nova **Disposição das telas** que abrangesse as narrativas desenvolvidas durante a **Discussão**. Assim, no final da sessão foi

registado que **Disposição das telas** (Figura 13) escolheria cada uma das crianças-participantes para aquela mesma sala, e que tipo de *ligação* justificaria essa escolha.

Apesar de ter sido apresentado este fenómeno na ARTD, reserva-se a sua contextualização para a ARDG (perspectiva *follow up*) (Pág.39 à 50), mesmo porque, tratando-se de uma justificação/contextualização, esta foi executada individualmente na sala de aula, dias depois de esta discussão ter ocorrido, o que nos reserva o direito de afirmar que se trata de inserir em análise uma perspectiva *follow up*.

## ANÁLISE DE RELEVÂNCIA DA DISCUSSÃO POR GÊNERO (Crianças-participantes e Adultos)

A ARDG manteve-se como um tipo de análise mais fechada. Esta **Discussão** desenvolveu-se, em vários dos seus momentos, a partir das questões de referência formuladas para a **Agenda da Discussão**, as incidências temáticas reveladas pela discussão em análise acusam que o interesse dos argumentos coincidiu em muito com as questões colocadas.

A ARDG (Crianças-participantes) mantém os mesmos parâmetros metodológicos delineados e apresentados no R1A, bem como a ARDG (Adultos), pelo que, as intervenções da INV e do CONV1 foram, do mesmo modo, consideradas à parte por serem adultos. A investigadora (INV) e o Professor (CONV1) desempenham, em parceria, o papel de facilitadores da sessão. Tal como havia sido anteriormente afirmado, esta sessão abriu um novo paradigma metodológico que teve de observar: a leitura e relação pluridireccional que as crianças-participantes estabeleceram com as obras em exposição; encontrar um meio que considere as suas propostas para uma nova disposição das telas; e, ter em conta que a justificação dada para essa alteração foi executada individualmente na sala de aula. Assim, na ARDG (Crianças-participantes e Adultos) (Figura 14), a última questão a ser analisada, **Disponhas as telas com base em que critério?** irá ser analisada de acordo com a proposta apresentada por cada criança-participante através de uma análise de relevância individual (ARI).

A ARDG (Crianças-participantes e Adultos) da presente Sessão permitiu, tal como nas Sessões antecedentes, que se constituíssem os Retratos de participação individual de cada um dos indivíduos considerados.

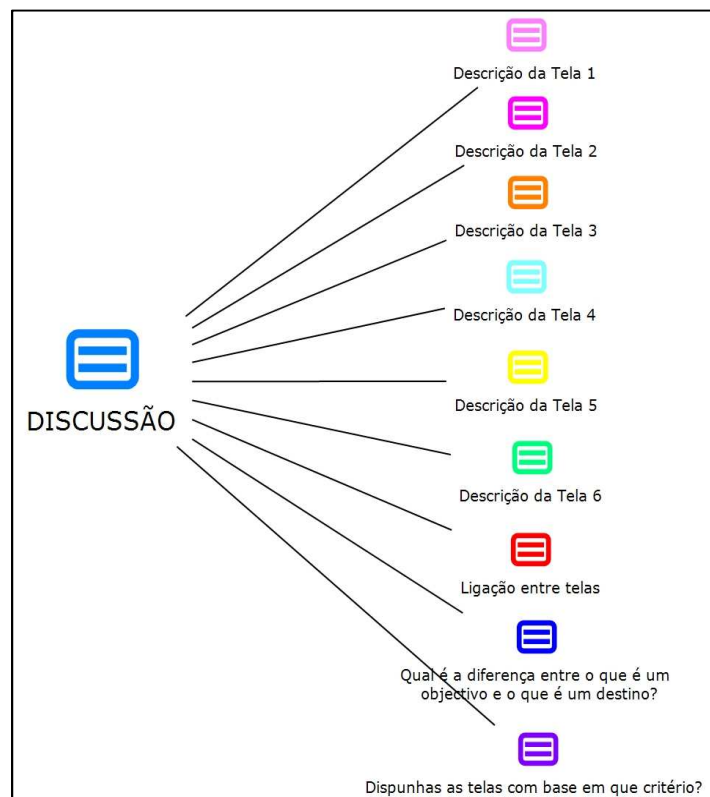


Figura 14 – Questões de referência  
(Diagrama)

## Descrição da tela 1

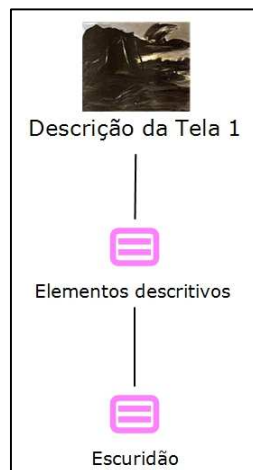


Figura 15 – Descrição da tela 1 (Diagrama)

A subcategoria **Descrição da Tela 1** (Figura 15), tal como havia sido afirmado anteriormente (Pág.9), foi constituída apenas no final da **Discussão** ainda no enquadramento de um retorno à **Ligação entre telas** e não houve qualquer referência à mesma aquando da constituição da **Agenda da Discussão**. A sua estrutura mantém-se simples e de pouca expressão.

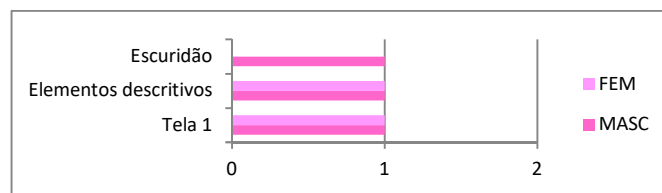


Tabela 11 – Descrição da tela 1 (ARDG - Crianças-participantes)

No que diz respeito à ARDG (Crianças-participantes), a subcategoria **Descrição da Tela 1** (Tabela 11), bem como as suas subcategorias **Elementos descritivos** Ex: “(...) Neste quando eu vi a tenda, não é bem uma tenda, são dois paus assim presos, e que fazem assim um triângulo.” IND8 (Masculino) e **Escuridão** Ex: “(...) escuridão que está atrás de nós.” IND1 (Masculino), apresentam uma expressão diminuta para ambos os géneros. Mantém-se em referência que a tela considerada encontrava-se atrás das costas das crianças-participantes.

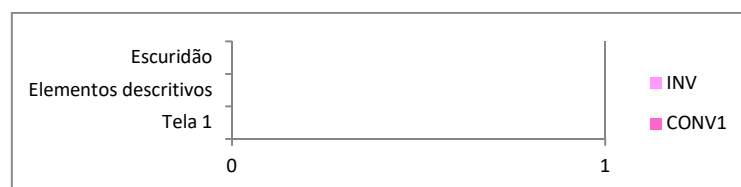


Tabela 12 – Descrição da tela 1 (ARDG - Adultos)

No que diz respeito à ARDG (Adultos) (Tabela 12), não se registaram quaisquer intervenções por parte dos facilitadores para esta subcategoria.

## Descrição da tela 2

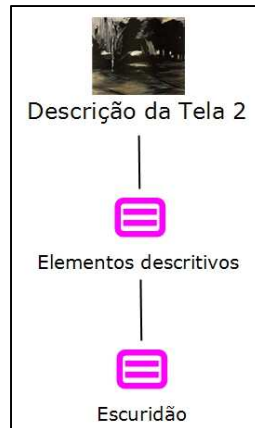


Figura 16 – Descrição da tela 2 (Diagrama)

A subcategoria **Descrição da Tela 2** (Figura 16), apresenta uma estrutura idêntica à da **Tela 1**, simples e de pouca expressão, e tal como a mesma foi constituída apenas no final da Discussão no enquadramento do retorno final à **Ligação entre telas** e não houve qualquer referência à mesma aquando da constituição da **Agenda da Discussão**.

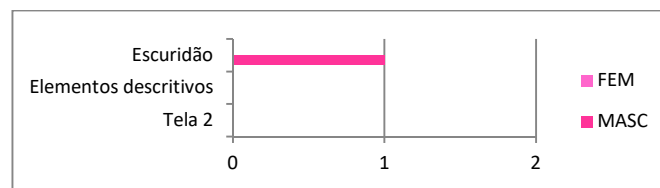


Tabela 13 – Descrição da tela 2 (ARDG - Crianças-participantes)

No que diz respeito à ARDG (Crianças-participantes), a subcategoria **Descrição da Tela 2** (Tabela 13) bem como para a sua subcategoria **Elementos descritivos** não apresentam qualquer grau de relevância, apenas a subcategoria **Escuridão** Ex:” (...) escuridão que está atrás de nós.” IND1 (Masculino) que apresenta um grau de relevância diminuto apenas para o para o género masculino. Mantém-se em referência que a tela considerada encontrava-se atrás das costas das crianças-participantes.

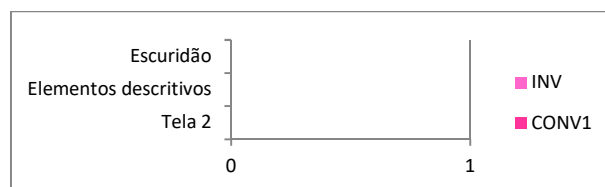


Tabela 14 – Descrição da tela 2 (ARDG - Adultos)

No que diz respeito à ARDG (Adultos) (Tabela 14), não se registaram quaisquer intervenções por parte dos facilitadores para esta subcategoria.

## Descrição da tela 3

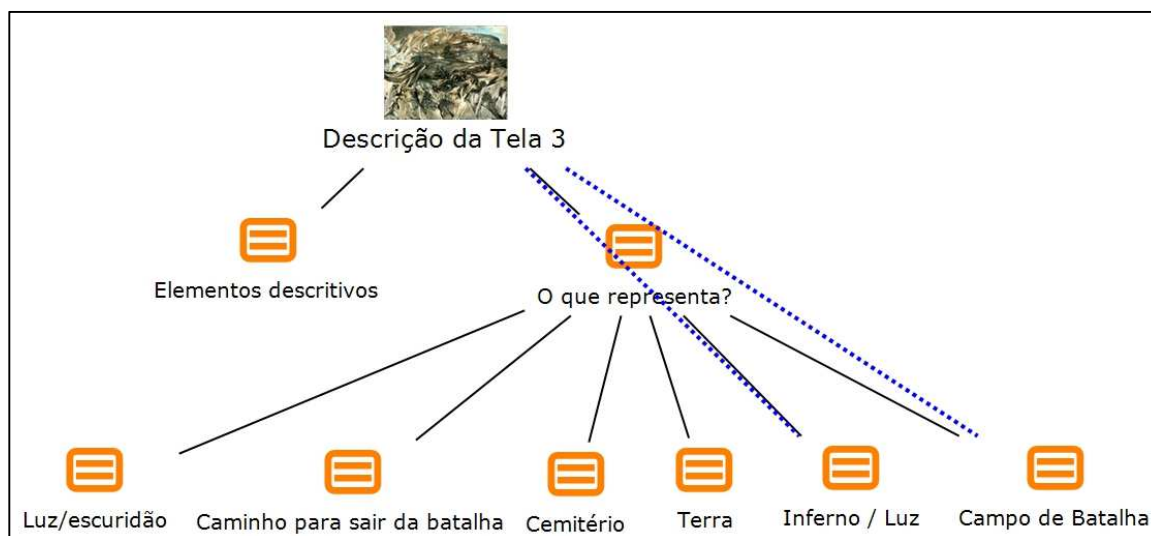


Figura 17 – Descrição da tela 3  
(Diagrama)

A subcategoria **Descrição da Tela 3** (Figura 17) mantém uma estrutura algo complexa e diversificada, sendo que a sua entrada na **Discussão** surge directamente de duas das questões que surgiram na **Agenda da Discussão**, questão **7Q** e a questão **9Q**.

As intersecções internas apresentadas (Figura 17) referem-se à interpretação geral que deu sentido à interpretação da tela e à qual as crianças-participantes, em geral, anuíram.

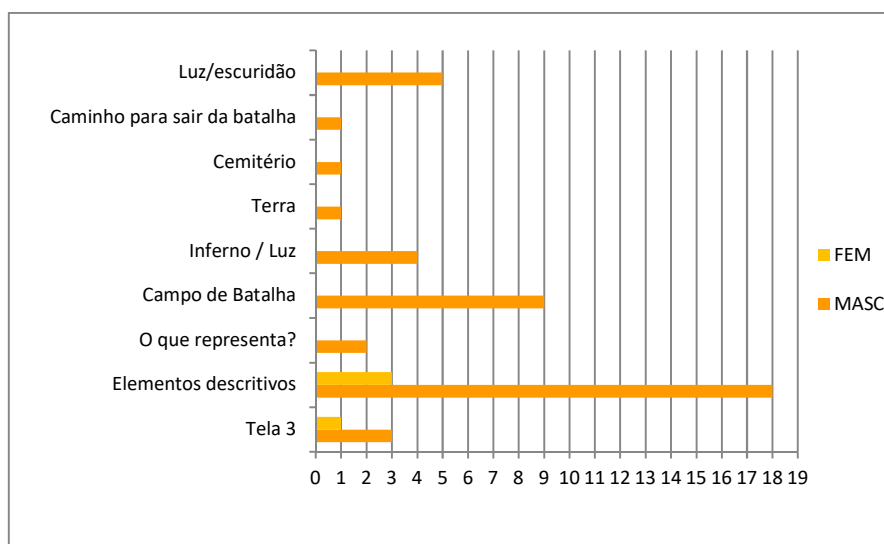


Tabela 15 – Descrição da tela 3  
(ARDG – Crianças-participantes)

No que diz respeito à ARDG (Crianças-participantes) da subcategoria **Descrição da Tela 3** (Tabela 15) apresenta um grau de relevância que se pode considerar diminuto para o género feminino e muito baixo para o género masculino Ex: “(...)

aquilo é o dia que está a escurecer, quando nós vimos à tarde, há um lado que está mais claro, está mais perto do sol, e o outro está mais escuro. Ou então, pensando naquilo que o [IND9] disse, aquilo é o Inferno e aquilo é a luz e os ramos, que o [IND8] disse, eu acho que são criaturas das luzes e aquelas coisas pretas parecem-me criaturas das trevas. Ah e aquela coisa parece um mamute, aquele monte.” IND1 (Masculino).

A subcategoria **Elementos descritivos** apresenta um grau de relevância baixo para o género feminino e elevado para o género masculino “Eu acho que é um bocado, um sítio com água, parece que aquela espécie de montanha lá ao fundo, está a cair água, para um sítio com água, com ramos ali a flutuar, é uma espécie de lago, pântano, com água a cair, parece um sítio cheio de rochas, bocados de árvores que caíram, água a sair de vários sítios.” IND8 (Masculino)

A subcategoria **O que representa?** apresenta um grau de relevância muito baixo apenas para o género masculino e estende-se ainda às subcategorias:

**Campo de batalha** apresenta um grau de relevância alto e apenas para o género masculino; **Inferno / Luz** apresenta um grau de relevância baixo e apenas para o género masculino; **Terra, Cemitério, Caminho para sair da batalha** que apresenta relevâncias diminutas e apenas para o género masculino; e ainda **Luz / Escuridão** que apresenta um grau de relevância média-baixa e igualmente apenas para o género masculino.

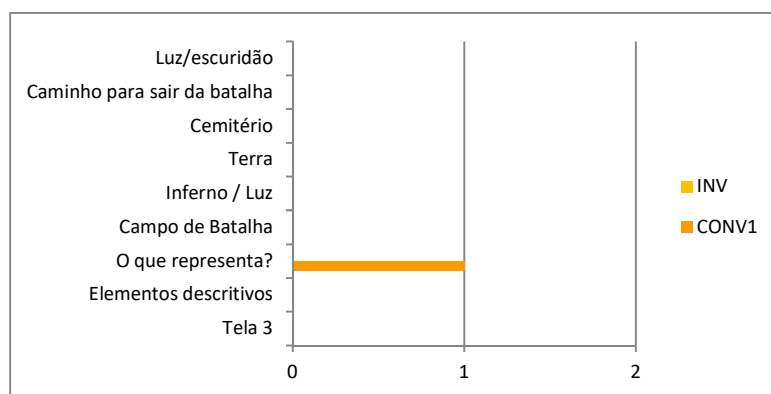


Tabela 16 – Descrição da tela 3 (ARDG - Adultos)

Na ARDG (Adultos) (Tabela 16) verificou-se a participação do facilitador CONV1, com uma expressão algo diminuta, mas que surge na **Discussão** no sentido de estimular uma maior profundidade da argumentação “Mas o [IND9] quando nos deu as impressões que lhe suscitaram este quadro, falou precisamente no espaço entre o céu e o inferno. Que espaço será esse que se situa entre o espaço e o inferno, entre a luz e as trevas?”.

A coesão de ideias apresentada no discurso das crianças-participantes não necessitou nem exigiu aos facilitadores, intervenções contínuas, mas antes, de carácter pontual, como foi este o caso.

## Descrição da tela 4

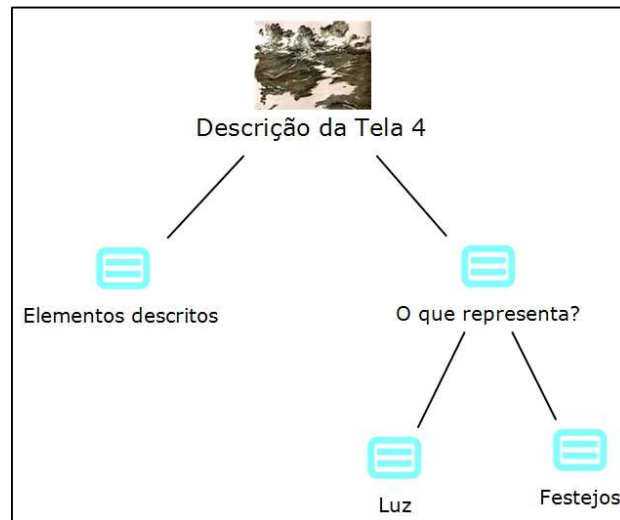


Figura 18 – Descrição da tela 4 (Diagrama)

A subcategoria **Descrição da Tela 4** (Figura 18), apresenta uma estrutura algo simplificada e foi constituída directamente de uma da questão que surgiu na **Agenda da Discussão**, questão **8Q**.

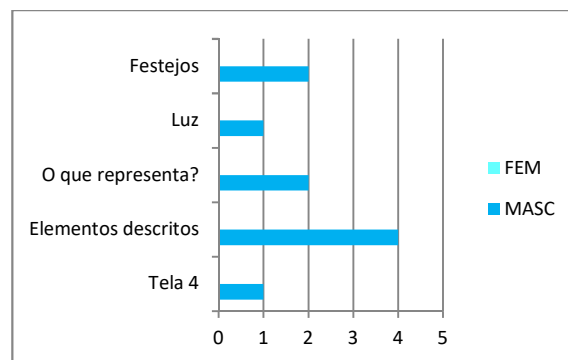


Tabela 17 – Descrição da tela 4 (ARDG - Crianças-participantes)

No que diz respeito à ARDG (Crianças-participantes), a subcategoria **Descrição da Tela 4** (Tabela 17) apresenta um grau de relevância diminuto e apenas para o para o género masculino. A sua subcategoria **Elementos descritivos** apresenta um grau de relevância baixo e igualmente apenas para o género masculino Ex: “Eu queria responder à [questão do IND2], que perguntou o que era aquilo branco. Eu acho que são as folhas das árvores ou algo do género, é o que parece.” IND5 (Masculino). A subcategoria **O que representa?** apresenta um grau de relevância muito baixo apenas para o género masculino e estende-se ainda às subcategorias: **Luz** com grau de relevância diminuto e **Festejos** um grau de relevância baixo e igualmente ambas apenas para o género masculino Ex: “Eu acho que este aqui [T4], parecem pessoas a festejar. Acho que eram pessoas que estavam ali (T3), acabou a guerra e eles ganharam.” IND2 (Masculino).

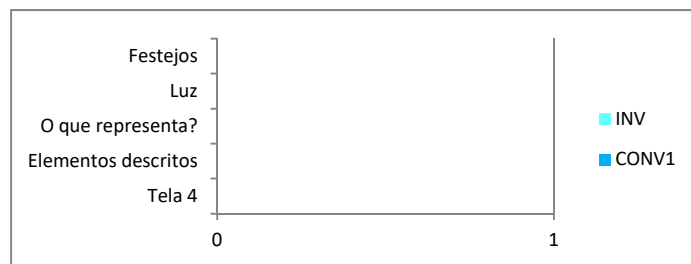


Tabela 18 – Descrição da tela 4 (ARDG - Adultos)

Na ARDG (Adultos) (Tabela 18) não se registraram quaisquer intervenções por parte dos facilitadores para esta subcategoria.

### Descrição da tela 5

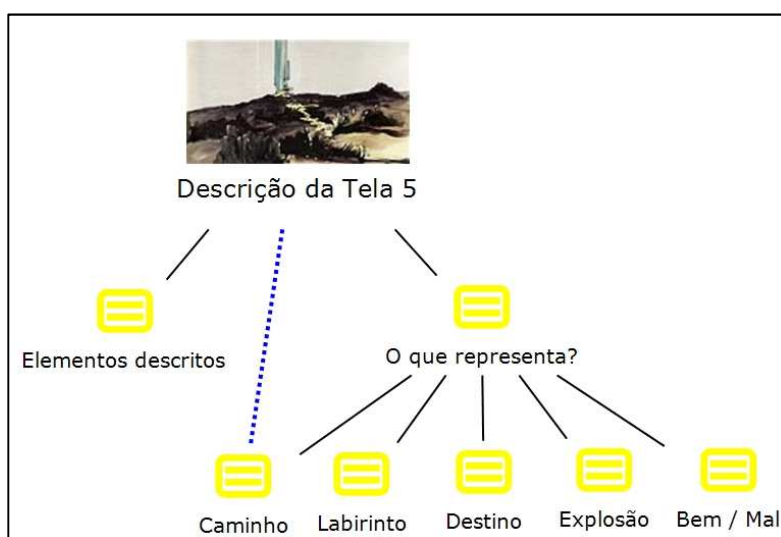


Figura 19 – Descrição da tela 5 (Diagrama)

A subcategoria **Descrição da Tela 5** (Figura 19) apresenta uma estrutura algo complexa e diversificada, idêntica à da **Tela 3**. A sua entrada na Discussão surge da convergência de 5 questões das 9 questões que surgiram na **Agenda da Discussão**: a questão **1Q**, a questão **2Q**, a questão **3Q**, a questão **4Q**, e a questão **6Q**.

A intersecção interna apresentada (Figura 19) refere-se à interpretação geral que deu sentido à interpretação da tela e em relação à qual as crianças-participantes, em geral, acordaram.

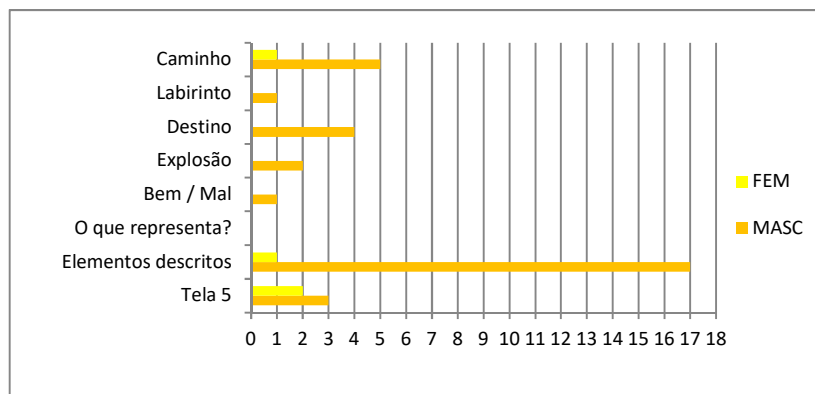


Tabela 19 – Descrição da tela 5  
(ARDG – Criança-participantes)

A ARDG (Crianças-participantes) da subcategoria **Descrição da Tela 5** (Tabela 19) apresenta um grau de relevância baixo para ambos os gêneros. A subcategoria **Elementos descritivos** apresenta um grau de relevância irrelevante para o gênero feminino e elevado para o gênero masculino Ex: “Estava a pensar sobre aquela obra que vimos no outro museu que é o labirinto. Eu acho que também dá para ligar essas duas que é, para mim, é um caminho, o amarelo, e o raio azul é o nosso destino. Esse é o caminho certo e aquele, o que está escuro, é aquilo que nós vemos que está ali, mas que não chegamos lá.” IND1 (Masculino).

A natureza da subcategoria **O que representa?** pode, neste caso, ser considerada teórica e apenas agregadora de sentidos pelo que não se considera representativa de qualquer grau de relevância. Contudo, agrega ainda as seguintes subcategorias: **Bem/Mal** com grau de relevância diminuto e apenas para o gênero masculino; **Explosão** com um grau de relevância muito baixa apenas para o gênero masculino; **Destino** com um grau de relevância média-baixa para o gênero masculino Ex: “Acho que depende das nossas escolhas, daquilo que escolhemos para chegar até lá. Quando nós vamos como aquilo que também tem desvios no caminho, eu também estava foi um bocadinho para ali e depois se calhar as criaturas perceberam: - Olha, isto aqui é o caminho das trevas, não vai dar lá, vamos voltar lá rectamente” IND1 (Masculino); **Labirinto** com grau de relevância diminuto e, por último, **Caminho** que apresenta um grau de relevância bastante diminuto para o gênero feminino e média-baixa para o gênero masculino Ex: “Eu acho que esse caminho amarelo não é um caminho é o reflexo do raio azul no chão.” IND2 (Masculino).

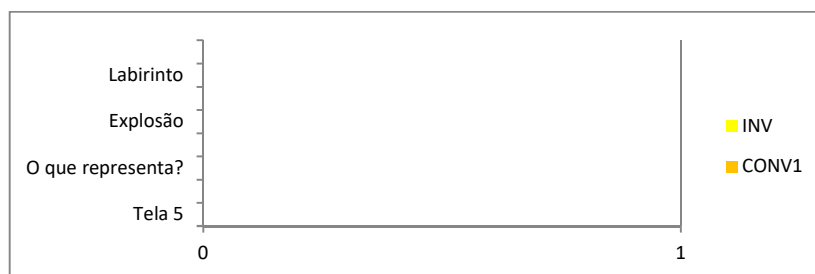


Tabela 20 – Descrição da tela 5  
(ARDG - Adultos)

Na ARDG (Adultos) (Tabela 20) não se registaram quaisquer intervenções por parte dos facilitadores para esta subcategoria.

## Descrição da tela 6

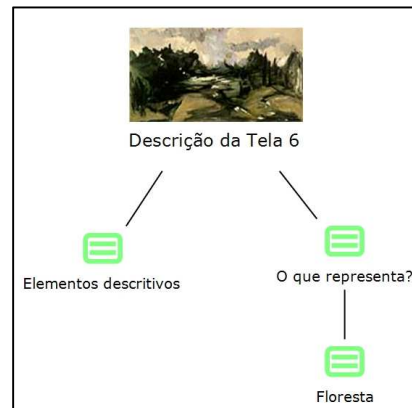


Figura 20 – Descrição da tela 6 (Diagrama)

A subcategoria **Descrição da Tela 6** (Figura 20) apresenta uma estrutura simplificada e logo no início na **Agenda da Discussão** associada à subcategoria **Ligação T5 e T6**.

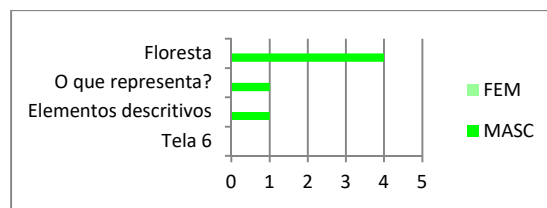


Tabela 21 – Descrição da tela 6 (ARDG - Crianças-participantes)

No que diz respeito à ARDG (Crianças-participantes), a subcategoria **Descrição da Tela 6** (Tabela 21) não apresenta qualquer grau de relevância, a sua subcategoria **Elementos descritivos** e a subcategoria apresentam graus de relevância diminutos e apenas para o gênero masculino. Por último a subcategoria **O que representa?** estende-se à subcategoria **Floresta** que apresenta um grau de relevância média-baixa e igualmente apenas para o gênero masculino Ex: “Aquele floresta é escura [T6], e esta ainda está mais escura [T5]. Eu só não sei se aquele raio de luz tem alguma ligação com a destruição [T5], portanto, da floresta [T6].” IND5 (Masculino).

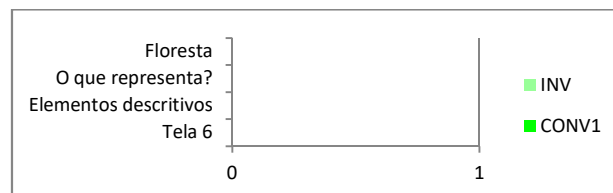


Tabela 22 – Descrição da tela 6 (ARDG- Adultos)

Na ARDG (Adultos) (Tabela 22) não se registraram quaisquer intervenções por parte dos facilitadores para esta subcategoria.

## Ligação entre telas

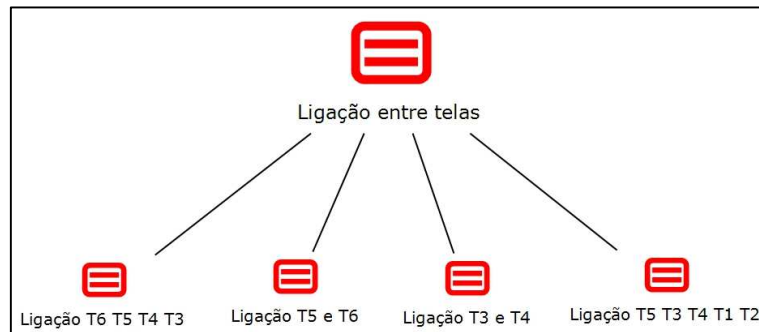


Figura 21– Ligação entre telas (Diagrama)

A subcategoria **Ligação entre telas** (Figura 21) foi anunciada logo no início da sessão quando as crianças-participantes prenunciaram o seu desejo de incluir as outras telas na Discussão, sendo que, na própria **Agenda de Discussão** através das questões **5Q** e **6Q**, ficou anunciada a eventual possibilidade de se ter de estruturar os seus discursos expondo-os através de uma subcategoria desta natureza. Assim, a subcategoria **Ligação entre telas** (Figura 21) pretende apenas salientar que ligações entre as telas presentes foram efectivamente elaboradas na sessão: **Ligação T6 T5 T4 T3**; **Ligação T5 e T6**; **Ligação T3 e T4**; e, ainda, **Ligação T5 T3 T4 T1 T2**.

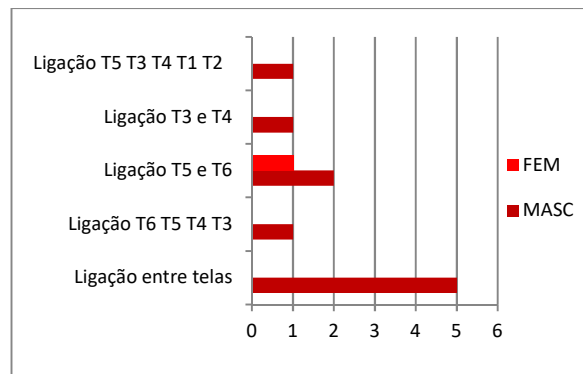


Tabela 23 – Ligação entre telas (ARDG - Crianças-participantes)

No que diz respeito à ARDG (Crianças-participantes) (Tabela 23), a subcategoria **Ligação entre telas** (Figura 44) apresenta um grau de relevância média-baixa apenas para o género masculino “É só sobre este quadro ou pode ser mais?” IND9 (Masculino). Esta subcategoria estende-se ainda às subcategorias:

- **Ligação T6 T5 T4 T3** apresenta um grau de relevância diminuto e apenas para o género masculino Ex: “Eu agora, como estavam a falar essas coisas entre o bem e o mal, eu notei, sem pensar, que isto aqui é mais ou menos: ali [T6] é uma floresta normal, tem ar de ser simpática. Aquilo [T5] é uma coisa já toda destruída, e tem uma coisa que não sabem muito bem o que é que é, parece ser mais o bem e o mal. Ali [T4] é uma floresta com um sítio com neve. E aqui [T3] são imensos troncos a andar na água, coisas destruídas. E acho que é o bem e o mal, o bem e o mal. E acho que é mais ou menos essa ligação, ao contrário.” IND 8 (Masculino);

- **Ligação T5 e T6** apresenta um grau de relevância muito baixo para o género masculino e diminuto para o género feminino Ex: “A pergunta da floresta é porque primeira a floresta era [T6] e um dia podia ter acontecido qualquer coisa, tipo uma explosão e ficou naquele estado [T5]. É um pouco como as coisas ficam quando são destruídas. Acho que é essa, mais ou menos, a ligação, como numa história.” IND IND7 (Feminino);
- **Ligação T3 e T4** apresenta um grau de relevância diminuto e apenas para o género masculino Ex: “Eu acho que este aqui [T4], parecem pessoas a festejar. Acho que eram pessoas que estavam ali [T3], acabou a guerra e eles ganharam. Por isso também tem ligação.” IND2 (Masculino);
- **Ligação T5 T3 T4 T1 T2** apresenta um grau de relevância diminuto e apenas para o género masculino Ex: “Eu acho que a ligação é assim, aquilo é um ponto de vista, o destino [T5]. Aquilo é um campo de batalha [T3]. Ali significa a luz [T4] que está daquele lado [extensão a T3]. Aquilo ali é a escuridão que está atrás de nós [T3 que se estende a T1 e T2].” IND1 (Masculino).

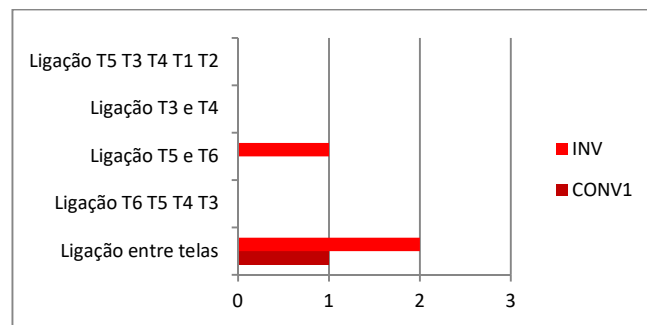


Tabela 24 – Ligação entre telas  
(ARDG - Adultos)

Na ARDG (Adultos) (Tabela 24) verificou-se alguma participação dos facilitadores comparativamente com as subcategorias anteriormente analisadas. Assim, para a subcategoria **Ligação entre telas** as intervenções da INV coincidiram com a necessidade imediata de dar resposta no início da sessão à vontade das crianças-participantes de incluírem todas as telas presentes na sala na Discussão, contudo, a relevância que apresenta é muito baixa Ex: “Eu abri o leque [de escolhas] desde que vocês incluam aquela [tela 5].”. No que diz respeito à participação do facilitador CONV1, que apesar de apresentar uma expressão diminuta, abre o garante o carácter de interesse das crianças-participantes pela **Ligação entre telas** Ex:” “Se assumirmos isso como uma batalha entre a luz e as trevas, poderá ter alguma ligação que o Francisco Martins fez daquela outra tela, termos um caminho certo que nos conduz ao destino, ao raio de luz e o resto ser uma região obscura? Que ligações é que vocês conseguem estabelecer entre uma coisa e outra?” A única das subcategorias que registou alguma participação foi **Ligação T5 e T6** com um grau de relevância diminuto e apenas para a INV Ex: “Ó [IND5] quando falaste das cores, é porque [T5 e T6] têm cores diferentes, parecidas, têm tonalidades parecidas?”

Uma vez mais verifica-se que a coesão de ideias apresentada no discurso das crianças-participantes não necessitou, nem exigiu dos facilitadores intervenções contínuas, mas antes, de carácter pontual.

## Qual a diferença entre o que é um objectivo e o que é um destino?

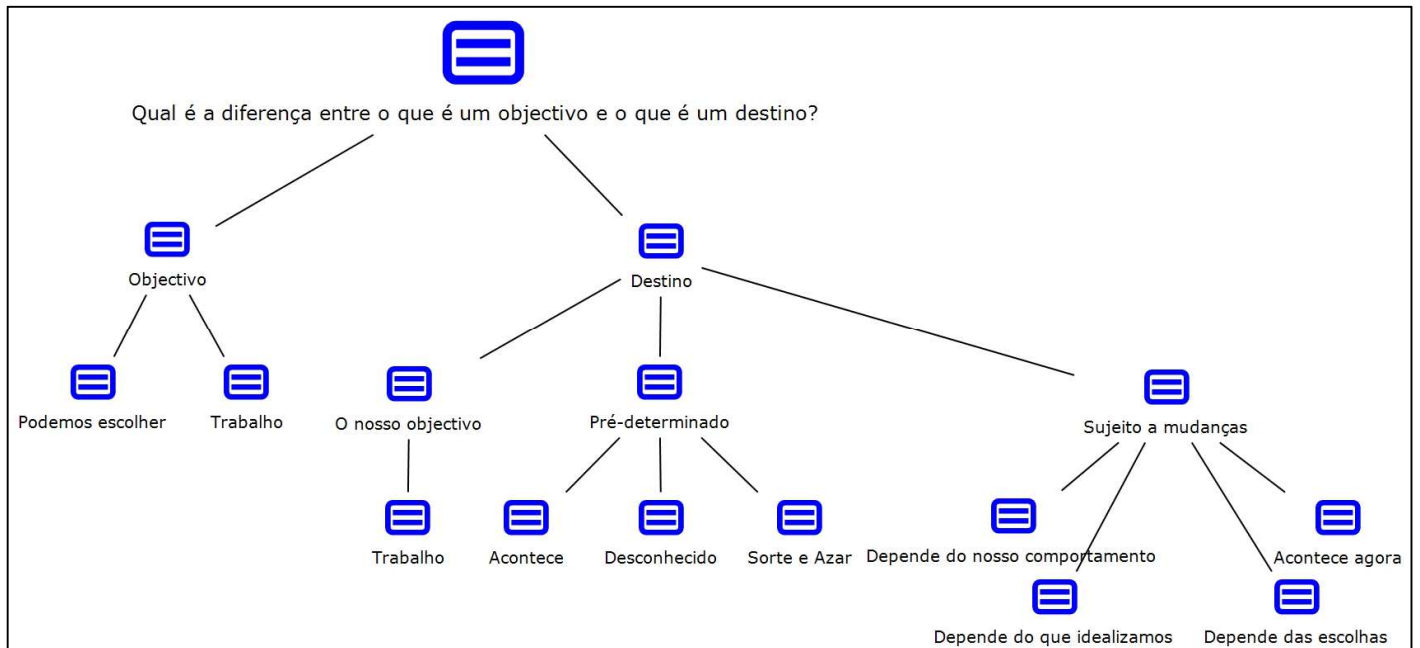


Figura 22 – Qual é a diferença entre o que é um objectivo e o que é um destino?  
(Diagrama)

A subcategoria **Qual a diferença entre o que é um objectivo e o que é um destino?** (Figura 22) apresenta uma estrutura concentração densa e surge da questão colocada pelo CONV1 Ex: “Mas eu notei que quando falam dessa batalha [tela 3], vocês falam de um objectivo final, mas quando o [IND 1] falou daquele percurso falou de um destino final [tela 5]. E eu gostava então de colocar essa questão, como é que vocês equacionam a diferença entre o que é um objectivo e o que é um destino?”, e subdivide-se em duas subcategorias principais: a subcategoria **Objectivo** e a subcategoria **Destino**.

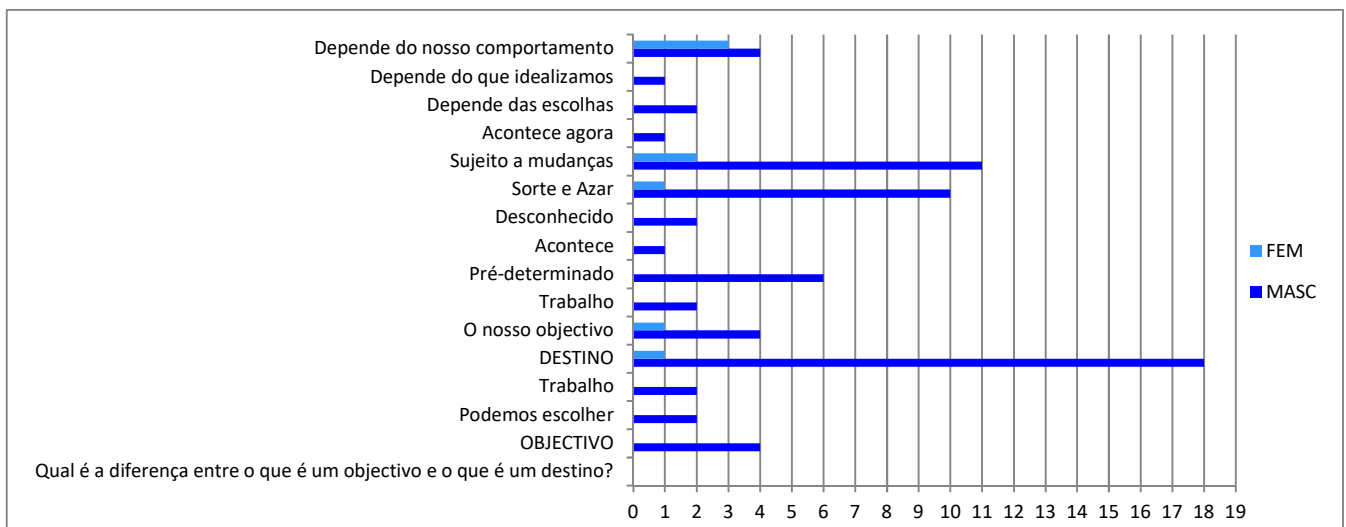


Tabela 25 – Qual é a diferença entre o que é um objectivo e o que é um destino?  
(ARDG - Crianças-participantes)

Na ARDG (Crianças-participantes) (Tabela 25) a subcategoria **Objectivo**, bem como, as subcategorias a si associadas, **Podemos escolher** e **Trabalho**, apresentam graus de relevância baixos e apenas para o género masculino.

A subcategoria **Destino** apresenta uma estrutura mais complexa que a anterior, com um grau de relevância diminuto para o género feminino e muito elevado para o género masculino. Contudo, tal como a subcategoria **Objectivo**, primeiro foi necessário descrever com que parâmetros se poderia inscrever tal conceito e, assim, surge a subcategoria **O nosso objectivo** com grau de relevância diminuto para o género feminino e baixo para o género masculino, e a subcategoria **Trabalho** com um grau de relevância apenas diminuto para o género masculino. Ex: “Eu acho que o objectivo é qualquer coisa que tu vais possuir por trabalhares arduamente. O destino também tens de trabalhar, o destino é mais uma coisa que é para onde tu vais. O objectivo é mais uma coisa que tu fazes para ganhares alguma coisa. O destino, também vais ganhando coisas mas é mais o que vai acontecer.” IND 8 (Masculino).

A subcategoria **Destino** abriu-se ainda para duas tomadas de posição diferentes face à conceptualização da ideia de destino. Assim, a subcategoria **Pré-determinado** com relevância média apenas para o género masculino e constituída ainda pela subcategoria **Acontece** com uma relevância diminuta e apenas para o género masculino, a subcategoria **Desconhecido** com um grau de relevância muito baixo de igual modo, apenas para o género masculino, e **Sorte e Azar** com uma relevância diminuta para o género feminino e média-alta para o género masculino. Ex: “Eu acho que a sorte e o azar não escolhem quando é. Acho que é quando o destino disser, a sorte ou o azar vão aparecer.” IND 9 (Masculino).

A segunda opinião descreve o **Destino** através da subcategoria **Sujeito a mudanças** com um grau de relevância diminuto para o género feminino e uma relevância média-alta para o género masculino. Esta subcategoria é estruturada pela subcategoria **Acontece agora** de relevância diminuta e apenas para o género masculino, pela subcategoria **Depende das escolhas** com um grau de relevância muito baixo para o género masculino, pela subcategoria **Depende do que idealizamos** de relevância diminuta e apenas para o género masculino, e pela subcategoria **Depende do nosso comportamento** com uma relevância baixa para ambos os géneros. Ex: “O destino muda com quase tudo, porque o destino não há só dois, não pode acontecer isto ou só isto, há muitas coisas que podem ser o destino e que podem acontecer só no fim e tipo, tudo o que fazemos muda, quase tudo muda o destino.” IND 8 (Masculino).

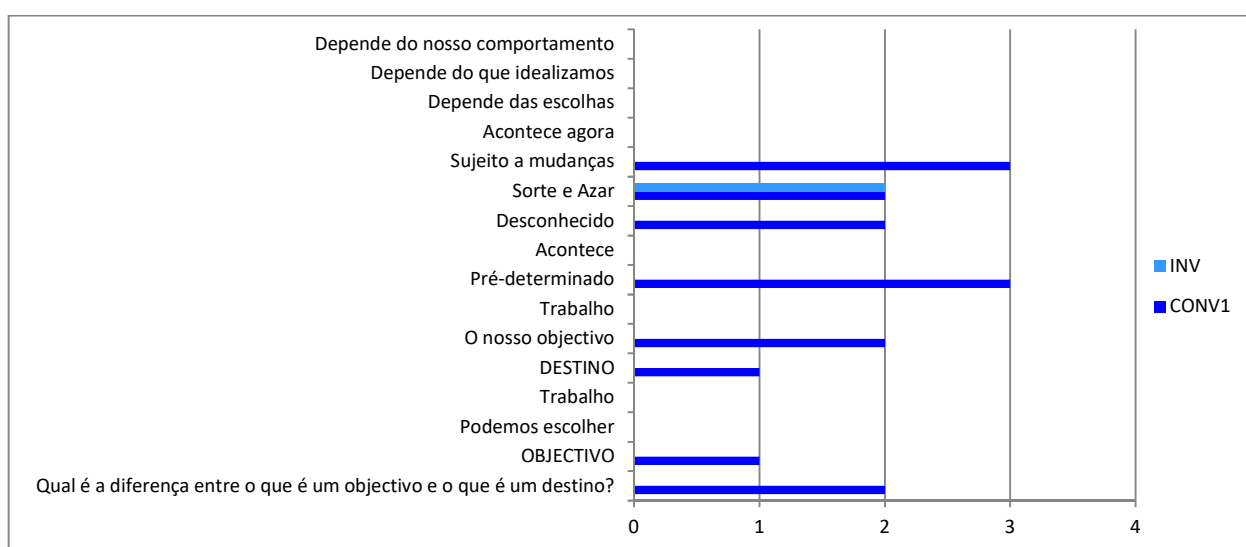


Tabela 26 – Qual é a diferença entre o que é um objectivo e o que é um destino?  
(ARDG - Adultos)

Na ARDG (Adultos) (Tabela 26) verificou-se alguma participação dos facilitadores comparativamente com as subcategorias anteriormente analisadas. Assim, destaca-se a relevância da própria subcategoria **Qual a diferença entre o que é um objectivo e o que é um destino?** criada através da intervenção CONV1, tal já havia sido referido anteriormente; e que influenciou a caracterização da mesma através das subcategorias **Objectivo** e **Destino**, ambas de relevância diminuta e apenas para o INV

Posteriormente, surgem intervenções mais acentuadas na subcategoria **Pré-determinado** em que o CONV1 expõe a argumentação da criança de modo a torná-la mais evidente para o restante grupo Ex: “Então continuas a dizer que há uma certa programação, previa, ou seja, o destino está mais ou menos determinado, está previamente determinado, depois, de acordo com o que o destino estabelecer, assim a sorte ou o azar acontecem.”, e onde surge a única intervenção da INV Ex: “E a questão da sorte, e do azar, como é que elas funcionam aí?” de modo a instigar uma argumentação mais incisiva e profunda do assunto abordado.

As intervenções na subcategoria **Sujeito a mudanças** do CONV1, apesar de relevância baixa apresentam-se de natureza instigadora e impulsionadora de uma argumentação mais incisiva e profunda Ex: “Então sendo assim, de acordo com essa tua ideia, diz-me se estou a interpretar bem as tuas palavras, então, o destino será sempre surpreendente para nós?”

De um modo generalizado a ARDG (Adultos) (Figura 48) apresenta graus de relevância diminutos e esporádicos pois, a coesão de ideias apresentada no discurso das crianças-participantes não exigiu dos facilitadores intervenções contínuas mas, e apenas, de carácter pontual.

## ANÁLISE DE RELEVÂNCIA INDIVIDUAL

(Perspectiva *follow up*)

Para este relatório verificou-se a necessidade de alterar o paradigma metodológico, como consequência de um acto assumido no decorrer do levantamento de dados no campo, ou seja, durante a 10ª Sessão A, e que obrigou a que se instaurasse na ARDG a análise da actividade motivada pela discussão, ou seja, uma análise de relevância individual (ARI).

Deste modo, foi possível legitimar o que já havia sido mencionado anteriormente (Pág.24) a inclusão em análise de uma perspectiva *follow up*.

As crianças-participantes durante a Sessão ao darem resposta à pretensão do CONV1: “Já agora deixem-me perguntar-vos uma coisa, se vocês tivessem, cada um, que olhar para este conjunto de quadros que está nesta sala e dispô-los de novo na sala, fariam a mesma disposição ou escolheriam uma disposição diferente?”, apresentaram diferentes possibilidades de disposição das telas naquela mesma sala da Culturgest (à excepção do IND2 (Masculino) que inicialmente quis manter as telas tal como estavam).

No dia 13 de Janeiro de 2011, na sala de aula do 6º ano da Cooperativa de Ensino A Torre, foi fornecido a cada criança imagens de todas as telas presentes na sala numa folha de formato A4 tendo cada uma das crianças-participantes que as recortar e colar numa outra folha de cavalinho formato A3 conforme a disposição que escolheu. No centro da folha ficou registado o texto.

Assim, a *actividade* proposta baseou-se nas seguintes premissas:

- a) As telas presentes nesta sala, darias a mesma disposição ou escolherias uma disposição diferente?
- b) [Se for de modo diferente] Dispunhas as telas com base em que critério?
- c) Apresentar a disposição escolhida para as telas e desenvolver num texto o critério escolhido.

Ao proceder-se à respectiva ARDG houve a preocupação de ter em conta a alteração do contexto tempo/espaço (Culturgest/sala de aula), e da expressão narrativa escrita e completamente individual (narrativa colectiva oral/ narrativa individual escrita), pelo que os factores de relevância irão ser apresentados numa dimensão conjunta mas dando prevalência ao carácter particular.

## IND1 - Disponhas as telas com base em que critério?

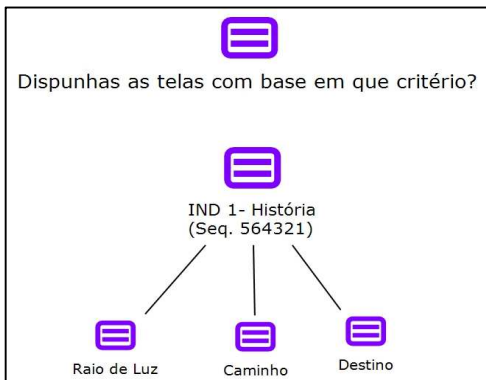


Figura 23 – Disponhas as telas com base em que critérios?  
(Diagrama – IND1)

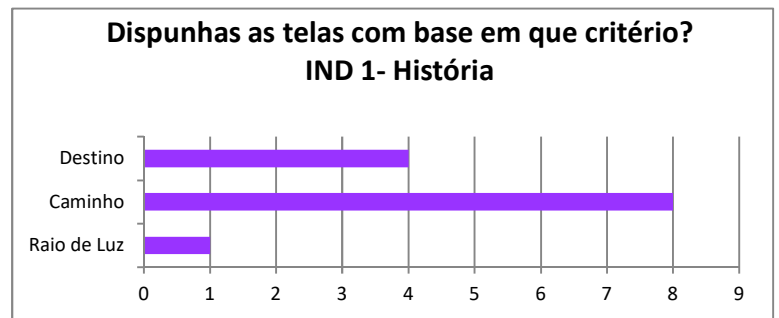


Tabela 27 – Disponhas as telas com base em que critérios?  
(ARI - IND1)

Desde o início da **Discussão** que a atenção do IND1 se debruçou sobre a **tela 5** Ex: “Estava a pensar sobre aquela obra que vimos no outro museu que é o labirinto. Eu acho que também dá para ligar essas duas que, para mim, é um caminho, o amarelo, e o raio azul é o nosso destino. Esse é o caminho certo e aquele, o que está escuro, é aquilo que nós vemos que está ali, mas que não chegamos lá.” Posteriormente, a narrativa que o IND1, apesar de ter inserido todas as telas numa sequência previamente assumida (Figura 23), a mesma revela que, os seus interesses discursivos da sessão e narrativo da construção de um sentido de ligação entre as telas, se mantiveram associados às questões que apresentou e argumentou durante a discussão.

A história do IND1 inicia com um único personagem e o aparecimento de um **Raio de Luz** que revela-se como o seu destino; inicia, então, o seu **Caminho** que culmina com o encontro do seu **Destino**.

Para a ARI (Tabela 27), assumem-se as subcategorias já assinaladas: **Raio de Luz** com um grau de relevância diminuto; **Caminho** com um grau de relevância elevado; e **Destino** com um grau de relevância médio.

A relevância apresentada pela subcategoria **Caminho** denuncia o interesse do IND1 em descrever o percurso quase *iniciático*, que foi necessário ao seu personagem para atingir o seu **Destino**.

Fica perceptível que o interesse temático do IND1 cumpriu os quesitos inicialmente propostos de uma história associada a um percurso, cujo tema central seria o *destino*. Aliás, foi o próprio IND1 que introduziu a subcategoria **Destino** na **Discussão** (Pág.20).

## IND2 - Disponhas as telas com base em que critério?

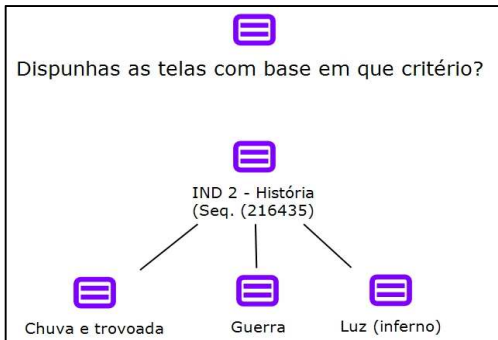


Figura 24 – Disponhas as telas com base em que critérios?  
(Diagrama – IND2)

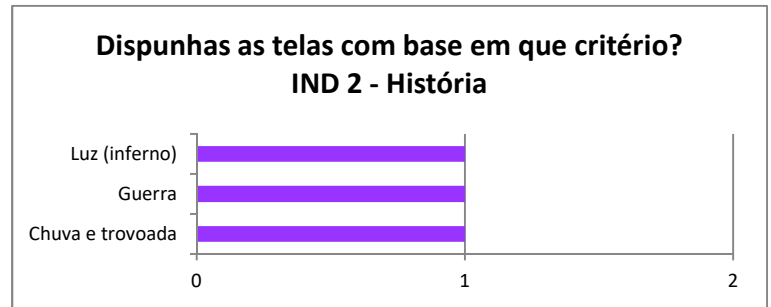


Tabela 28 – Disponhas as telas com base em que critérios?  
(ARI - IND2)

Inicialmente, na **Discussão**, o IND2 interessou-se pela **tela 4**, Ex: “Eu acho que este aqui, parecem pessoas a festejar (T4). Acho que eram pessoas que estavam ali (T3), acabou a guerra e eles ganharam. Por isso, também tem ligação.”

A sequência de disposição de telas (Figura 24) anunciada pelo IND2 foi o único registo que, na sala de aula sofreu alterações, ou seja, durante a sessão afirmou que não alteraria a disposição das telas contudo, posteriormente, alterou, o que se pode verificar na subcategoria **Disposição de telas** (Figura 24).

Assim, a sua narrativa incluiu a descrição de uma sequência de alterações climáticas que se registou na subcategoria **Chuva e trovoada**, que rapidamente passou a um cenário de **Guerra** e que terminou com o aparecimento repentino de uma luz que conduziria ao Inferno e que se registou na subcategoria **Luz (Inferno)**.

A ausência de elementos detalhados ou diversificados impediu que houvesse um registo mais elevado de termos ou expressões que permitissem um maior grau de relevância na ARI (Tabela 28).

Todavia, é fundamental salientar que, comparativamente à participação nas sessões anteriores, o IND2 tem vindo a alterar positiva e visivelmente a sua participação nas sessões.

## IND4 - Disponhas as telas com base em que critério?

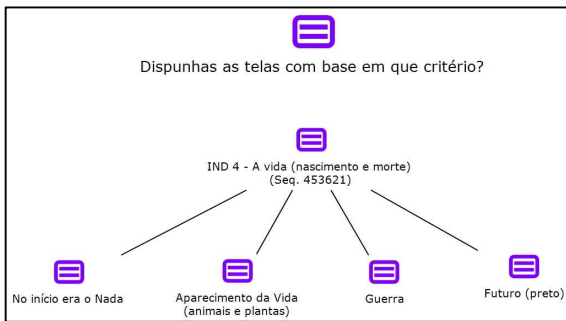


Figura 25 – Disponhas as telas com base em que critérios? (Diagrama – IND4)

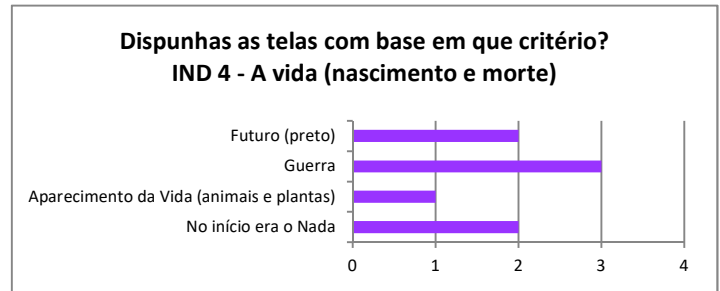


Tabela 29 – Disponhas as telas com base em que critérios? (ARI – IND4)

Durante a **Discussão** o IND4 não demonstrou qualquer tipo de favoritismo por nenhuma tela em especial.

A sua narrativa que intitulou **A vida (nascimento e morte)** (Figura 25) manteve-se igual à que tinha anunciado previamente, mas revelou uma estrutura que superou o sentido narrativo esperado, com uma construção de sentido entre as telas, se assim se pode afirmar, simbolicamente metafísico.

Assim, para a ARI (Tabela 29), assumem-se as subcategorias: **No início era o nada** com um grau de relevância baixo; **Aparecimento da Vida (animais e plantas)** com um grau de relevância diminuto; **Guerra** com um grau de relevância médio; e **Futuro (preto)** com um grau de relevância baixa.

Este é um dos casos em que a ARI que apresenta valores de relevância baixos e médios, em nada informam sobre o carácter de densidade significativa e estrutural desenvolvido na narrativa apresentada.

O alcance que a narrativa construída pelo IND4 apresenta-se próximo de uma prosa que invoca não só o início da *Vida* mas como também e deixa em aberto mas esclarecido a percepção, quiçá, da sua contemporaneidade Ex: “ (...) Quando este tempo também acabou estava tudo preto e sentia-se ir embora a desordem e a guerra. O futuro não iria ser mau, nem bom, só o preto... Cada vez mais e mais e mais.”

## IND5 - Disponhas as telas com base em que critério?

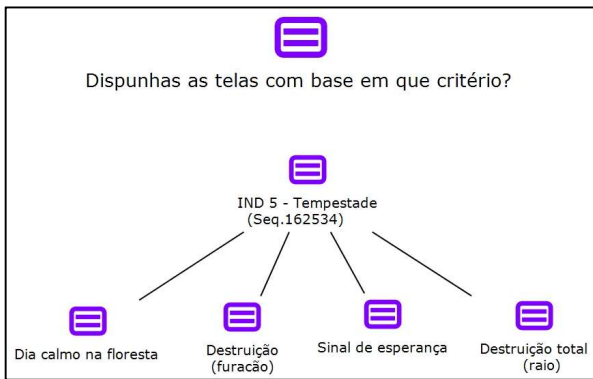


Figura 26 – Disponhas as telas com base em que critérios? (Diagrama – IND5)

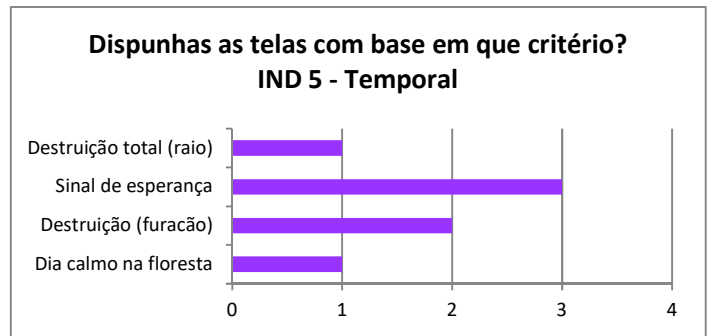


Tabela 30 – Disponhas as telas com base em que critérios? (ARI – IND5)

Na **Discussão** o IND5 apresentou algumas intervenções que visavam encontrar a possível ligação entre a **Tela 5** e a **Tela 6**. O que se verifica na sua narrativa de ligação entre telas efectuada na sala de aula, é que essa preocupação inicial manteve-se presente.

O IND5 intitulou a sua narrativa de **Tempestade** (Figura 26) que surgiu num **Dia calmo na floresta** que provocou uma grande **Destruição (furacão)** que obriga a que todos os animais se refugassem perante a destruição visível. Surge então um **Sinal de esperança** que renova a floresta mas, sem se saber como a floresta é alvo de uma **Destruição total** por um (**raio**) do qual desconhece-se a sua origem.

A ARI (Tabela 30) assume-se as subcategorias acima referidas: **Dia calmo na floresta** com um grau de relevância diminuto; **Destruição (furacão)** com um grau de relevância baixa; **Sinal de esperança** com um grau de relevância média-baixa; e **Destruição total (raio)** com um grau de relevância diminuto.

O IND5 construiu uma narrativa coerente, bem escrita e finaliza com um sentido de inquietude por manter a questão da destruição num nível simultaneamente cíclico e aberto.

## IND6 - Disponhas as telas com base em que critério?

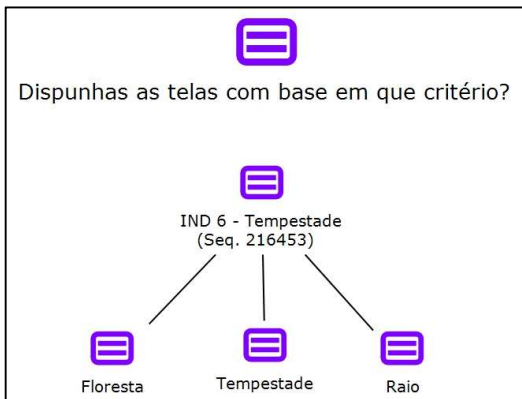


Figura 27 – Disponhas as telas com base em que critérios? (Diagrama – IND6)

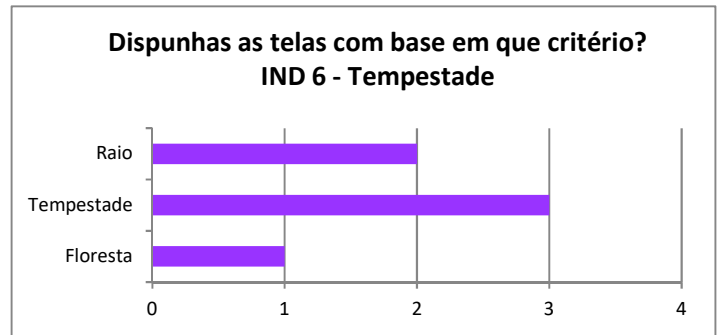


Tabela 31 – Disponhas as telas com base em que critérios? (ARI – IND6)

O IND6 não esteve presente na Sessão a que este Relatório se refere, contudo, não deixou de construir na sala de aula, a sua própria narrativa com as imagens das telas que lhe foram facultadas, com as quais relata o trajecto de sucessão de fenómenos atmosféricos (Figura 27).

Assim, a ARI (Tabela 31) assume-se as subcategorias acima referidas: **Floresta** com um grau de relevância diminuto; **Tempestade** com um grau de relevância média-baixa; **Raio** com um grau de relevância baixa.

O IND6 apresenta um sentido narrativo idêntico ao do IND10 e com conteúdos igualmente semelhantes, contudo, a sua sequência de telas não é idêntica.

O carácter simplista da narrativa apresentada pelo IND6 contrasta em tudo com a sua prestação nas **Discussões** anteriores. Uma vez que se verifica este fenómeno pela primeira vez, queremos salientar que, um indivíduo que apresenta um perfil de participante entusiasta, perante meras imagens de telas que não viu, e mesmo acompanhando as possíveis narrativas de colegas na sala de aula, não consegue enveredar pela complexidade e qualidade de reflexões/pensamentos que usualmente apresenta nas Sessões.

## IND7 - Disponhas as telas com base em que critério?

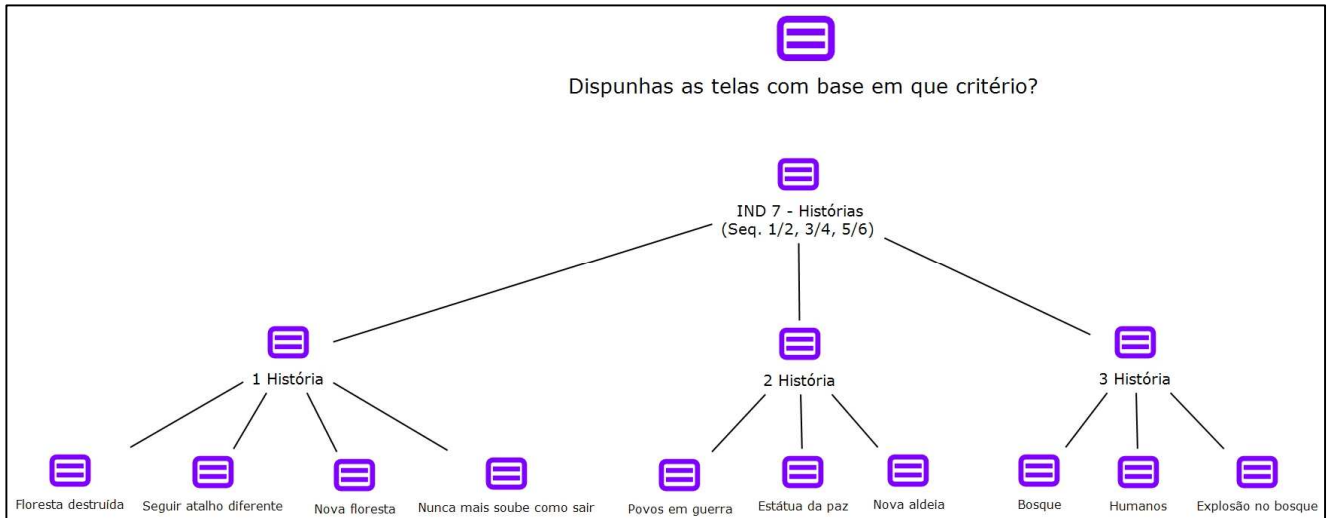


Figura 28 – Disponhas as telas com base em que critérios?  
(Diagrama – IND7)

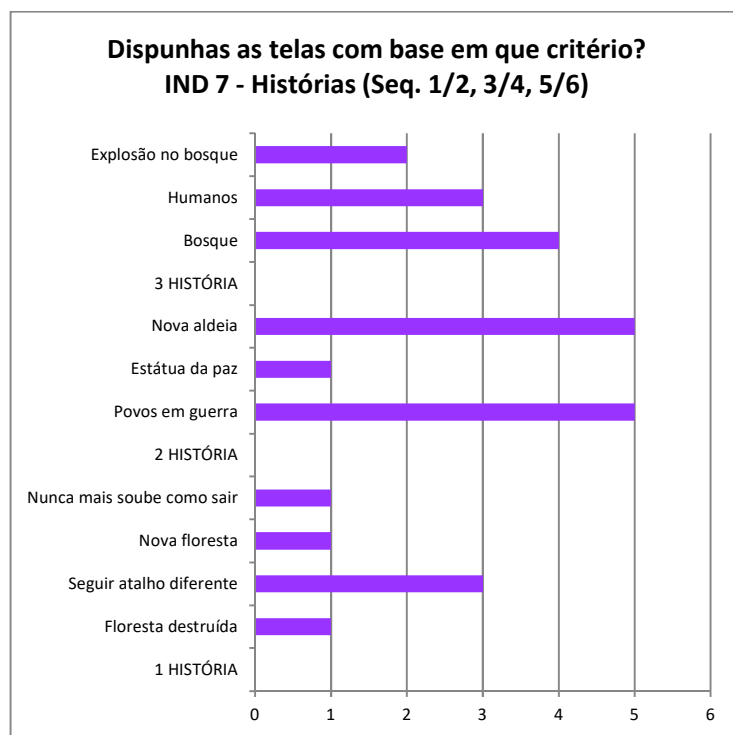


Tabela 32 – Disponhas as telas com base em que critérios?  
(ARI – IND7)

Apesar da sua participação na **Discussão** ter sido algo moderada comparativamente a Sessões anteriores, a IND7 apresenta a composição de sequência de telas mais complexa de todas as crianças-participantes, ou seja, a IND7 dispôs a sua apresentação por temas numa sequência em pares de 2 telas formando, assim, 3 histórias (Figura 28):

- A **1 HISTÓRIA** baseia-se na 1 e 2 telas, e fala-nos de uma **Floresta destruída** onde vive alguém que decide **Seguir um atalho diferente** chegando assim a uma **Nova floresta** pois não era aquela que conhecia e de onde **Nunca mais soube como sair**.

A ARI (Tabela 32) desta história apresenta para as suas subcategorias uma relevância diminuta excepto para a subcategoria **Seguir um atalho diferente** com uma relevância média-baixa.

Apesar dos níveis de relevância algo diminutos a história apresenta uma estrutura complexa e de carácter intimista, o que lhe imprime um forte carácter simbólico.

- A **2 HISTÓRIA** baseia-se na 3 e 4 telas, e fala-nos de dois irmãos, cada um deles chefe de um dos **Povos em guerra** por causa de uma **Estátua da Paz** que construíram em conjunto, surge então uma **Nova aldeia** constituída pelos filósofos e sábios que nela se refugiaram cansados dos conflitos causados pelos dois irmãos. Esta Nova aldeia decide destruir as outras duas para finalmente viverem e paz.

A ARI da **2 HISTÓRIA** (Tabela 32) apresenta níveis de frequência média para as subcategorias **Povos em guerra** e **Nova aldeia**; e de frequência diminuta para a subcategoria **Estátua da Paz**.

Os níveis de relevância apresentados exprimem a intenção da IND7 em caracterizar com alguma intensidade e pormenor, como o aparentemente igual pode assemelhar-se ao aparentemente diferente, deixando a questão final sem resposta Ex: “A nova aldeia, agora única, está em festa. Não tiveram feridos e têm a nova estátua... A paz?”.

- A **3 HISTÓRIA** baseia-se na 5 e 6 telas, refere um **Bosque** onde vivem animais de pequeno e médio porte que apesar na harmonia em que viviam sempre recearam os **Humanos**. Certo dia, um humano colocou algo numa árvore que provocou uma enorme **Explosão no bosque**, não tendo sobrevivido nenhum animal.

A ARI da **2 HISTÓRIA** (Tabela 32) apresenta níveis de frequência média para a subcategoria **Bosque**; para a subcategoria **Humanos** apresenta níveis de frequência média-baixa; e para a subcategoria **Explosão no bosque** apresenta níveis de frequência baixos.

Esta narrativa apresenta características de uma tragédia, de um desfecho inicialmente anunciado, se uma certeza da qual provavelmente não há escapatória: a tranquilidade do Bosque não iria, por ventura, escapar da acção destruidora dos humanos.

## IND8 - Disponhas as telas com base em que critério?

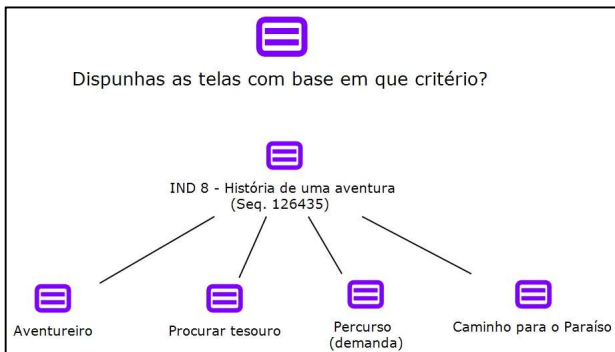


Figura 29 – Disponhas as telas com base em que critérios? (Diagrama – IND8)

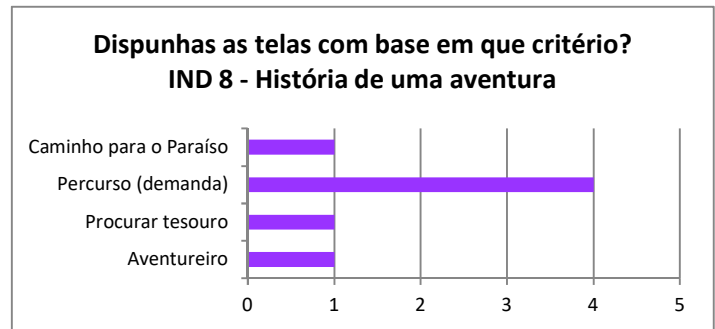


Tabela 33 – Disponhas as telas com base em que critérios? (ARI – IND8)

Durante a Sessão, muito próximo do seu final, o IND8 iniciou aquilo que posteriormente viria a ser a reflexão individual na sala de aula, ou seja, a proposta de alteração da disposição das telas e a construção narrativa do respectivo contexto Ex: “Eu agora, como estavam a falar essas coisas entre o bem e o mal, eu notei, sem pensar, que isto aqui é mais ou menos: ali (T6) é uma floresta normal, tem ar de ser simpática. Aquilo (T5) é uma coisa já toda destruída, e tem uma coisa que não sabem muito bem o que é que é, parece ser mais o bem e o mal. Ali (T4) é uma floresta com um sítio com neve. E aqui (T3) são imensos troncos a andar na água, coisas destruídas. E acho que é o bem e o mal, o bem e o mal. E acho que é mais ou menos essa ligação, ao contrário.”

O IND8 assumiu uma outra ligação que foi respeitada na sala de aula. Assim, A sua **História de uma aventura** (Figura 29) inclui um **Aventureiro** que se predispõe a **Procurar um tesouro**, após um longo e difícil **Percurso (demanda)** um raio de luz indicou-lhe o **Caminho para o Paraíso**.

A ARI da **História de uma aventura** (Tabela 33) apresenta níveis de frequência na sua generalidade diminutos à excepção da subcategoria **Percurso (demanda)** que apresenta níveis de frequência média-baixa.

Esta última subcategoria apresenta uma diferença de relevância em relação às outras subcategorias apresentadas, o que corrobora o interesse do IND8 em acentuar a questão de um **Percurso (demanda)** associado à definição de um *destino* que se traça no sentido positivo, em **Direcção ao Paraíso**.

Esta história apresenta semelhanças narrativas muito próximas da do IND1, ambas muito associadas às particularidades do *destino*.

## IND9 - Disponhas as telas com base em que critério?

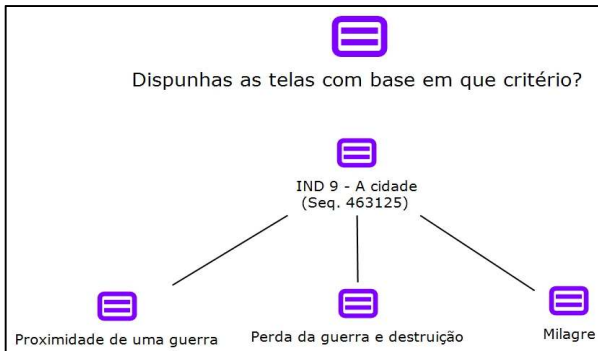


Figura 30 – Disponhas as telas com base em que critérios? (Diagrama – IND9)

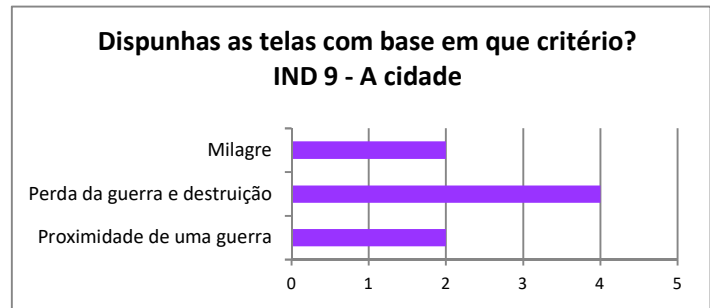


Tabela 34 – Disponhas as telas com base em que critérios? (ARI – IND9)

O IND9 dispôs a sua narrativa seguindo uma sequência que liga através de uma história intitulada **A cidade** (Figura 30). Assim, perante a **Proximidade de uma guerra** algumas pessoas saíram para apreciar o seu último dia de paz, mesmo porque a **Perda da guerra e a destruição** da sua cidade eram uma certeza dada a desvantagem em que se encontravam. O inevitável aconteceu, tudo ficou destruído e, *já não era possível nascer ali uma flor bonita*. Passados alguns dias acontece um **Milagre**, um raio de luz azul surge e todo o que tinha sido destruído é reconstruído.

A ARI da história **Uma cidade** (Tabela 34) apresenta para a subcategoria **Proximidade de uma guerra** um grau de relevância baixo; a subcategoria **Perda da guerra e a destruição** apresenta uma relevância média-baixa mas que reflecte a relevância que deu à descrição da destruição; e para a subcategoria **Milagre** uma relevância igualmente baixa.

A narrativa apresentada pelo IND9 apresenta uma estrutura cuidada e consistente com um rasgo poético Ex: “(...) já não era possível nascer ali uma flor bonita.”, e com um desenlace feliz, pormenor de aparente irrelevância mas que não foi, efectivamente, verificado nas narrativas anteriores.

## IND10 - Disponhas as telas com base em que critério?

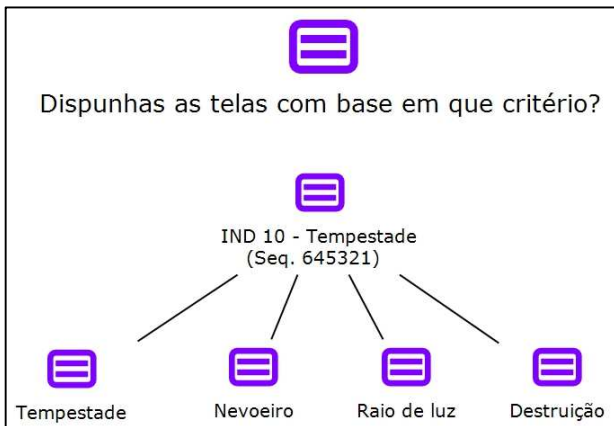


Figura 31 – Disponhas as telas com base em que critérios?  
(Diagrama – IND10)

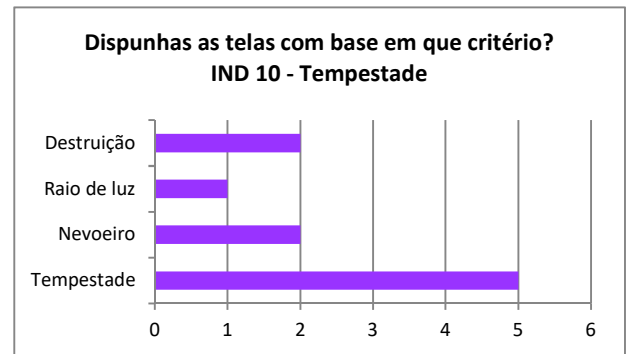


Tabela 35 – Disponhas as telas com base em que critérios?  
(ARI – IND10)

O IND10 construiu a sua narrativa segundo a sequência de acontecimentos relacionados com uma **Tempestade** (Figura 31), que porventura veio influenciar a narrativa do IND6, tal como havia sido referido anteriormente pois, de igual modo, relata o trajecto de sucessão de fenómenos atmosféricos

A sua narrativa refere uma **Tempestade** que destruiu tudo, seguida de um forte **Nevoeiro** que apenas permitiu que se visse um **Raio de Luz**. Quando o Nevoeiro passou “para onde quer que se olhasse só se via **Destruição**.”

Assim, a ARI (Tabela 35) assume-se as subcategorias acima referidas: **Tempestade** com um grau de relevância médio; **Nevoeiro** com um grau de relevância baixa; **Raio de luz** com um grau de relevância diminuto; e, **Destruição** com um grau de relevância baixa.

A disparidade de relevância entre as subcategorias que estruturam este relato de uma Tempestade passa pela importância que o IND10 ter focado a sua atenção nos fenómenos atmosféricos que compõe a sua sequência de acontecimentos a que se referiu.

O IND10 apresenta uma certa preocupação em associar semanticamente a sequência narrativa que determinou com a possível descrição directa das telas, ou seja, os fenómenos atmosféricos descritos na sua narrativa associam-se ordenadamente aos possíveis fenómenos presentes numa tempestade, mesmo os seus possíveis efeitos nefastos.

Assim, a ligação pode-se revelar como uma interpretação próxima de uma realidade factual, mesmo que se esteja a evocar telas sem título e cujo propósito do autor se desconhece.

## IND11 - Disponhas as telas com base em que critério?

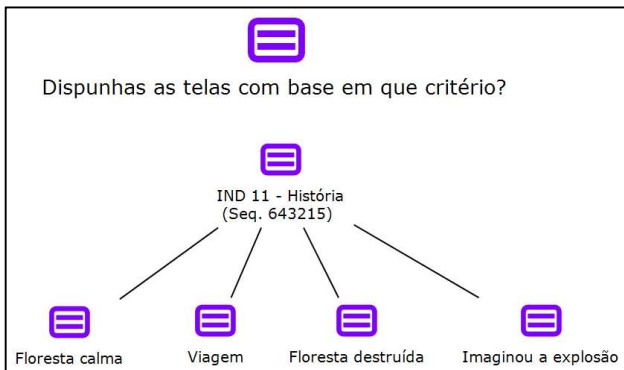


Figura 32 – Disponhas as telas com base em que critérios? (Diagrama – IND11)

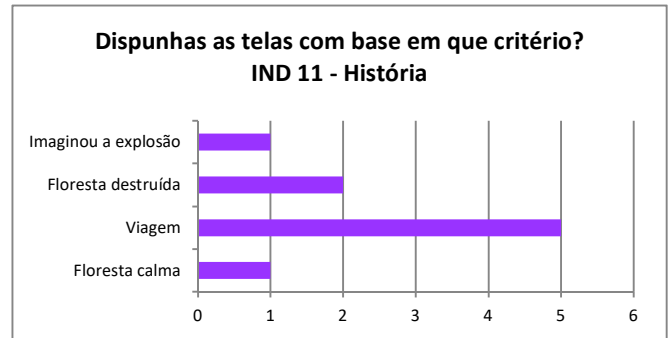


Tabela 36 – Disponhas as telas com base em que critérios? (ARI – IND11)

A IND11 construiu uma narrativa que intitulou de **Uma História** (Figura 32). A história tem início numa **Floresta calma** e de um animal que nela habitava mas que iniciou uma **Viagem** algo atribulada; no regresso deparou-se com a **Floresta destruída** e **Imaginou a explosão** que teria deixado tudo assim.

No que diz respeito à ARI (Tabela 36) a narrativa da IND11 estruturou-se segundo as subcategorias referidas: **Floresta calma** com um grau de relevância diminuto; **Viagem** com um grau de relevância médio; **Floresta destruída** com um grau de relevância baixo; e, **Imaginou a explosão** com um grau de relevância diminuto.

A disparidade de relevância deve-se ao facto de a IND11 ter focado a sua atenção na descrição da viagem, do que nos restantes elementos estruturantes da sua narrativa.

A IND11 apresenta uma narrativa de estrutura simples e sem grandes preocupações em encontrar elementos de ligação entre a sucessão dos vários episódios que refere.

## **ANÁLISE ETNOGRAFICA DO REGISTO DE VIDEO**

Para a AERV desta sessão adoptou-se por uma abordagem dedutiva, na medida em que foi observado um evento específico e fortemente conduzido pela questão desta investigação.

Esta análise mantém o protocolo assumido e teve em conta: a relação dos comportamentos físicos com o espaço físico envolvente; comportamentos físicos em relação às obras previamente seleccionadas; e ainda, a qualidade dos discurso dos intervenientes. Assim, a AERV mantém-se organizada de acordo com dois momentos específicos: 1º Momento refere-se aos comportamentos referentes ao momento em que as crianças-participantes entraram em contacto com o espaço onde as obras estavam expostas e a observação directa das mesmas; o 2º Momento refere-se aos registos comportamentais no decorrer da própria Sessão.

**Análise etnográfica do registo de vídeo**

TEMPO	CATEGORIA	ACÇÃO	CONTEXTUALIZAÇÃO	OBSERVAÇÃO
00:00:47	1 FILME Leitura das obras	Tempo de observação	Os facilitadores viram-se confrontados com a indisposição das crianças-participantes em discutir a tela previamente escolhida. A <b>Leitura das obras</b> iniciou-se com uma escolha individual ou de pequenos grupos da tela que queriam discutir pelo que, a <i>Sessão</i> acabou por abranger todas as telas presentes na sala.	Alteração de comportamentos face ao fenómeno
00:00:05	2 FILME		Alguma agitação enquanto se prepara o equipamento de registo da sessão	Preparação da sessão (equipamento)
00:07:45  00:08:07	<b>Agenda da Discussão</b>	Colocação de questões	IND9 coloca a 1ª questão. IND5 coloca dedo no ar e fórmula questão. IND11 coloca dedo no ar e fórmula questão. Tentativa de resposta à questão de IND11 interrompida pela INV, para que seja feita no momento certo. Comentários deslocados da Agenda da Discussão. IND1 coloca dedo no ar e fórmula questão, que é desdobrada em duas. IND8 coloca dedo no ar e fórmula questão. (levanta-se para indicar objectivamente ao que a sua questão se referia) IND5 coloca dedo no ar e fórmula nova questão. IND2 coloca dedo no ar e fórmula questão. INV comenta o facto de não ser possível discutir telas estando de costas para as mesmas. IND11 coloca dedo no ar e fórmula nova questão. CONV1 relembra a atitude esperada nas sessões e comenta o ruído que não deveria existir.  CONV1 lê todas as questões. Todos observam atentamente.	<b>Dinâmica comportamental</b> Regra da discussão: dedo no ar  INV intervenção para manter a ordem da Regra da discussão  Comportamentos algo agitados, Burburinho  CONV1 Regra da discussão - ruído
00:09:30  00:10:06  00:10:48		TELA 5	Muitos dedos no ar para intervir. CONV1 dá palavra a IND 7 que comenta questão (levanta-se para elucidar colegas sobre o que se está a referir e lança a ligação entre as telas como um género de história. IND9 intervém para dar resposta a questão. IND7 dá um toque à IND11 para que esta se sente porque está deitada.	Comportamentos atentos Argumentações integradas nos contextos narrativos criados (mesmo os pequenos desvios são interessantes e motivadores)

00:11:17 00:11:45	Caminho amarelo/reflexo do raio		IND5 levanta o dedo e comenta sem haver necessidade da intervenção de qualquer facilitador. Todos estão atentos e seguem, em silêncio, os comentários dos colegas.	
00:12:01	Luz / Inferno	TELA 6 TELA 4 TELA 5	IND10 mantém o dedo no ar e comenta questão. IND9 coloca o dedo no ar e comenta Tela 5. IND5 responde directamente à questão do IND 2 IND4 coloca outra hipótese de leitura da tela	Momento algo agitado em que se colocam muitos dedos no ar para intervir
00:12:53	Destino	TELA 5 TELA 3; TELA 4	IND1 estende o conceito de leitura da obra referindo-se a outra obra anteriormente discutida noutra sessão (labirinto)	<b>Contextos assimilados e geradores de outras leituras</b> <b>Leitura descritiva e cruzada de telas</b>
00:13:58		TELA 3 TELA 3	IND8 cruza leitura descritiva das telas e usa o seu próprio corpo de modo bastante expressivo enquanto o faz	Alguns comentários em surdina por parte de alguns colegas
00:15:09	Luz / Trevas	TELA 3	IND11 acrescenta leitura à descrição anterior IND4 interroga IND11 e esta esclarece a sua leitura IND1 comenta e introduz um possível contexto narrativo para a leitura da tela	<b>Entrada de contexto narrativo</b>
00:15:53	Luz / (espaço intermédio) / Trevas	TELA 3; TELA 5	Intervenção CONV1 que interroga a associação entre telas que tiveram o mesmo tipo de contexto narrativo CONV1 dá palavra ao IND 4, seguindo-se, por sua indicação o IND1	Vários dedos no ar a solicitar intervenção na discussão
00:16:23 00:16:42	Terra Cemitério Objectivo da batalha (vitória)		IND4 apresenta hipótese IND5 impõe a sua palavra (não respeita a ordem) IND1 levanta instintivamente o dedo para marcar a sua posição. CONV1 dá-lhe a palavra. (associa a texto lido pelo professor na sala de aula Feiticeiro Terra Mar)	<b>Construção de contexto narrativo</b>
00:17:09			CONV1 interrompe desvio pretendido por IND7 e pede para manter o fio da discussão	
00:17:22	Batalha entre a escuridão e a luz	TELA 3	IND9 mantém a leitura de IND1 e esclarece	
00:17:38	<b>DESTINO</b> (caminho que conduz ao destino)	TELA 3; TELA 5	CONV1 intervém e reforça a questão	<b>Instigação (prosseguir com temática de discussão)</b>
00:08:27		<b>Batalha</b>	IND5 sai do seu lugar, aproxima-se do CONV1 e intervém de imediato questionando o objectivo da Batalha IND1 faz ligação narrativa mas debruça-se sobre Tela 5 IND8 faz correspondências em ambas as telas	Crianças-participantes fazem por elas mesmas a gestão da ordem das intervenções, estando atentas e respeitando a ordem de solicitação de intervenção

00:20:04	<b>DESTINO vs OBJECTIVO</b>	TELA 3; TELA 5	CONV1 apresenta conceitos construídos: batalha associada a objectivo final (tela 3), e percurso associado a destino final (tela 5), e pergunta como constroem a diferenciação Passam a palavra correctamente	<b>Instigação à discussão</b> Movimentação silenciosa – vários braços no ar
00:20:33	<b>Conceito de escolha</b>		IND9 define de imediato objectivo e destino	
00:20:34			CONV1 instiga para que se aprofunde o conceito de Destino	
00:21:13			IND1 manteve dedo no ar, introduz o <b>conceito de escolha</b>	
00:21:49	<b>DESTINO Escolha</b>	Narrativas isoladas do contexto de percepção das telas	IND6 argumenta a semelhança entre os 2 conceitos (destino e objectivo) em que temos de participar com as nossas escolhas	Alguma agitação, dedos no ar Narrativa abstracta Narrativa abstracta Narrativa abstracta Narrativa virtual Narrativa real (hipotética)
00:23:10	<b>Semelhanças</b>		CONV1 instiga a defesa das duas visões	
	<b>Destino muda</b>		IND9 constrói argumentação (semelhantes)	
	<b>Ponto de chegada</b>		IND4 constrói argumentação (Destino muda)	
	<b>Influência das acções</b>		IND8 constrói argumentação (ponto de chegada). CONV1 ajuda a esclarecer	
00:26:22			IND7 constrói argumentação (influência das acções)	
			IND 5 constrói argumentação, está de acordo com IND7	
00:27:06	<b>ACASO E SORTE</b>		CONV1 introduz uma leitura geral do que foi apresentado e acrescenta os conceitos de Acaso e Sorte (Causalidade)	<b>Instigação à discussão</b> Olham atentamente o CONV1
	<b>Surpresa</b>		IND4 constrói argumentação e esclarece (destino muda com quase tudo)	Entusiasmo, agitação e dedos no ar
	<b>Azar</b>		CONV1 resume e esclarecer ideia apresentada, lançando nova questão mais incisiva ao grupo (surpresa)	
			IND2 coloca o dedo no ar e CONV1 dá-lhe a palavra (acção do azar)	
			IND5 concorda com IND2	Breve pausa
			CONV1 retoma e apresenta a ideia da surpresa. IND2 concorda	
			IND5 argumenta (esforço)	
			IND7 concorda com a argumentação anterior	
			IND8 apresenta argumentação que se funda numa narrativa hipotética	Atentos e passagem de palavra correcta
			CONV1 resume e contextualiza (fazer escolhas e estabelecer objectivos)	
		IND4 argumenta (no que queremos que aconteça)		
		IND1 argumenta e contextualiza com narrativa real (pensamento/quereres).	<b>Instigação à firmeza das ideias</b>	
		CONV1 reenvia questão (sonho). IND1 retoma argumentação (escolhas que fizemos)		
		IND9 argumenta (depende do que fizemos de bom)		
		<b>PAUSA – AUSÊNCIA DE PEDIDOS DE INTERVENÇÃO</b>		
00:32:20			INV questiona	

00:33:42	Destino determina a sorte e o azar		<p>IND1 apresenta narrativa pessoal para dar resposta à questão da INV</p> <p>Várias argumentações surgem, mais intimistas até que o IND9 retoma as ideias apresentadas e conjuga-as (destino determina a sorte e o azar)</p> <p>CONV1 resgata a questão e lança-a de novo para a discussão</p>	<p><b>Instigação retomar e aprofundar ideias</b></p> <p><b>Quietude de comportamentos atentos ao que está a ser dito</b></p> <p><b>Instigação: resgate de questão</b></p> <p><b>Dinâmica comportamental:</b> dedos no ar em simultâneo com respostas simultâneas que se sobrepõe à voz do CONV1</p>
00:34:31	Destino pode mudar		<p>IND4 altera argumentação da questão alargando-a para uma outra possibilidade</p> <p>IND7 mantém firmemente o dedo no ar</p> <p>IND5 sobrepõe a sua intervenção</p> <p>IND7 argumenta e contextualiza com narrativa virtual</p> <p>IND8 argumenta com narrativa virtual</p>	<p><b>Narrativa virtual com algum cariz para a abstracção</b></p> <p><b>Dinâmica comportamental:</b> atentos e agitados, vontade de intervir</p> <p><b>Narrativa virtual</b></p> <p><b>Narrativa virtual</b></p>
00:35:52	Destino marcado mas desconhecido			
00:36:17	Destino marcado vs Destino não determinado		<p>CONV1 resume e apresenta os 2 pontos de vistas apresentados (vários pedidos de intervenção em absoluto silencio e com dedos no ar)</p> <p>IND9 opta pela versão do destino não determinado</p> <p>IND4 defende que o destino é um misto das 2 versões – disc. Abstracto</p> <p>IND1 exemplifica argumentação anterior – narrativa virtual e narrativa real</p>	<p><b>Esclarecimento e instigação</b></p> <p><b>Dinâmica comportamental:</b> atentos quando ouvem CONV1; algo agitados aquando das intervenções dos colegas</p>
00:36:48				
00:38:25	LIGAÇÃO ENTRE TELAS	TELA 5; TELA 6	<p>IND5 muda o assunto em discussão: umas telas têm ligação outras não</p> <p>INV questiona qual é a ligação das telas apontadas</p> <p>IND4 levanta-se e aponta nas telas as ligações que encontra (semelhanças nos elementos percebidos, bem como questões de interpretação narrativa, permitem o “diálogo entre as telas”, a tal ligação)</p> <p>INV pede a IND4 que esclareça a sua intervenção</p>	<p><b>MUDANÇA DE DIRECÇÃO DISC.</b></p> <p><b>Dinâmica comportamental:</b> vários dedos no ar em simultâneo; alterações físicas (corpos agitados); INV4 dirige-se às telas mencionadas</p> <p><b>Pedido de clarificação</b></p>
00:40:00		TELA 4; TELA 3	IND2 apresenta a sua interpretação/narrativa de ligação entre telas	
00:40:19		TELAS 6, 5, 4, 3	<p>CONV1 dá licença a que IND8 intervenha</p> <p>IND8 apresenta uma ligação entre telas mais interactiva e abrangente (narrativa virtual)</p>	<p><b>Dinâmica comportamental:</b> corpos agitados, algo impacientes mas</p>

00:41:10		TELAS 5, 3, 4, 2, 1	IND1 apresenta igualmente interactiva e abrangente, primeira inclusão da tela 1 e 2 na narrativa (narrativa virtual)	silenciosos, mantém respeito pelas regras (IND9 chucha no dedo)
00:41:40		TELA 4;	IND10 pedido de esclarecimento a IND2	
00:41:58	DISPOSIÇÃO DAS TELAS		INV propõe ao CONV1 que questione sobre possíveis propostas para a disposição das telas Resposta generalizada: – “Diferente!” CONV1 pede a cada um que identifique a alteração e sobre que pretexto CONV1 esclarece	<b>Dinâmica comportamental:</b> em geral apresentam comportamentos agitados mas atentos
00:42:51			Crianças-participantes começam, à vez, a nomear as telas e a relaciona-las segundo uma temática narrativa à escolha	<b>Dinâmica comportamental:</b> interacção efectiva dos discursos individuais com as obras expostas e o espaço
00:53:03			INV propõe a numeração das obras para registo das várias novas disposições	
00:53:05	LIGAÇÃO ENTRE TELAS	TELA 5; TELA 1  TELA 1 TELA 5	Esclarecimentos IND7 pede esclarecimento acerca de questões que considerou não esclarecidas IND8 pede para responder / esclarecer IND2 esclarece igualmente através de uma narrativa	<b>Dinâmica comportamental:</b> Tomada de posição (tom de voz ativo)  Relação física com as obras
00:55:54	<b>ENCERRAMENTO DA SESSÃO</b>		INV comunica a CONV1 o tempo de duração da discussão CONV1 encerra a discussão IND4 pergunta ao CONV1 se gostou da sessão	Momento empático que denuncia a satisfação pessoal da criança e o reflexo da mesma nos adultos facilitadores

Obs.

Mantiveram um exemplar cumprimento pelas regras da *discussão*.

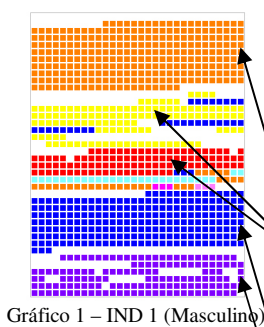
No que diz respeito à dinâmica de grupo verificou-se que as crianças-participantes desde o início mantiveram o domínio total de escolhas, que passa pelas pelos seus discursos individuais bem como a perfeita sintonia com as obras expostas. O seu comportamento físico é tranquilo, atento e empático. Os tons de voz mantiveram um perfil sereno elevando-se apenas quando a argumentação se tornava mais incisiva. Em geral, a opinião, de ambos os facilitadores, foi de que as crianças-participantes mantinham elas mesmas a dinâmica da discussão, dispensando praticamente, a presença dos facilitadores. No final da discussão o critério de escolha da disposição das obras foi tido em conta e registado pelos facilitadores. Posteriormente a INV entregou ao CONV1 o registo dessas escolhas bem como o material necessário (imagens das obras seleccionadas), com o qual as crianças-participantes desenvolveram uma actividade na sala de aula (Ver Pág.41 à 52, a ARI da actividade como registo da perspectiva *follow up*). O prazer/gozo das crianças-participantes registado nesta sessão tem de ser tido em consideração, mesmo porque, o mesmo foi publicamente declarado pelo IND4 quando questiona pelo nível de satisfação do CONV1.

Quadro 1 - Análise etnográfica do registo de vídeo  
(Descrição)

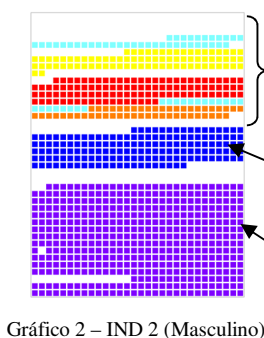
## RETRATOS E ANÁLISE DE PARTICIPAÇÃO POR INDIVÍDUO (Crianças-participantes e Adultos)

Esta RAPI, tal como foi referenciado no R1A, apoia a necessidade de definir, não só o modelo de participação por indivíduo em relação às subcategorias balizadas pela ARTD, mas também a sinalização da tipologia do carácter argumentativo de cada uma das crianças-participantes.

Visualizar o mapeamento categorial da participação de cada indivíduo (do Gráfico 1 ao Gráfico 12) e a descrição da respectiva participação na dinâmica do grupo, permitiu aceder a uma maior sensibilização das possíveis relações comportamentais e permitir avaliar, por indivíduo, a evolução da sua participação. De igual modo foi integrado o retrato de participação dos facilitadores de modo a compreender a necessidade ou dispensabilidade das suas intervenções, o carácter e tipologia das mesmas.



O IND1 participou na constituição da **Agenda da Discussão** procurando desde o início questionar que tipo de ligação existiria entre as telas presentes na sala de exposições. O seu comportamento revelou-se atento e sintonizado com as intervenções dos colegas não deixando, contudo, de marcar posição com uma argumentação muito própria. Deste modo, a sua participação pôde manter-se constante durante toda a discussão, tendo focado com uma maior relevância nas subcategorias: **T3; T5; Ligação entre telas** onde revela a preocupação constante de integrar a leitura da **T5**; inaugura e participa na constituição da subcategoria **Destino**; e, com uma menor incidência participou ainda na constituição das subcategorias **T4; T2** e **T1**. O IND1 participou na organização da questão que foca a definição de **Destino** e, ainda, na subcategoria **Disposição das telas**. A narrativa apresentada pelo IND1 na sala de aula refere-se a uma aventura de cariz algo iniciática e é coerente com a estrutura da sua argumentação apresentada durante a Sessão.



O IND2 participou pela primeira vez na constituição da **Agenda da Discussão** com referência directa à **T4**. A sua participação foi irregular mas o seu comportamento revelou que atenção aos contornos da discussão. Mostrou um interesse específico pelas subcategorias **T5; T3; Ligação entre telas**; e **Destino**. É de salientar os progressos do IND2 na participação da discussão. Para a subcategoria **Disposição das telas** o IND2 apresentou voz firme e sem receios; presença física mais integrada e menos alheada, o que lhe permitiu gerir competências para a apresentação de argumentos igualmente integrados; e por último, não revelou receio em lançar novas e noções divergentes sobre os temas em discussão. Durante a Sessão o IND2 defendeu que não queria alterar a

disposição das telas, contudo, na sala de aula, alterou a sua posição, quem sabe motivado pelos parceiros de mesa mais próximos (IND 1 e IND 8). A sua *narrativa* apresenta uma estrutura algo simplificada e com ausência de detalhes.

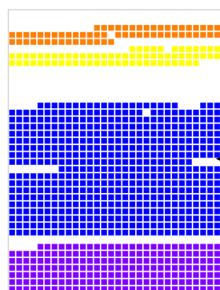


Gráfico 3 – IND 4 (Masculino)

O IND4 apresenta-se pontualmente durante grande parte da **Discussão** com algum interesse na constituição das subcategorias **T3** e **T5**. No final, as suas entradas apresentam uma natureza consistente e pertinente na constituição da subcategoria **Destino** que possibilitou que a subcategoria estendesse o seu conceito a aspectos mais abstractos. A sua narrativa foi sem dúvida a mais interessante ao revelar uma estrutura que superou o sentido narrativo esperado e aproximar-se, pela sua feição poética e desprendida, da prosa.

O seu discurso pessoal é coerente e a sua evolução verifica-se no modo como intervém em momentos sensíveis e potencializadores da construção de discursos abstractos – o IND4 é uma “mola impulsionadora” na **Discussão**.



Gráfico 4 – IND 5 (Masculino)

O IND5 participou na constituição da **Agenda da Discussão** com referência directa à **T3**. A sua participação foi dispersa e natureza pouco consistente, com entradas nas subcategorias: **T4; T5; T6; Ligação entre telas** e **Destino**. A sua argumentação é contextualizada, algo ingénua mas com pretensões a ser edificadora de sentido.

O seu comportamento ainda demonstra o seu espírito rebelde e pouco cumpridor das regras da discussão.

No que diz respeito à sua narrativa, apresenta a preocupação de construir uma história simples, coerente e algo poética. (Questiono se não terá tido algum apoio suplementar)



Gráfico 5 – IND 6 (Masculino)

(Não esteve presente na discussão mas fez o trabalho na sala de aula.)

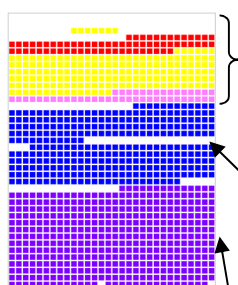


Gráfico 6 – IND 7 (Feminino)

A IND7 teve uma participação menos instigadora (em comparação com as sessões anteriores), e silenciosa até que surgiu na discussão a **Ligação entre telas**, aqui retoma questões discutidas anteriormente tais como: **T5** e **T1**.

No que diz respeito às suas intervenções nas questões associadas à subcategoria **Destino**, a sua participação foi coerente e muito associada a organização de narrativas pessoais de cariz virtual, e integrou na sua argumentação referências ao tema *Labirinto*.

No que diz respeito ao seu comportamento, manteve-se sempre cumpridora das regras da discussão, não deixando contudo de apresentar no seu discurso alguns laivos do seu característico cepticismo, ferramenta que utiliza para manter uma posição preponderante enquanto procura a conciliação ou o melhor entendimento das intervenções dos parceiros.

A sua narrativa apresentou uma estrutura exigente e ambiciosa: para cada par de telas correspondeu uma história, ou seja, produziu 3 histórias diferentes, todas elas apresentando uma estrutura complexa e intimista devido ao carácter simbólico e ao fatalismo cínico.

Anteriormente a IND7 “jogava” com as intervenções da IND3, agora ausente. Se inicialmente esta característica provocadora e dominante levou a caracterizá-la de “criança espelho”, agora, verifica-se a ausência da sua vitalidade e entusiasmo, e muito introspectiva.

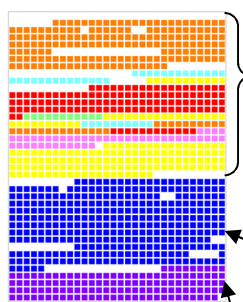


Gráfico 7 – IND 8 (Masculino)

O IND8 participou na **Agenda da Discussão** com uma questão directamente associada à **T5**. A sua participação foi constante durante toda a Discussão.

De participação constante revelou um enorme interesse em contextualizar a **T3**, e a sua participação para a subcategoria **Ligação entre telas** acusou um interesse concreto de contextualização das telas em exposição: **T1; T3; T4; T5; T6**.

As questões relacionadas com a subcategoria **Destino** revelaram-se, para o IND8, de suma importância, pelo que, nesta fase, as suas intervenções foram acesas e constantes. Assim, a sua participação caracterizou-se pela interacção e coerência em relação ao contexto criado pelas várias intervenções, revelou a sua persistência em descrever e fazer corresponder as telas entre si (procura de uma leitura alargada e integradora).

No que diz respeito ao seu comportamento, manteve-se sempre cumpridor das regras da discussão, com uma relação física expressiva com o espaço e as obras.

A sua narrativa apresenta-se muito associada às correspondências hipotéticas apresentadas durante a **Discussão** e algo próxima das narrativas dos IND1 e IND2.

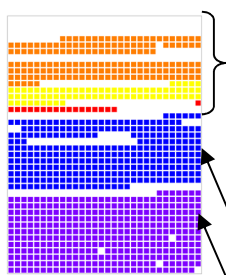


Gráfico 8 – IND 9 (Masculino)

O IND9 abriu a **Agenda da Discussão** com uma questão associada à **T5**. A sua participação foi atenta e motivada durante toda a Discussão. O IND9 esclarece e defende as argumentações integradas no contexto da **Discussão** e revelou um especial interesse pelas questões que estruturaram com as subcategorias **T3** e **T5** e ainda, de algum modo, pela subcategoria **Ligação entre telas**.

As suas intervenções mais significativas relacionam-se com as questões associadas à subcategoria **Destino**.

No que diz respeito ao seu comportamento, manteve-se sempre cumpridor das regras da discussão, com uma atitude física calma (contudo, próximo do final, num momento de alguma agitação física estimulado pelas intervenções, o IND9 chucha no dedo). A sua narrativa apresenta uma estrutura cuidada e consistente de inspiração algo poética. A sua narrativa é a única que apresenta um final feliz.

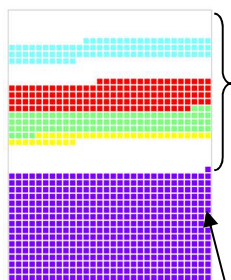


Gráfico 9 – IND 10 (Masculino)

O IND10 nas sessões anteriores revelou uma participação escassa, contudo, nesta sessão esforçou-se por se manter atento e com uma participação reveladora de um interesse concreto. Assim, verificou-se que as suas argumentações incidiram nas questões relacionada com a subcategoria **T4** e com a subcategoria **Ligação entre telas**, tendo esta última integrado interesses nas subcategorias **T5** e **T6**. Não se registou qualquer intervenção aquando da discussão das questões relacionadas com a subcategoria **Destino**, ou seja, aquando do interesse de expoente máximo e generalizado da Discussão.

O seu comportamento revelou o cumprimento pelas regras da discussão e uma atenção calma mas pouco expressiva.

A sua narrativa revela preocupação em associar semanticamente a descrição directa dos possíveis fenómenos atmosféricos que definiu para cada tela, sendo esta muito próxima de uma realidade factual.

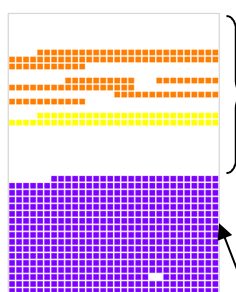


Gráfico 10 – IND 11 (Feminino)

Na sessão em causa a IND11 revelou uma participação mais acentuada mas ainda escassa, porém, de um salto qualitativo inquestionável: participou na constituição do **Agenda da Discussão** com duas questões associadas às subcategorias **T3** e **T5**; revelou um maior interesse pela **T3** que interpretou e defendeu com tal pertinência que provocou algum burburinho entre os colegas.

Apesar de cumprir as regras gerais da discussão (dedo no ar), o seu comportamento é por vezes relaxado e revelador de pouca paciência (deitou-se no chão).

A sua narrativa apresenta uma estrutura simples e despreocupada em encontrar elementos de ligação a sucessão dos vários episódios que refere.

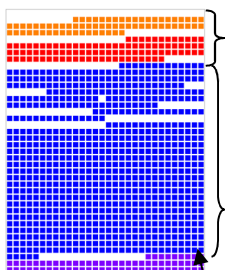


Gráfico 11 – CONV1 (Masculino)

A participação do CONV1 foi decisiva para o desenrolar da discussão, na medida em que se manteve sempre atento às oportunidades discursivas abertas pelas crianças-participantes. Apesar disso, nesta sessão, as crianças-participantes evidenciaram uma enorme autonomia no controlo e gestão das suas participações.

Durante a abordagem às questões relacionadas com a subcategoria **Destino**, o CONV1 manteve um perfil instigador e por vezes, para que as crianças-participantes percebessem e mantivessem o controlo das questões abordadas resumiu as ideias abordadas (uma espécie de contraponto da discussão) como uma ferramenta essencial ao controlo e gestão da qualidade da própria discussão. Estas reflexões, assemelham-se a suspensões discursivas que permitem uma melhor clarificação dos conceitos abordados e das bases que os constituem.

Por último, em consonância com a entrada do IND8 e em consonância com as intervenções da INV, o CONV1 lança a questão que originou posteriormente, a base do trabalho realizado na sala de aula.

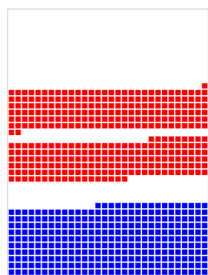


Gráfico 12 – INV (Feminino)

A participação da INV foi essencial nesta sessão na medida em que deu resposta imediata à solicitação das crianças-participantes para incluir outras telas na discussão. Este desprendimento do trabalho de preparação da sessão e a adaptação imediata a uma outra realidade mostrou a elasticidade que a INV veio a adquirir ao longo das várias sessões. Ainda acerca deste assunto, a boa parceria de trabalho com o CONV1 revelou-se quando este concordou com a alteração do objecto em discussão.

Assim, a INV preocupou-se em preparar a sessão; durante a mesma manter o respeito dos participantes pelas Regras da Discussão; instigar e pedir por esclarecimentos pontuais de algumas ideias apresentadas; acompanhar discretamente possíveis interesses originados pela discussão apoiando assim a participação mais incisiva do CONV1; e, no controlo de qualidade que a sessão deve exigir (evitar o extensão temporal da mesma).

## CONCLUSÕES FINAIS

A análise à estrutura desta discussão permite localizar e distinguir distintos momentos na dinâmica da discussão:

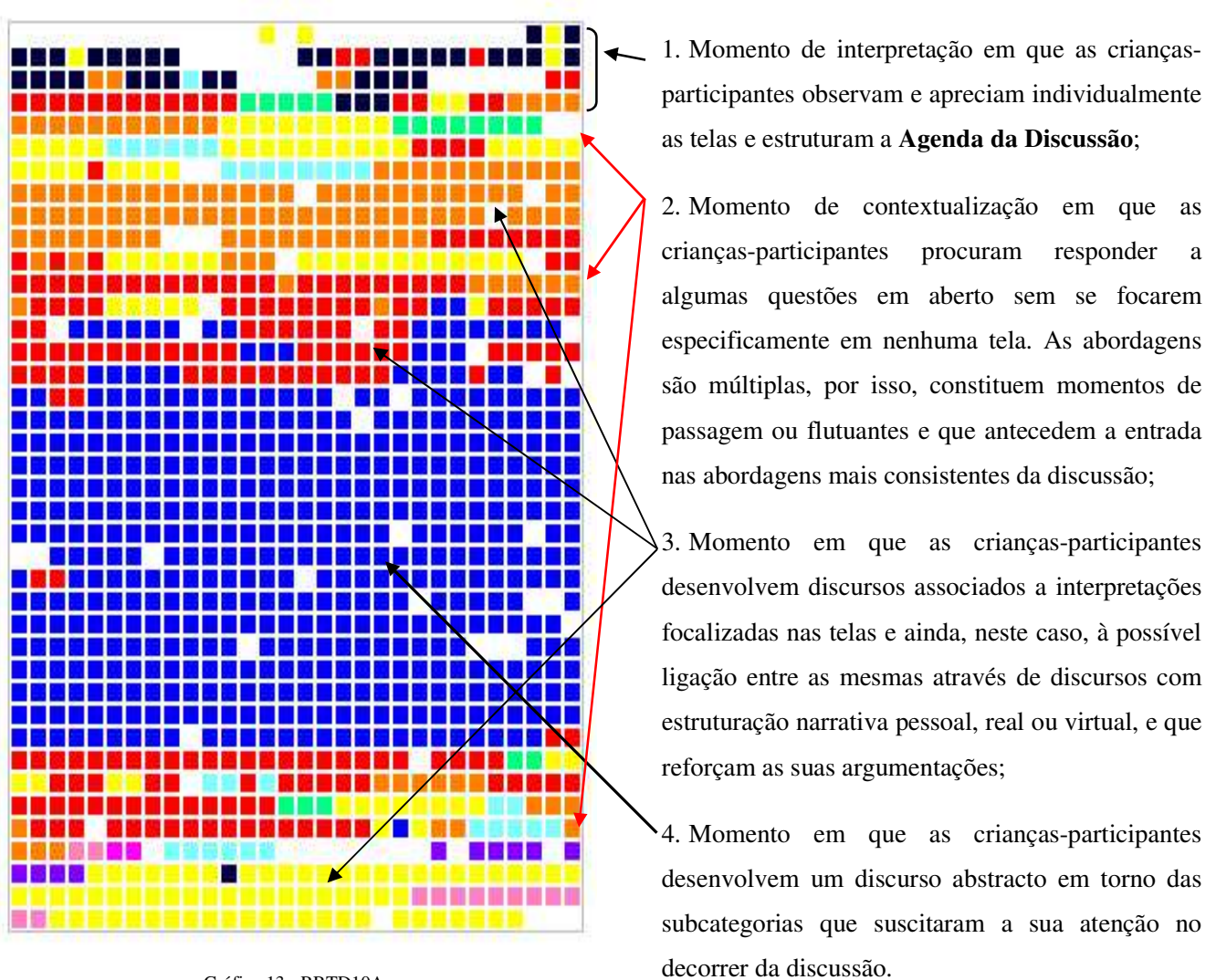


Gráfico 13 - RRTD10A

Legenda:

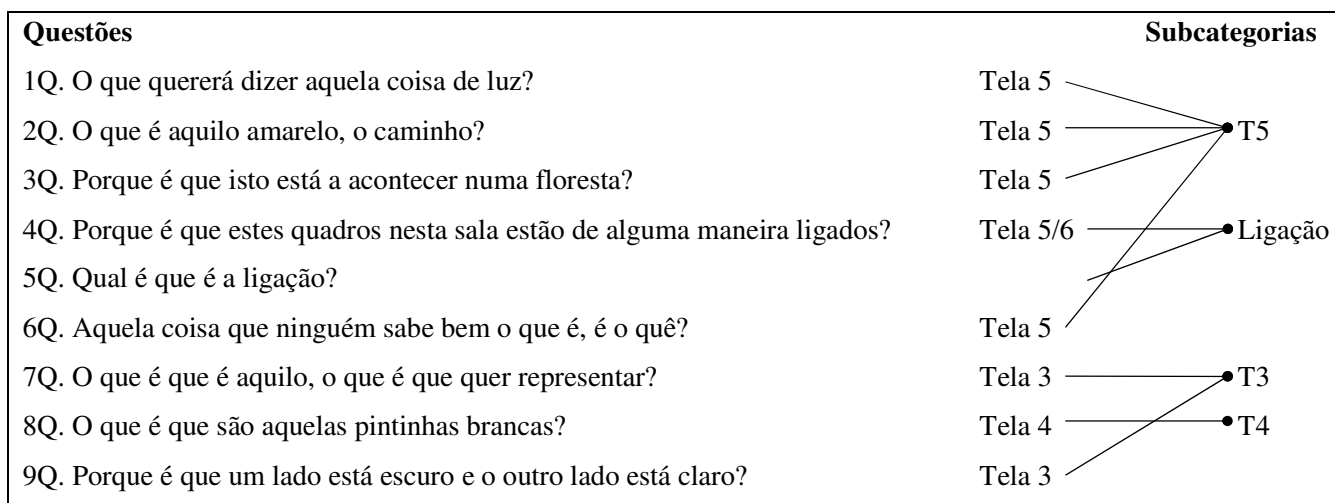
Subcategorias da Discussão	Questões derivadas da ARDG
Agenda da Discussão	
T 1	Descrição da tela T 1
T 2	Descrição da tela T 2
T 3	Descrição da tela T 3
T 4	Descrição da tela T 4
T 5	Descrição da tela T 5
T 6	Descrição da tela T 6
Ligação entre telas	Ligação entre telas
Destino	Qual é a diferença entre o que é um objectivo e o que é um destino?
Disposição das telas	Disponhas as telas com base em que critério?
(Registos comportamentais)	

## INTERPRETAÇÃO

A **Agenda da Discussão** nesta sessão reflectiu a alteração da sessão a pedido das crianças-participantes, ou seja, passou de uma única tela **T5** às seis telas presentes na sala.

Após este curto momento de alguma agitação e estando as crianças-participantes preparadas para a iniciar a sessão constatou-se que os comportamentos de preocupação com o cumprimento das regras da Filosofia com Crianças foram de atenção e participação.

A **Agenda da Discussão** constituiu-se de nove questões associadas à diversidade de telas escolhidas e que posteriormente, na ARTD optou-se por organizá-las em 4 subcategorias (Quadro 2).



Quadro 2 – Agenda da Discussão  
(Questões & subcategorias)

É necessário referir que esta sessão foi efectivamente preparada após uma visita geral a toda a exposição. A investigadora obrigou-se a observar directamente que tela surtia maior interesse nas crianças-participantes associada ao contexto em que se encontrava, isto é, a sala de exposição.

Se numa primeira visita a tela **T5** foi a distinguida pelas crianças-participantes, aquando da Sessão foi aceite apenas por 2 crianças-participantes tendo as restantes escolhido diferentes telas presentes na sala, e ao referir o termo distinguido, refiro-me ao facto de se terem sentado em frente das mesmas, recusando levantar-se ou a declinar à sua escolha.

Este fenómeno revela que as crianças-participantes apropriaram-se de um critério de escolha, ou antes, selecção, pelo qual não se inibiram em apresentar estratégias de defesa.

Assim, se numa primeira visita a escolha recaiu numa tela que suscitava algum interesse, numa 2ª visita esse mesmo interesse torna-se questionável; mais, após a discussão verifica-se que a tela **T5** concluiu a Sessão; e, em todas as narrativas pessoais realizadas na sala de aula, a tela **T5** é a que provoca leituras ambíguas.

Para esta Sessão justifica-se a questão: Para aquela sala de exposições estaria esta tela (**T5**) fora do contexto?

## CONTEXTUALIZAÇÃO

Nesta sessão registaram-se três momentos de **contextualização**, durante os quais as crianças-participantes procuraram resgatar possíveis respostas para as questões provenientes da **Agenda da Discussão** e/ou procuraram vias possíveis para abordagens mais consistentes.

Este momento caracteriza-se pelas abordagens múltiplas e em que as intervenções não se focam exclusivamente numa única tela mas num conjunto delas. Na hipótese de alguma intervenção se focar mais numa determinada tela é ainda num modo muito elementar. Nesta sessão verifica-se que estes momentos de concentração de abordagens **múltiplas passagem ou flutuantes e que** antecedem a entrada nas abordagens mais consistentes da discussão.

O primeiro momento de contextualização inicia com o pedido da IND 7 (Feminino) para responder directamente a questões da **Agenda de Discussão**, o que solicitou a abertura das subcategorias descritivas **Ligação entre telas; T3; T4; T5 e T6**, ou seja, a maioria das subcategorias directamente associadas a telas específicas e às possíveis ligações entre as mesmas.

O segundo momento de contextualização surgiu entre dois momentos de discursos de estruturação narrativa mais estruturadas. Assim, este momento resultou de um período mais consistente de intervenções associadas à subcategoria **T3** e antecedeu outro associado à subcategoria **Ligação entre telas**. É ainda de referir que neste segundo momento não surgiram novas subcategorias mas, ratificou-se, de algum modo, as áreas temáticas de maior interesse.

O terceiro momento surge muito próximo do fim da sessão onde se manifesta a sua natureza flutuante ou passageira por preceder a um momento de intensidade moderada associado à subcategoria **Ligação entre telas**, razão pela qual este momento obriga-se a resgatar por breves instantes as telas que suscitaram um interesse menor, ou seja, as subcategorias **T1; T2; T4; e T6**; e ainda a anteceder um momento de intervenções associadas à tela que maior controvérsia criou, **T5** com entradas de narrativas de cariz virtual.

No que diz respeito à dinâmica de grupo, nos momentos de passagem desta Sessão, verifica-se uma efectiva alteração de comportamentos. Os registos nas sessões anteriores de movimentos individuais constantes e de aparente alheamento alternado por momentos de atenção passaram a comportamentos atentos, da simultaneidade com que os corpos agitados das crianças-participantes registam a sua inscrição na discussão com o dedo no ar, do respeito pela ordem de inscrição reflectida na autogestão da mesma (a transição de palavra não necessitou de uma continua presença dos facilitadores, as próprias crianças-participantes tomaram a iniciativa de o fazerem sozinhas).

## DISCURSO COM ESTRUTURAÇÃO NARRATIVA

Na Sessão em causa registaram-se quatro momentos das entradas de discursos com estruturação narrativa, contudo, muito expostos aos momentos de passagem, daí a sua presença ser pouco densa.

Com o progredir das Sessões verifica-se que o carácter narrativo das argumentações evoluiu para uma presença mais efectiva em praticamente todos os momentos da discussão, mesmo, nesta sessão, a própria natureza das questões que constituem a **Agenda da Discussão** visam esta antecipação narrativa.

Nesta sessão foi ainda possível verificar que:

- Não se verificaram argumentações de estruturação narrativa pessoal.
- A argumentação de estruturação narrativa real, de natureza verificável, fundiu-se com a estruturação narrativa virtual, de natureza hipotética. A estruturação narrativa real afastou-se da exemplificação através do relato de certos fenómenos revisitados nas experiências quotidianas das crianças-participantes para criar um outro contexto demonstrável para as suas argumentações – “o real” verificável passaram a ser os elementos que compõe a tela, passou a ser a descrição desses elementos associados a um propósito que, ao se converter em discurso oral, ganha cariz narrativo, porém, a criança ao apropriar-se hipoteticamente desse real continuamente narrado entra na esfera da narrativa virtual - o lugar da tela.

Nesta sessão verificou-se que esta tipologia de estruturação narrativa foi a mais utilizada e esteve presente em todos os momentos da discussão.

No que diz respeito à dinâmica de grupo registaram-se comportamentos de atenção, motivação, sintonização e participação generalizada em todas as crianças-participantes; regras da discussão foram sempre cumpridas; uma gestão das participações praticamente entregue às próprias crianças-participantes; alguns registos de expressão física em relação ao espaço e às obras.

## **DISCURSO ABSTRACTO**

A subcategoria **Destino (Qual a diferença entre o que é um objectivo e o que é um destino?)** marca um momento único da discussão. Assim, a subcategoria **Destino**, de natureza compacta e intrincada, surge aquando da intervenção do CONV1 “Mas eu notei que quando falamos dessa batalha [tela 3], vocês falam de um objectivo final, mas quando o [IND 1] falou daquele percurso falou de um destino final [tela 5]. E eu gostava então de colocar essa questão, como é que vocês equacionam a diferença entre o que é um objectivo e o que é um destino?”, tal como já havia sido referenciado (Pág.24), que por sua vez desencadeou nos discursos a necessidade de *definição do conceito* Destino (subcategorias **A nossa direcção** e **Ponto de chegada**). No desenvolvimento da discussão e na segurança de um “terreno” mais próximo de uma definição, as suas argumentações abriram-se à dicotomia de duas posições aparentemente opostas, ou seja, à definição de determinados tipos de posições ou orientações argumentativas (subcategorias **Posição 1** e **Posição 2**). Posteriormente, o CONV1 volta a interpelar estas posições ou orientações argumentativas “Se o destino não depende directamente das nossas escolhas, se é incerto se nos pode surpreender, mas entretanto, é um ponto de chegada. Então, com que critérios é que nós, por exemplo, podemos fazer as nossas escolhas e estabelecer os nossos objectivos?” (subcategoria **Como fazemos as nossas escolhas?**) abrindo a discussão a argumentações mais incisivas que se sujeitaram a uma verificação narrativa num real hipotético.

Durante o momento de constituição da subcategoria **Destino (Qual a diferença entre o que é um objectivo e o que é um destino?)** verificaram-se comportamentos mais atentos e participativos com a peculiaridade de não exigirem uma moderação persistente de modo a manter nas crianças-participantes a motivação necessária para atingirem argumentações bem fundamentadas, pelo contrário, se excluirmos as intervenções pertinentes do CONV1 acima mencionadas, não foi necessário suscitar ou desafiar o nível de argumentação, clarificar as posições assumidas ou aporias.

Este momento revelador do discurso abstracto definiu também o seu término não só a nível discursivo como também a nível comportamental. Após as intervenções que se revelaram de natureza compacta e intrincada, instalaram-se momentos silenciosos com intervenções algo dispersas e menos incisivas, retomaram-se assuntos anteriores de pouca relevância e os comportamentos registaram-se calmos com momentos pontuais de silêncio. De facto, pode-se afirmar que a atmosfera tranquila insinuou um sentimento generalizado de missão cumprida.

## **REGISTO DE CONTROLO**

O necessário ajustamento do modelo de Lipman, a sua transferência para outro discurso associado à leitura e interpretação de obras de arte, obriga a que haja, desde o início do trabalho de campo, a preocupação de assegurar a qualidade e rigor dos procedimentos.

A 10ª Sessão A, bem como, o seu respectivo relatório, foi realizada mantendo segundo os mesmos propósitos e promoveu um melhor entendimento do sentido de evolução dos discursos das crianças-participantes.

## ANÁLISE DA OBRA E ENQUADRAMENTO NO ESPAÇO

**Sessão:** 10ª Sessão: *Silvae*

**Exposição:** *Silvae*, João Queiroz

**Data:** 6 de Janeiro de 2011

**Local:** Culturgest (Lisboa)

**Horas:** 13:00h às 13:55h

<b>Critérios metodológicos</b>	<b>Relevância</b>	Para critérios metodológicos manteve-se a <b>abordagem dedutiva</b> dos fenómenos observados tendo estes sido fortemente conduzidos pela teoria e pela questão de investigação. Assim, e tendo em conta que as crianças-participantes sentem a Sessão como sua, a seu pedido, incluiu-se na <b>Discussão</b> as restantes telas presentes na sala de exposições, perfazendo assim um total de 6 telas em discussão.
	<b>Enquadramento temático</b>	As crianças-participantes não revelaram qualquer dificuldade em desenvolver a interpretação e contextualização das obras.
	<b>Referências anteriores</b>	Visita anterior à exposição.
<b>Leitura da Obra</b>	<b>Características formais</b>	Obedeceu ao protocolo associado à Filosofia com Crianças.
	<b>Interpretação da Obra</b>	Sendo esta a 10ª Sessão em que estas crianças-participantes participaram, verificou-se uma rápida adaptação dos seus discursos às obras, à construção de ideias associadas e interpretativas, à rápida assimilação das argumentações e uma rápida entrada no discurso abstracto. A intervenção dos facilitadores foi algo diminuta e não houve qualquer necessidade de estimular a participação ou elevar o rigor das argumentações.
<b>Espaço museológico</b>	<b>Localização</b>	Culturgest (Lisboa) à qual acedemos por transporte publico
	<b>Leitura/percepção</b>	Considerada na 1ª visita e na disposição física dos participantes aquando da Sessão.
	<b>Integração na exposição</b>	Fenómeno salientado perante a tela que havia sido escolhida e aquando da Sessão propriamente dita, revelou-se incomoda uma vez que foi solicitada a inclusão das restantes telas presentes na sala. Do mesmo modo, a apropriação da exposição, no seu conceito total, quando cada participante propõe uma nova organização das telas na sala e justifica-o através da criação de narrativas individuais.
Obs:		

Quadro 3 – Avaliação da obra e enquadramento no espaço (Descrição)

## AVALIAÇÃO DA SESSÃO

**Sessão:** 10ª Sessão: *Silvae*

**Exposição:** *Silvae*, João Queiroz

**Data:** 6 de Janeiro de 2011

**Local:** Culturgest (Lisboa)

**Horas:** 13:00h às 13:55h

**Participantes:** IND 1; IND 2; IND 4; IND 5; IND 7; IND 8; IND 9; IND 10; IND 11; CONV 1; INV.

ENTRADA NO CAMPO		
Declarações	Individuais	Todos participaram; escolha individual incidiu sobre outras obras o que conduziu à inclusão de todas as telas presentes na sala. Individualidade e congruência nas escolhas.
	Grupo	Apropriação da exposição, no seu conceito total, quando propõe inclusão de mais telas, uma nova organização das telas na sala e justifica-o através da criação de narrativas individuais.
	Professor	Poucas intervenções, contudo, as que foram feitas marcaram episódios essenciais na construção da Discussão
	Investigadora	Poucas intervenções e as assinaladas acompanharam as intervenções do Professor.
	Outros	-
Comportamentos	Individuais	Inscrição na discussão através do “dedo no ar”; comportamentos de atenção e entusiasmo. Demonstrações argumentativas próximas das obras.
	Grupo	Comportamentos de atenção; cumprimento das regras da discussão; intervenções em relação próxima com o espaço e as obras reflectiram-se no modo como expunham as suas argumentações.
	Professor	Responsável pela moderação tendo partilhado a mesma com a investigadora
	Investigadora	Comportamentos associados à organização do equipamento; registo da sessão; participação na moderação.
	Outros	-
<p>Obs. Momento inicial desafiante quando a investigadora teve de adaptar a sessão preparada ao pedido de alargar a discussão a outras telas. Registo interessante do 1º vídeo com os comportamentos associados a este fenómeno. Franca evolução nas participações e integração dos discursos.</p>		

Quadro 4 – Avaliação da entrada no campo  
(Descrição)

DISCUSSÃO				
Obras de arte	Tempo de leitura	47 segundos		
	Comport. Físico	No 1º momento as crianças-participantes sentaram-se diante da tela lhes interessava individualmente; 2º momento mais consensual: sentaram-se em meia-lua alargando o campo de visão à maioria das telas. Os seus comportamentos físicos adaptaram-se à necessidade das suas percepções e argumentações.		
	Comport. Relacional	Comportamentos de empatia e complementaridade discursiva e alguns registos de comentários com o parceiro mais próximo em surdina.		
	Relevância	Obra	Obra seleccionada revelou a sua relevância quando integrada em conjunto com as outras obras presentes	
		Temáticas	Constituição de um leque temático sistematizado de interpretação por obra, da possível ligação entre algumas obras e de uma única subcategoria descritiva <b>Destino</b> .	
Discussão		Registo de 4 momentos: “leitura” das obras; constituição da <b>Agenda de discussão</b> ; <b>Discussão</b> (que incluiu interpretação, construção hipotética da contextualização das obras; 1 subcategoria temática constituída de um discurso mais abstracto); registo de propostas para formalizar outra exposição desenvolvido posteriormente na sala de aula.		
Investigação		As intervenções que estruturaram a subcategoria descritiva <b>Destino</b> de natureza complexa, apresentou 3 fases específicas: <i>definição do conceito</i> ; <i>posições ou orientações argumentativas</i> ; e, <i>verificação no real hipotético</i> .		
A. Discussão	Grau de participação	Participação alargada e contextualizada		
	Relevância	Temática	Participação alargada com a formulação de 9 questões que determinaram desde logo a carácter da discussão.	
		Discussão	As 9 questões da <b>Agenda da Discussão</b> determinaram desde logo a carácter da discussão. Intervenções pertinentes e concisas com a participação de todos os elementos; sem necessidade de moderação.	
Discussão	Dinâmica	Grupo	Comportamentos de atenção; cumprimento das regras da discussão; intervenções integradas no assunto em discussão. Excelente dinâmica de grupo na discussão.	
		Indivíduos	Todas as crianças-participantes participaram na Sessão incluindo os menos participativos em sessões anteriores.	
		Professor	Sem grande necessidade de moderação contudo, as suas intervenções foram essenciais na organização argumentativa que posteriormente revelou as 3 fases específicas na estruturação interna da subcategoria descritiva <b>Destino</b>	
		Investigadora	Muito pouco interventiva por sensibilidade à dinâmica que a sessão exigiu.	
	Acções	Interrupções acidentais	Não se verificaram	
		Interrupções provocadas	Não se verificaram	
		Comportamentos físicos	Aproximação às obras como processo totalmente integrado nos participantes para exemplificar o das suas argumentações.	
	Argumentações	Narrativas	Bem estruturadas. Ratificaram as áreas temáticas de maior interesse e no trabalho feito na sala de aula.	
		Argumentativas	Não se verificaram	
		Normativas	Não se verificaram	
		Estruturalistas	Associadas à <b>Leitura descritiva e cruzada de telas</b> e à subcategoria <b>Ligação entre telas</b> .	
		Jocosas	Não se verificaram	

Quadro 5 – Avaliação da Discussão  
(Descrição)

<b>OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE</b>		
Comportamentos	Flexibilidade	Verificou-se
	Objectividade	Preocupação com a partilha da moderação
	Empatia	Verificou-se
	Indução/Persuasão	Não se verificou
	Integração no grupo	Boa integração no grupo, sem registos de estranheza
	Avaliação do grupo	Empático, boa disposição, participações constantes e interessadas.
Moderação	Direcção formal (limitada à Agenda)	Não se verificou
	Condução temática (introduz outras questões)	Verificou-se apenas com uma única questão para que se aprofundasse uma determinada intervenção
	Orientação da dinâmica	Não houve grande necessidade de gestão das inscrições na discussão porque as crianças-participantes praticamente auto-gerirem as mesmas.
Preparação da sessão	Adequação da obra	Tanto a tela escolhida como todas as outras que foram integradas na Sessão revelaram a sua perfeita adequação ao perfil deste grupo
	Adequação ao grupo	Adequada a todos os elementos do grupo o que também se confirma pela participação de todas as crianças-participantes presentes
	Adequação à discussão	Adequada e incitadora da discussão
	Benefícios	Abordagens de obras expressivas que não referem conteúdo figurativo; sessão integrada numa exposição retrospectiva do pintor; constituição e integração de um conhecimento específico relacionado com a possível ligação das obras expostas num mesmo espaço físico; posterior reconhecimento de trabalhos deste mesmo autor
	Dificuldades encontradas	Não se verificaram
Obs.		

Quadro 6 – Avaliação da observação participante  
(Descrição)

### AVALIAÇÃO DA CONSTRUÇÃO DE TEORIAS ENRAIZADAS<sup>3</sup>

<b>1</b>	Os critérios foram concebidos?	Crítérios de análise foram geradores de novas possibilidades teóricas (a ver pág.67)
<b>2</b>	Os conceitos estão sistematicamente relacionados?	Os conceitos foram sistematicamente relacionados ao longo de todo este Relatório e alterados mediante as necessidades específicas desta sessão, nomeadamente no que diz respeito ao trabalho realizado na sala de aula.
<b>3</b>	Há muitas ligações conceptuais e as categorias estão bem elaboradas? As categorias têm densidade conceptual?	As ligações conceptuais foram devidamente sustentadas bem como a elaboração das categorias. Pôde-se verificar numa das categorias um grau de relevância estável pelo que, considera-se pertinente a sua densidade conceptual.
<b>4</b>	Há muita variedade introduzida na teoria?	Considerou-se pertinente a variedade que se verifica introduzida na teoria.
<b>5</b>	As condições mais amplas que afectam o fenómeno estudado são contempladas na explicação?	
<b>6</b>	O “processo” foi tido em linha de conta?	Sim, o processo bem como a natureza específica desta sessão conduziram a alterações efectuadas no protocolo.
<b>7</b>	Os resultados teóricos parecem significativos? Em que medida?  O que reflectem? <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ “o ponto de vista do sujeito”;</li> <li>➤ Descrição dos ambientes;</li> <li>➤ Interesse na produção da ordem social</li> <li>➤ Reconstituição das “estruturas de profundidade, geradoras da acção e do significado”?</li> </ul>	Efectivamente  Na medida em que se pode verificar a forte adaptação dos participantes, verificou-se uma melhor capacidade de argumentar, a densidade dos discursos de natureza abstracta e a necessidade de finalização da sessão em trabalho individual concreto.  Na sua evolução e características; Adaptação e controlo do ambiente; No domínio das dinâmicas sociais proporcionadas pelas regras da discussão; O Retrato da Discussão e as respectivas conclusões permitiram aprofundar que tipos de estruturas estão intrínsecas ao discurso abstracto, que tipo de acção requerem e que tipos de significações gerem.

Quadro 7 – Avaliação da construção de teorias enraizadas

<sup>3</sup> Critérios elaborados por Corbin e Strauss (Flick, 2005, pág. 237)

## AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE PESQUISA<sup>4</sup>

<b>1</b>	<p>Como foi constituído o grupo original? Com que base (selecção de grupo)?</p>	<p>O grupo enquadra-se no conceito de grupo focalizado (amostra teórica). Para esta sessão, foi constituído um grupo de 9 crianças-participantes (2 Femininos e 7 Masculinos) e 2 adultos (1 Feminina e 1 Masculinos)</p>
<b>2</b>	<p>Que categorias principais emergiram?</p>	<p>Agenda da discussão, Discussão (T1; T2; T3; T4; T5; T6; Ligação entre telas; Destino; Disposição de telas)</p>
<b>3</b>	<p>Quais foram os acontecimentos, incidentes, acções etc., que serviram de indicadores para aquelas categorias?</p>	<p>Relevância temática, estrutura argumentativa</p>
<b>4</b>	<p>Que categorias serviram de base ao prosseguimento da amostragem teórica, ou seja, como é que as formulações teóricas guiaram parte da colecta de dados? Depois de efectuada a amostragem teórica, que representatividade provaram ter estas categorias?</p>	<p>Prática inscrita na Filosofia com Crianças desde os 3 anos de idade; adaptabilidade ao protocolo proposto, perfeita integração no panorama pedagógico-científico da Cooperativa de Ensino a Torre.  (Ainda em observação)</p>
<b>5</b>	<p>Quais foram as hipóteses centrais acerca das relações entre as categorias?  Em que bases foram formuladas e testadas?</p>	<p>Como poderia uma Filosofia com Crianças possibilitar uma Estética com Crianças, de que modo o possibilitava.  Formuladas e estudadas a partir dos pressupostos metodológicos da <i>grounded theory</i> e <i>follow up</i>.</p>
<b>6</b>	<p>Houve casos em que as hipóteses não se mantiveram, face ao realmente observado? Como foram explicadas as discrepâncias? Como foram efectuadas as hipóteses?</p>	<p>Não se verificou (Ainda em observação)</p>
<b>7</b>	<p>Como e porquê foi escolhida a categoria nuclear? A selecção foi repentina ou gradual, fácil ou difícil?  Em que bases foram tratadas as decisões da análise final?  Como apareceram nessas decisões os critérios “vasto poder explicativo” e “relevância” em relação ao fenómeno estudado?</p>	<p>De acordo com a natureza do protocolo assumido pela Filosofia com Crianças e pela Discussão efectuada.  A selecção foi de construção gradual, a decisão final da análise obrigou a uma verificação posterior da metodologia. Necessidade de comparar vários relatórios formulados. A relevância da análise necessita da comparação dos vários relatórios a formular.  Sim, os critérios aparecem pelo seu poder explicativo pelo seu poder de relevância em relação ao fenómeno estudado.</p>

Quadro 8 – Avaliação do processo de pesquisa

<sup>4</sup> Critérios elaborados por Corbin e Strauss (Flick, 2005, pág. 236)